

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

Jude Civil

**DIÁLOGOS ENTRE DISCURSOS MUDIÁTICOS SOBRE IMIGRANTES E
EXPERIÊNCIAS DE UM HOMEM NEGRO HAITIANO**

Belo Horizonte
2021

Jude Civil

**DIÁLOGOS ENTRE DISCURSOS MUDIÁTICOS SOBRE IMIGRANTES E
EXPERIÊNCIAS DE UM HOMEM NEGRO HAITIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea.

Linha de Pesquisa: Textualidades Mudiáticas

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Caldas Pessoa

Belo Horizonte

2021

301.16 C582d 2021	<p>Civil, Jude.</p> <p>Diálogos entre discursos midiáticos sobre imigrantes e experiências de um homem negro haitiano [manuscrito] / Jude Civil. - 2021.</p> <p>115 f.</p> <p>Orientadora: Sônia Caldas Pessoa.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Comunicação – Teses. 2. Migração- Teses. 3. Estereótipo (Psicologia) - Teses. 4. Afeto (Psicologia) - Teses. 5. Discriminação racial - Teses. I. Pessoa, Sônia Caldas . II. Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------------------------	---

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"DIÁLOGOS ENTRE DISCURSOS MIDIÁTICOS SOBRE IMIGRANTES E EXPERIÊNCIAS DE UM HOMEM NEGRO HAITIANO"

JUDE CIVIL

Dissertação de mestrado defendida e aprovada, no dia **01 de abril de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos(as) seguintes professores(as):

Prof^a. Dr^a. Profa Sônia Caldas Pessoa - Orientadora (UFMG)

Prof^a. Dr^a. Maria del Carmen Rico Menge (Université du Québec à Montréal)

Prof^a. Dr^a. Ângela Cristina Salgueiro Marques (UFMG)

Prof^a. Dr^a. Camila Maciel Campolina Alves Mantovani (UFMG)

Belo Horizonte, 01 de abril de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Maciel Campolina Alves Mantovani, Professora do Magistério Superior**, em 07/04/2021, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Caldas Pessoa, Coordenador(a) de curso**, em 08/04/2021, às 18:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angela Cristina Salgueiro Marques, Professora do Magistério Superior**, em 08/04/2021, às 18:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria del Carmen Rico Menge, Usuário Externo**, em



12/04/2021, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0661181** e o código CRC **38A557DC**.

Referência: Processo nº 23072.217927/2021-71

SEI nº 0661181

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus pela saúde e sabedoria que me deu para realizar esta pesquisa num período tão difícil e complicado. Gostaria de expressar minha infinita gratidão à professora Sônia Pessoa pela paciência e generosos conselhos para realizar esta pesquisa e as maneiras excepcionais de afetos que ela conduziu as reuniões de trabalho. Agradeço as professoras: Ângela Marques e Camila Montovani pelas ricas sugestões no exame de qualificação. Agradeço a minha família mesmo de longe que sempre me apoiou ao longo dessa trajetória, especialmente minha mãe, Edna Jules, que é uma pessoa muito especial na minha vida.

Agradeço todos meus colegas haitianos que me deram e dão apoio psicológico e moral ao longo do desenvolvimento do trabalho: Fernande, Miguelina, Kevin, Dina, Jefferson, Gethro, Jhon, Abdoul, Augustave, Kelly Monacé e Roodji. Aos colegas discentes, Matheus Salvino, Ana Guerra, Alexei e amigos, professores do Afetos: Grupo de Pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades (www.afetos.com), por vários momentos que passaram juntos e pelas palavras de afeto nos momentos difíceis. Aos professores, coordenadores, funcionários do PPGCOM, pela excelência do programa e a secretária Elaine. Agradeço a todos os meus amigos brasileiros: Davi Seabra Grossi, Amadeus Rocha, Marco Túlio Bayma, Theofilos Rocha, Izabela de Jesus Jesuíno, Expedito Abdon Vicente, Aline Pollon, Jaine, Lucas e Luciana.

Um agradecimento muito especial aos funcionários que trabalham no setor do Bandeirão da UFMG, que sempre mandam mensagens para mim para saber se estava bem durante a pandemia. A COVID-19 mudou completamente a minha rotina ao longo do desenvolvimento do trabalho. Para ter mais concentração, no final de mês de maio fui estudar todos os dias na UFMG. Ao longo desse período encontrei funcionários excepcionais que compartilharam comigo momentos de afetos e sempre me chamavam para tomar café, chá e outras comidas, deixo um agradecimento especial para esses queridos funcionários.

Por fim, à Capes e à UFMG, pelo apoio financeiro que me permitiu realizar esta pesquisa, pela experiência enriquecedora do ponto de vista acadêmico e profissional ao longo de seis anos de convívio no Campus Pampulha.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo dialogar em torno dos discursos midiáticos da migração haitiana e da experiência de um homem negro haitiano. O trabalho baseou-se em pesquisas que foram feitas sobre o fluxo migratório haitiano no Brasil e as experiências do haitiano que descobriu-se negro devido às questões raciais da sociedade brasileira. Considerando que com as experiências vividas pelo pesquisador desta dissertação e os discursos imaginários sobre os imigrantes haitianos fosse possível construir sua identidade como negro. Assim pretende-se avaliar as dimensões afetivas que atravessam essas experiências e analisar algumas reportagens que apresentam pistas de discriminação racial, estereótipo, vulnerabilidades sobre a chegada da mobilidade da diáspora haitiana em território brasileiro.

Palavras-chave: Migração; Afetos; Estereótipos; Discriminação Racial; Vulnerabilidades.

RÉSUMÉ

Cet article vise à dialoguer autour des discours médiatiques sur la migration haïtienne et l'expérience d'un homme noir haïtien. Le travail est basé sur des recherches qui ont été faites sur le flux migratoire haïtien au Brésil et les expériences de l'Haïtien qui s'est découvert noir en raison de problèmes raciaux dans la société brésilienne. Considérant qu'avec les expériences vécues par le chercheur de cette thèse et les discours imaginaires sur les immigrants haïtiens, il lui sera peut-être possible de construire son identité d'homme noir. Ainsi, il vise à évaluer les dimensions affectives qui traversent ces expériences et à analyser certains rapports qui présentent des indices de discrimination raciale, de stéréotypes, de vulnérabilités sur l'arrivée de la mobilité de la diaspora haïtienne sur le territoire brésilien.

Mots clés: Migration; Affections; Stéréotypes; Discrimination Raciale; Vulnérabilités.

ABSTRACT

This study aims to dialogue on the mediatic discourse of the Haitian migration and on the experience of a black Haitian man. The study was based on research that approached the Haitian migration flow to Brazil and the experiences of the Haitian citizen that found himself to be black due to racial issues within the Brazilian society. Considering that together with the experiences undergone by the author of this dissertation and the imaginary discourses about Haitian immigrants, it might be possible for him to build his identity as a black man. Thus, it is intended to evaluate the affective dimensions that traverse those experiences and also to analyze some reportages on the arrival of the Haitian diaspora in Brazil that show evidence signs of racial discrimination, stereotype, and vulnerabilities.

Key words: Migration. Affections. Stereotypes. Racial Discrimination. Vulnerabilities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	12
A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ATRAVÉS DE DIÁLOGOS, EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS	12
1.1 Corpo afetado, vivências e experiências de um homem negro haitiano em Belo Horizonte	13
1.2 Os imaginários sociodiscursivos sobre a migração haitiana e experiências vividas	43
CAPÍTULO 2	52
A MIGRAÇÃO HAITIANA NO MUNDO: O BRASIL COMO NOVO ESPAÇO MIGRATÓRIO	52
2.1 A imigração dos haitianos no mundo	53
2.2 Os Fatores da imigração dos haitianos para o Brasil	58
2.3 Migração dos haitianos para a região metropolitana de Belo Horizonte e minha experiência com essa mobilidade	63
CAPÍTULO 3	76
A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS E VULNERABILIDADES DOS IMIGRANTES	76
3.1 A construção de estereótipos e vulnerabilidades dos imigrantes	76
3.2 A migração dos haitianos através do jornal O Tempo	87
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102
ANEXO	106

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

(Nelson Mandela)

INTRODUÇÃO

A temática “Diálogos entre discursos midiáticos sobre imigrantes e experiências de um homem negro haitiano” surgiu como motivação para esta dissertação através das seguintes premissas: experiências e vivências de um estudante estrangeiro negro, a produção de imagens e a visibilidade midiática em torno de imigrantes haitianos no Brasil e seus impactos no processo de inserção dos haitianos na sociedade brasileira. A proposta dessa reflexão é um diálogo sobre a minha experiência como homem negro e com os discursos midiáticos sobre os imigrantes.

No primeiro capítulo do presente trabalho, abordei minha vivência e minhas expectativas antes de chegar no Brasil. Fiz uma breve apresentação sobre a historicidade da questão racial no Haiti e minhas experiências na capital mineira. Além disso, falei sobre os imaginários em torno da mobilidade haitiana no Brasil e as experiências vividas sobre essa mobilidade. Para a presente dissertação abordei minhas vivências a partir de uma dimensão afetiva de modo a saber de que forma os discursos midiáticos impactam e constituem o dia a dia do homem negro haitiano na sociedade brasileira. Levantei alguns pontos importantes da minha experiência na sociedade haitiana, pois o racismo no Haiti não ocorre da mesma forma como no Brasil porque a maioria da população é negra. Conforme apresentado por Mendonça e Moriceau (2016), para este trabalho “a experiência com todos os nossos sentidos, objetivando um contato tão próximo que ela poderia nos afetar. Aceitamos alguma contaminação e experimentamos plenamente experiência” (MENDONÇA; MORICEAU, 2016, p.83). Assim sendo, o objetivo aqui é resgatar os afetos que atravessam o pesquisador e que lhe possibilitam descobrir-se enquanto homem negro haitiano nas suas experiências particulares no Brasil.

De acordo com Sousa (1990): “ser negro no Brasil é um processo de busca por uma auto definição perpassando contextos históricos e políticos, tensões e descobertas, histórias familiares e a subjetividade” (SOUSA, 1990, p.77). Percebe-se aqui que “ser negro” é definido como uma identidade complexa, uma vez que envolve vários aspectos socioeconômicos e políticos. No entanto, esse processo se dá de forma bem diferente na minha terra natal, uma vez que no Haiti, por exemplo, há uma diferença na disputa política entre os brancos descendentes dos colonizadores e os negros descendentes de negros escravizados trazidos de vários países do continente africano, o que envolve questões interseccionais de classe, raça e gênero, muitas vezes imperceptíveis para quem vive no Haiti. As dimensões afetivas e experiências vividas no processo de

identificação como negro no Brasil foram questões fundamentais para a elaboração desta pesquisa. Para isso, fiz minhas análises com estes conceitos tais como: estereótipos, vulnerabilidades, imaginário sociodiscursivo e *corpus sensível*. O conceito *corpus sensível* nos permite avaliar as dimensões afetivas das experiências vividas e aqui, no presente estudo, por um homem negro haitiano. Como apontou Pessoa (2018):

Corpus sensível é aquele que além de despertar, no pesquisador, emoções e afetos diversos que influenciam diretamente no gesto epistemológico, exige dele posicionamento e escolhas que tragam a centralidade da investigação para os sujeitos, tanto os pesquisados quanto os pesquisadores. (PESSOA, 2018, p.22).

Dessa forma, esse conceito nos permite aproximar os afetos que atravessam essas experiências para que dialoguem com os imaginários sociodiscursivos sobre a migração haitiana a fim de compreender os processos pelos quais eu, estudante haitiano, passei para me descobrir como negro no Brasil. Além disso, permite-nos refletir sobre a construção dos estereótipos e as vulnerabilidades dos imigrantes haitianos.

Como estudante haitiano estrangeiro e negro dentro de uma universidade federal, mais precisamente a Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, Brasil, é um privilégio ao qual cabe trazer minhas reflexões sobre a recente imigração de haitianos para a capital mineira, onde resido há seis anos.

No segundo capítulo fiz um panorama da mobilidade dos haitianos pelo mundo e os fatores da migração haitiana para o Brasil. Através de pesquisas que já foram realizadas em torno da mobilidade haitiana foi possível trazer alguns dados sobre a migração haitiana principalmente durante o período da ditadura dos Duvalier e os fatores dessa migração. Para a recente migração do povo haitiano ao Brasil, fiz uma breve apresentação sobre as relações entre ambos os países, seja diplomática, educacional, entre outras. Abordei também alguns possíveis fatores dessa chegada e minha experiência com a mobilidade dos haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte. Num primeiro momento, refleti sobre a fala de alguns haitianos nos trabalhos de Dornelas (2016) e Therrier (2017) para pensar sobre algumas dificuldades relatadas que impediram sua inserção na capital mineira e lhes colocam numa situação de vulnerabilidade. Além disso, através dessas falas encontrei uma similaridade na construção dos estereótipos em torno da mobilidade haitiana. No segundo momento estabeleceu-se uma discussão sobre a imigração haitiana através de reportagens do jornal mineiro O Tempo. Para realizar essa discussão, selecionamos três reportagens com datas diferentes nas quais as narrativas dos imigrantes nos ajudam a meditar sobre a mobilidade haitiana e relacioná-las às nossas experiências. O objetivo é refletir sobre a

migração por outro ângulo, através das dimensões afetivas que atravessam nossas experiências e nossos corpos. Para além disso, a proposta final é compreender de que maneira os afetos ordinários e as experiências cotidianas podem nos afetar e pode dificultar o processo da integração sociocultural de alguns estrangeiros no país acolhedor.

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ATRAVÉS DE DIÁLOGOS, EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS

O primeiro capítulo desta dissertação tem o propósito de trazer um panorama em torno das minhas expectativas antes de chegar ao Brasil, uma breve historicidade sobre a questão da discriminação racial no Haiti e minhas experiências vividas como estudante estrangeiro e como um homem negro haitiano. Escrevo “como um homem negro” porque na minha terra a cor da minha pele nunca representou consequências, do ponto de vista racial, para circular pela sociedade, isso é, meu corpo não é estranho para a sociedade haitiana. Ao chegar ao Brasil, precisamente a Belo Horizonte, precisei enfrentar questões raciais pela forma com que os negros são vistos na sociedade brasileira. Antes de minha chegada, a visão que tinha do Brasil era a de um país sem problemas raciais, pois tudo que costumávamos ver no Haiti sobre o Brasil era que este fosse um país sem discriminação racial, como exemplo, podemos citar o carnaval do Rio de Janeiro que mostrava o quão bem convivem as raças. Além disso, o carnaval do Rio é uma festa popular e mundialmente conhecida por sua diversidade cultural. Nesse contexto, imaginei que o país fosse um paraíso racial, pois sendo uma pessoa que gosta de futebol e que tem a seleção brasileira como preferida, via uma seleção “misturada” com vários grupos de pessoas com tons de pele diferentes.

Comecei a me preocupar com as questões raciais na sociedade brasileira quando entrei no curso de Comunicação Social em março de 2015, o que me deu possibilidade de problematizar minhas experiências cotidianas. Assim, comecei a fazer perguntas para meus colegas sobre algumas atitudes que achei estranhas, pois, quando entrava num ônibus, as pessoas me olhavam de uma forma diferente, às vezes seguravam mais forte suas bolsas. Quando sentava numa cadeira e a outra estava vazia era difícil que alguém se sentasse ao meu lado, mesmo que houvesse pessoas de pé. Nesses eventos, entendi tais atitudes como sendo normais e não cheguei a compreendê-las como um fator que estivesse relacionado com a cor da minha pele. Foi a partir de outras experiências vividas futuramente e que são apresentadas neste capítulo que pude construir a identidade negra em relação com as dimensões afetivas que atravessam essas experiências. Para Mendonça e Moriceau (2016):

Para saber algo da experiência devemos, antes de mais nada, vivê-la, deixá-la agir em nós. Precisamos deixar a posição de observador distanciado, permitir

que alguns de seus aspectos nos afetem, em ambos sentidos: transformar-nos e dar origem a certos efeitos. O afeto é um sinal de que alguma coisa nos chega e o efeito da experiência. Ele demonstra que estamos em contato com a experiência e o que isso nos ensina. Viver a experiência não é apenas capturá-la para analisá-la, mas é também reagir e interagir. Ser afetado é um apelo ao engajamento. (MENDONÇA; MORICEAU, 2016, p.85)

Como se pode observar na reflexão desses autores, para saber algo sobre a experiência precisamos vivê-la e deixá-la agir em nós, pois assim podemos analisar os afetos que atravessam essas experiências. Além disso, elas nos permitem reagir, interagir e tomar novas atitudes pela forma que nosso corpo foi afetado, dado que os afetos nos colocam numa situação de questionamento e reflexão em torno daquilo que mexe com nossos corpos. Assim, essas experiências que serão abordadas nesta presente dissertação são aquelas que mexem com nossos corpos e que nos permitem questionar: o que é ser negro no Brasil? Além disso, levam-nos a relacionar nossas experiências em torno dos discursos midiáticos sobre o fluxo migratório dos haitianos para o Brasil.

Assim, apresento um panorama dos processos pelos quais passei para vir ao Brasil e minha vivência na sociedade haitiana. Além disso, abordo a migração haitiana a partir das minhas experiências vividas como haitiano na capital mineira. Pode-se dizer que tenha havido certa homogeneidade na forma pela qual a recente migração haitiana foi vista para algumas pessoas. Nesse contexto, fiz uma reflexão sobre o termo refugiado em relação ao contexto da chegada do povo haitiano ao território brasileiro. Observei que cada vez que falava que era haitiano, as pessoas sempre me perguntavam: “você é refugiado?” Então, essa reflexão nos dará a possibilidade de compreender a construção dos imaginários sociodiscursivos da sociedade sobre a recente migração dos haitianos para o Brasil.

1.1 Corpo afetado, vivências e experiências de um homem negro haitiano em Belo Horizonte

1.1.1 Uma breve historicidade sobre a questão racial e minha vivência no Haiti.

Para compreender a questão racial na sociedade haitiana precisamos voltar no período da colonização. Antes da independência, a ex-colônia da França era composta por 400 mil escravos, 28 mil libertados e 40 mil colonos (LABELLE, 1987). Então, era uma sociedade hierarquizada, baseada na superioridade e na valorização racial; ser branco na colônia estava associado ao máximo de direitos, prestígio, riqueza, poder e liberdade.

No entanto, o colonizador tratava o escravo duramente como um cativo e não como um negro livre. De fato, a principal contradição é a de um regime que coloca os proprietários de escravos contra os escravos em um quadro colonial inserido no sistema capitalista, e não entre brancos e negros (Idem, 1987). Partindo dessa hierarquização a divisão do trabalho estabeleceu uma diferença entre:

Comandantes, escravos de oficina, escravos domésticos ou escravos de jardim; escravos de cidades ou lares; escravos crioulos (nascidos na colônia, implicando "civilizados") e escravos "corcundas" ou "negros-guineenses" (recém-chegados da África, carregando "sinais", costumes e costumes específicos); escravos fugitivos que fogem para as montanhas ou "estilo espanhol" (ou seja, para a parte oriental da ilha) para formar comunidades de resistência produtivas e auto-subsistentes baseadas no cultivo de café e alimentos¹ (LABELLE, 1987, p.44)

Os escravos não eram considerados seres humanos e foram explorados para trabalho forçado pelos franceses. Como pode-se observar a divisão do trabalho na sociedade escravista permitia vários tipos de escravos em Santo Domingo (atual Haiti). Mesmo com essa hierarquia que existia na ex-colônia francesa, a questão da cor da pele nunca impediu alianças entre diversos setores das classes dominantes quando os interesses econômicos e sociais convergentes estavam em jogo. Então, a cor da pele apareceu no nível da conquista do aparelho estatal no qual a "questão da cor" tem sido jogada como uma carta de demanda (LABELLE, 1987, p.48). Assim, os primeiros momentos do problema racial no nível político e da luta de classes aparecem entre 1790 e 1804. Segundo Labelle (1987):

As primeiras manifestações do problema da cor no nível político da luta de classes ocorreram entre 1790 e 1804, enquadradas pelas manobras dos agentes franceses de apoio aos interesses metropolitanos. A Guerra do Sul (1799-1800) ilustra particularmente o primeiro conflito de grande escala entre mulatos e negros, em torno do General Rigaud no Sul, com o general negro Toussaint Louverture governando de fato o resto do país; ao final das hostilidades, Rigaud foi exilado na França. Em 1801, a França pós-revolucionária recuperou o interesse em Santo Domingo, sob pressão dos grandes colonos expropriados. Napoleão queria até mesmo restabelecer a escravidão que havia sido abolida em 1794. Alguns chefes mulatos se aliaram ao General Leclerc e às tropas francesas para lutar contra Toussaint. Foi somente em 1803 que o mulato Petion (que também havia retornado da França para lutar no exército de Leclerc), encurralado e ameaçado pela política de terror de Rochambeau, elaborou a estratégia para a Guerra da

1 commandeurs, esclaves des ateliers, esclaves domestiques, ou esclaves de jardins ; esclaves des villes ou des habitations ; esclaves créoles (nés dans la colonie, sousentendu « civilisés ») et esclaves « bossales » ou « nègres-Guinée » (frais arrivés d'Afrique, porteurs de « signes », de mœurs et de coutumes spécifiques) ; esclaves marrons qui fuient dans les montagnes ou « à l'Espagnol » (c'est-à-dire dans la partie Est de l'Île) pour constituer des communautés de résistance, productives et auto-subsistantes, basées sur la culture du café et des vivres.

Independência com Dessalines; no mesmo ano também, negros e mulatos lideraram a última fase da guerra.² (LABELLE, 1987, p.48)

Partindo da reflexão da autora, podemos observar que os conflitos da cor da pele ocorrem a nível político e na luta de classes entre os brancos e mulatos. Essa luta de classes e a abolição dos escravos contribuíram para o processo da Revolução Haitiana primeiramente sobre a direção do general Toussaint Louverture e depois por Jean Jacques Dessalines que liderou a Guerra da Independência. Após a independência, para resolver a questão da cor da pele, Dessalines publicou a constituição de 1805, na qual mencionou que “os haitianos passarão a ser conhecidos apenas sob o termo genérico ‘Negros’” (Artigo 14 da constituição de 1805). De acordo com esse artigo, quaisquer haitianos que nascessem com a pele de cor mais clara seriam negros, o que queria dizer que não havia mais diferença de cor entre as pessoas. Todos os cidadãos, mesmo os poucos alemães ou poloneses que se uniram à causa das revoltas, são, portanto, conhecidos "sob o nome genérico de Negros" (D.ROGERS, 2003, p. 84).

Segundo Mbembe (2014), a Revolução Haitiana deu uma constituição mais radical ao novo mundo. O autor destacou que essa constituição interdita a nobreza, instaura a liberdade de culto, critica os conceitos de propriedade e de escravatura. Além disso, ela aboliu a escravatura, permitiu confiscar as terras dos colonos franceses da classe dominante, aboliu a distinção entre os nascimentos legítimos e ilegítimos, promoveu a liberdade racial e liberdade universal (MBEMBE, 2014, p.36). Podemos observar que após a independência a diferença da cor da pele foi dissipada na sociedade haitiana. Percebe-se que os dirigentes do novo Estado fizeram uma ruptura com algumas práticas da sociedade escravista. No entanto, depois da morte do Jean Jacques Dessalines, em 17 outubro de 1806, o país foi dividido em duas repúblicas: as partes Oeste e Sul foram dirigidas por Alexandre Pétion e a parte Norte foi dirigida por Henry Christophe.

2 Les premières manifestations du problème de couleur au niveau politique de la lutte des classes ont lieu entre 1790 et 1804, encadrées par les manœuvres d'agents français soutenant les intérêts métropolitains (Bastien, 1968 : 10). La guerre du Sud (1799-1800) illustre particulièrement le premier conflit d'ampleur entre mulâtres et noirs, les premiers ralliés autour du général Rigaud dans le Sud, le général noir Toussaint Louverture dirigeant de fait le reste du pays ; à la fin des hostilités, Rigaud s'exile en France. En 1801, la France post-révolutionnaire reprend intérêt à Saint-Domingue, sous la pression des grands colons expropriés. Napoléon veut même y rétablir l'esclavage aboli en 1794. Certains chefs mulâtres s'allient alors avec le général Leclerc et les troupes françaises pour combattre Toussaint. Ce n'est qu'en 1803 que le mulâtre Pétion (revenu de France également pour combattre dans l'armée de Leclerc), acculé, menacé par la politique de terreur de Rochambeau, élabore avec Dessalines la stratégie de la guerre d'indépendance ; la même année également, noirs et mulâtres en menaient la dernière tranche.

A partir de 1806, duas facções governaram o país. Christophe proclamou-se como rei no Norte e representava a facção negra; já o presidente Pétion, no Sul, representava a facção dos mulatos. Mesmo com a reunificação do país em 1820, sob a presidência de Boyer, a luta de classes continuaria sendo um problema na sociedade haitiana. Então, ao longo de todo o século XIX a fração mulata predominante dos antigos libertos se constituiu gradualmente em uma fração hegemônica, em uma classe de revezamento para os interesses do grande comércio exterior (LABELLE, 1987).

Mesmo que o país tivesse sido reunificado, a sociedade haitiana conheceu vários momentos de instabilidade econômica, social e política. Toda história política do Haiti no século XIX, foi marcada pela luta de dois grupos (mulatos e negros) pertencentes à mesma classe social. A primeira seria composta por moradores e comerciantes de cidades mestiças, a outra por soldados negros, bem estabelecidos no campo (LABELLE, 1987; ROGERS, 2003).

Durante o século XX, surgiu no Haiti um movimento de negritude, nacionalismo cultural, pensamento autêntico/indigenista. Esse movimento surgiu através dos trabalhos intelectuais daquela época, como Jean Price-Mars, com seu livro *Ainsi parla l'oncle* (1928), que valorizou a cultura dos afrodescendentes. O livro teve uma forte influência no movimento de negritude que foi organizado em Paris (1932) em torno da revista *Présence africaine*, com Césaire, Damasco e Senghor. No Haiti, *La Nouvelle Ronde* (1925), *La Trouée* e a *Revue indigène* (1927), o grupo de *Griots* (1932), formado por Magloire Saint-Aude, Lorimer Denis, Carl Brouard, Jean-Baptiste Romain e François Duvalier, que defendeu um retorno às origens: revalorização do negro, da África e de seu patrimônio cultural, tradições populares e folclore (LABELLE, 1987).

Esse movimento teve certo impacto na sociedade haitiana, pois permitiu que surgissem um forte setor negro e uma pequena burguesia negra se manifestando nas profissões, no comércio de produtos supérfluos e no serviço público. No entanto, não houve muitas mudanças para as massas camponesas e para a classe trabalhadora (Idem, 1987). Hoje em dia a classe política está sob o controle dos negros e a economia está dividida entre uma pequena burguesia negra e mulatos.

Como pode-se observar, após a independência, a diferença da cor da pele foi motivo de disputa política entre negros descendentes de escravos e mulatos que nascem na colônia. Percebe-se que era uma luta de classes entre esses dois grupos com o objetivo de saber

qual grupo iria monopolizar o poder público, pois a constituição de 1805 considerava todos os haitianos como sendo negros, qualquer que fosse a cor de sua pele. Podemos observar que no século XX, houve um grande movimento de negritude no Haiti com objetivo de valorizar as culturas dos descendentes africanos.

Essa breve introdução sobre a historicidade racial no Haiti nos permite ter certa noção sobre como foi abordada a questão da cor da pele na ex-colônia francesa após sua independência. No entanto, isso não quer dizer que não exista racismo no Haiti. Mesmo que seja um país no qual a maioria da população é negra, através da minha experiência, percebo que os haitianos usam outras palavras para diferenciar a cor da pele, como exemplo temos as expressões em crioulo haitiano e seu significado em português: *misye ble marin anipil*: Ele é muito azul marinho; *misye gen nwè sal sou li*: Ele tem um preto sujo; *misye nwè tankou kaka chabon*: Ele é escuro como carvão. Todas essas expressões em crioulo são usadas para falar de uma pessoa que tem a pele mais escura. Então, habitualmente, não é difícil ouvir essas palavras na fala de meus colegas para ofender alguém que tem a pele mais escura. Posso dizer a palavra branco e negro, mas elas não são usadas pelos haitianos para diferenciar as colorações de pele na sociedade haitiana.

Outro ponto acerca desse tema é que quando a pessoa tem nível superior, os questionamentos sobre o racismo e as questões do racismo e negritude na sociedade haitiana são mais comuns. Do meu ponto de vista, a questão racial é algo muito complexo na sociedade haitiana, pois as questões raciais e seus desdobramentos ainda são um tanto difusos, pois esse não é um assunto tão debatido no país, assim, essas reflexões são minhas em relação com o imaginário sociodiscursivo da população sobre a diferença entre branco e negro, sobre a forma que os haitianos diferenciam os distintos tons de pele e os problemas raciais que existem na sociedade haitiana. Não encontrei trabalhos acadêmicos para reforçar minhas ideias em torno do assunto, porém, é um assunto muito relevante para mim, pois permite traçar minha trajetória e analisar minha experiência sobre a forma que vivi o racismo na sociedade brasileira.

Desde minha infância até o dia em que deixei o Haiti para vir ao Brasil, o termo racismo nunca foi um assunto tão debatido no meu cotidiano. Então, não cheguei a vivenciar comportamentos racistas na sociedade haitiana como vivenciei aqui na sociedade brasileira. Na minha vivência tive contato com pessoas com a pele mais clara

e mais escura. Minha família é composta por pessoas com a pele clara e escura. Segue abaixo uma foto da minha família quando era bebê:

(Figura 1)



Fonte: arquivo pessoal.

Na foto (da direita para a esquerda) vê-se: minha mãe comigo no colo, a mulher mais escura, ao lado dela meu padrinho, a seu lado está minha tia e na frente dela está meu pai, por fim, a menina ao centro é minha prima. Essa foto é o reflexo das pessoas com quem convivi no Haiti, seja na escola (ensino fundamental e ensino médio), igreja, universidade, entre outros. Então, a diferença que vivenciei na sociedade haitiana foi baseada na questão de classe social. Por exemplo, o sistema educacional do país é o resultado dessa diferença de classe social. Então, na sociedade haitiana há vários tipos de escola e cada família coloca seus filhos nas escolas que correspondem à sua condição financeira. Além disso, todas essas escolas não oferecem a mesma formação, pois cada uma delas apresenta uma grade curricular em função da sua clientela.

Posso dizer que no Haiti existem escolas para os ricos, escolas de classe média e escolas para os pobres: nas escolas para ricos, encontram-se alunos da burguesia haitiana sejam negros ou mulatos. Mesmo com essa divisão nas escolas, é possível encontrar uma diferença na formação acadêmica de cada uma dessas escolas. Assim, nas escolas de classe alta, as formações são diferenciadas pela formação linguística (francês ou inglês)

e seus programas são mais voltados para a preparação para experiências internacionais do que nacionais, pois depois do ensino médio esses alunos vão ao exterior, sobretudo ao Canadá, aos Estados Unidos e à França para fazer seus estudos universitários. As escolas da classe média são divididas em subcategorias que oferecem educação voltada para programas internacionais e programas nacionais. Por fim, as escolas das camadas menos privilegiadas, onde também há espaço para diferenciações que dão origem a ofertas educacionais para a população urbana de dois nichos: das cidades e das comunidades, além das populações rurais. Então, fiz meu ensino fundamental numa escola privada e meu ensino médio numa escola pública, minha formação nessas escolas foi feita em crioulo e francês que as duas línguas oficiais do Haiti.

Posso dizer que essas divisões nas escolas refletem as desigualdades sociais e divisões de classe que permeiam a sociedade haitiana. É uma divisão baseada na condição social, e não na cor da pele. Assim, no imaginário sociodiscursivo da população haitiana e do meu cotidiano a palavra “*nèg*” - que pode ser traduzida para o português como “negro” - tem várias definições em crioulo que é umas das línguas oficiais do Haiti. Seja isso positivo ou negativo, o uso da palavra não indica diretamente preconceito contra os negros, mas de modo subliminar faz referências à conduta das pessoas e ao julgamento sobre o modo como se comportam em sociedade. Assim, “negro” como se nota nessas expressões em crioulo traduzidas para o português: *nèg sa fre anpil*: este rapaz é muito chique; *misye se yon bon nèg*: ele é um bom homem; *misye se yon gran nèg*: ele tem dinheiro/é burguês. A mesma palavra pode ser usada para falar mal de alguém com uma conotação negativa, como exemplo: *misye se yon vye nèg li gen move kompòtman*: ele é um rapaz que tem mau comportamento; *nèg sa se yon parese li ye, li pap ede moun fè anyen*: ele é um homem preguiçoso não ajuda em nada. *Nègès* é o feminino da palavra *nèg* em crioulo, normalmente usamos a palavra *nègès* para elogiar as mulheres haitianas, como por exemplo: *Sa se yon bèl nègès*: ela é uma mulher bonita. De uma forma geral, o termo “*nèg*” é uma palavra comum na sociedade haitiana que pode ser usada em vários contextos de interação social dos haitianos, porém percebe-se a mesma não leva em conta as questões de discriminação racial.

Através da minha experiência e vivência na sociedade haitiana, em crioulo, a palavra “*Blan*” (“branco” em português) é usada para alguém que vem de fora que não é haitiano. Nesse contexto, o termo branco não é usado para diferenciar a cor da pele, pode-se dizer, mas sim para designar um estrangeiro, uma pessoa que não fale nossa

língua, que não sabe nossa cultura e que está de passagem. Assim, qualquer estrangeiro pode ser referido como branco, seja afro-americano, afro-brasileiro, asiático ou africano: todos podem ser considerados “brancos” pela sociedade haitiana.

Então, antes de chegar ao Brasil, o termo racismo não foi um assunto muito falado no meu dia a dia. Partindo das novelas brasileiras que passavam nas TVs do Haiti e do carnaval carioca, nunca pensei que existissem problemas raciais na sociedade brasileira. Quando estava no meu país, pensava que as pessoas com a pele negra não sofriam discriminação racial por aqui. Para mim o Brasil era praia, carnaval, paisagens lindas, futebol, entre outros, pois o Brasil não entrava na lista de países dos quais costumava ouvir notícias de problemas raciais como: Estados Unidos, África do Sul, França, etc. Muito do que aprendi sobre o Brasil chegou até mim por meio da seleção brasileira, pois desde que estava no Haiti sempre torci pela seleção brasileira. Além disso, não tive muito contato com a cultura brasileira a não ser por temas de conhecimentos gerais: nas escolas haitianas, particularmente no ensino fundamental, somente estudamos o processo da independência dos países da América do Sul e a importância da floresta amazônica para o meio ambiente.

O Brasil apareceu no meu universo cotidiano em dois períodos: o primeiro foi quando houve a presença dos soldados das Nações Unidas no Haiti, conhecida pela sigla MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti). A MINUSTAH chegou ao país em 2004, após o golpe de Estado do ex-presidente Jean Bertrand Aristide, o conselho das Nações Unidas enviou a missão de paz Missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti, com objetivo de resolver a crise de insegurança que o país vivenciou naquela época. Então, o Brasil comandou o componente militar da missão, chamado de capacetes azuis, durante 13 anos, com a participação de tropas de outros 15 países. Além disso, também entrei em contato com o Brasil através das atividades culturais, educativas e esportivas realizadas pela organização não governamental brasileira Viva Rio no Haiti. Essas atividades sociais e culturais tinham por objetivo promover a segurança e a estabilização.

Tais atividades socioculturais realizadas pelos soldados e pela ONG permitiram a divulgação da cultura brasileira na sociedade haitiana. No entanto, os soldados cometeram alguns crimes de violação sexual que provocaram muitos debates no Haiti e chamaram a atenção da população. A primeira violação ocorreu com um rapaz chamado

Johny Jean por soldados uruguaiois, no departamento sul do país, numa comuna chamada Port Salut. O caso foi relatado por uma equipe da Rede Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (RNDDH) no jornal de Nouvelliste:

Na quinta-feira, 28 de julho de 2011, por volta das quatro horas da tarde, Johny Jean estava voltando de uma partida de futebol e estava passando perto do Grupo de Trabalho Naval Batalhão do Uruguai, localizado a poucos metros de sua casa, quando foi violentamente agarrado por um dos agentes da MINUSTAH conhecido como Kolke. Kolke o forçou a entrar em uma sala na base, onde já havia dois outros agentes chamados Leo e Nicolas Casariego. Eles chamaram outro agente, conhecido como Rodriguez, que saiu nu após seu banho. Os quatro agentes maltrataram o jovem Johny Jean com seus punhos. Além disso, forçaram-no a deitar-se em um colchão previamente colocado no chão. Suas calças foram rasgadas na lateral da virilha. Detido com as mãos atrás das costas, o oficial Rodriguez foi o primeiro a estuprá-lo por sodomia, seguido em seu crime por Léo. Esses oficiais não usaram preservativo para cometer o estupro, o que, muito provavelmente, foi bem planejado³ (tradução nossa).

Essa violação teve um grande impacto nacional e internacional. Foi um choque no país e todos os jornais, fosse no rádio ou no TV, trataram bastante desse triste episódio. Mesmo que essa violação tenha sido muito impactante na sociedade haitiana, isso não impediu que outras violações ocorressem por outros soldados contra três rapazes com a idade de doze e treze anos. Esses rapazes foram violados por dois soldados paquistaneses. O abuso sexual ocorreu numa comuna do país chamada Gonaïves. O caso foi relatado assim pelo jornal Nouvelliste:

As novas vítimas de abuso sexual por parte das forças de paz da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH) são crianças carentes da Place d'Armes des Gonaïves. São três adolescentes entre 12 e 15 anos de idade que foram efetivamente abusados sexualmente por dois soldados paquistaneses que alegadamente lhes ofereceram comida antes de sodomizá-los. De acordo com fontes judiciais, tudo isso aconteceu na noite de sexta-feira, 20 de janeiro de 2012, em Gonaïves. Alertados, a Brigada de Proteção de Menores apresentou ao Ministério Público de Gonaïves um arquivo forense atestando que o jovem Woody Jean foi agredido sexualmente⁴ (tradução nossa).

3 Le jeudi 28 juillet 2011, aux environs de quatre heures de l'après-midi, Johny Jean revenait d'un match de football et passait près de L'Uruguay Batallion Naval Task Group, situé à quelques mètres de chez lui, lorsqu'il a été violemment agrippé par un des agents de la MINUSTAH connu sous le nom de Kolke. Ce dernier l'a introduit de force dans une chambre située sur la base où se trouvaient déjà deux autres agents répondant aux noms de Léo et Nicolas Casariego. Ils ont fait appel à un autre agent, connu pour sa part, sous le nom de Rodriguez, qui sortait nu après son bain. Les quatre agents ont maltraité à coups de poing le jeune Johny Jean. De plus, ils l'ont contraint à s'allonger sur un matelas préalablement placé à même le sol. Son pantalon a été déchiré du côté de l'enfourchure. Retenu mains au dos, l'agent Rodriguez a été le premier à le violer par sodomisation, suivi dans son forfait par Léo. Ces agents n'ont pas utilisé de préservatif pour commettre le viol qui, selon toute vraisemblance, a été bien planifié. Dispoínível em: <<<https://lenouvelliste.com/article/96743/un-jeune-de-port-salut-viole-par-des-casques-bleus>>>

4 No original: Les nouvelles victimes de sévices sexuels de la part de casques bleus de la Mission des Nations unies pour la stabilisation en Haïti (Minustah) sont des enfants démunis de la place d'Armes des Gonaïves. Il s'agit de trois adolescents âgés entre 12 et 15 ans, qui ont été effectivement abusés

Esses crimes abriram espaço para que a população haitiana tivesse uma imagem negativa em torno dos soldados e criticasse o papel da missão no país. Há outros relatos de violência sobre algumas meninas e houve denúncia de roubos de cabras pelos soldados. O termo “*Volè kabrit*” em crioulo - pode ser traduzido como “roubo de cabras” para o português - foi o nome que a maioria dos haitianos usava para ofender os soldados das Nações Unidas. Me lembro que cada vez que encontrávamos os soldados nas ruas, sempre os chamávamos com essas frases: *Volè kabrit!* ou *Kadejakè!* (“estupro”, em português). Fossem soldados brasileiros ou de outras nacionalidades, eles não tiveram uma boa imagem na sociedade haitiana.

Naquela época o Brasil apareceu nas minhas conversas com o objetivo de discutir sobre o papel dos soldados da MINUSTAH na sociedade haitiana. Eram conversas com caráter político e social, com o intuito de questionar o que o Haiti havia ganhado com a presença desses soldados em seu território. Após o terremoto houve um segundo período em que o Brasil apareceu nas minhas conversas com meus amigos. Partindo da minha experiência, o terremoto mudou completamente nossa rotina. Essa catástrofe atingiu toda a população haitiana e deixou milhares vítimas no país. Como foi mencionado por Thomaz Omar Ribeiro (2010), nos dias seguintes ao terremoto a situação era difícil para o povo haitiano. Através de relato etnográfico feito por Ribeiro mostrando que as tropas MINUSTAH se ausentaram junto com a organização internacional que fez com que vários haitianos perdessem suas vidas:

O professor Thomaz Omar Ribeiro relatou sua experiência no Haiti em um artigo intitulado “O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o lougawou”.² De acordo com o professor, nos quatro dias que sucederam essa catástrofe, houve uma ausência das tropas da ONU (MINUSTAH) e da organização internacional. O autor faz um relato etnográfico sobre o processo para socorrer as vítimas e avalia que haitianos e tropas da ONU socorreram uns aos outros. A ausência inicial de uma ação articulada entre governo haitiano, ONU, iniciativa privada e outras organizações internacionais contribuiu para um grande número de vítimas e para o agravamento da situação de haitianos pobres que se viram desassistidos em suas necessidades básicas. (PESSOA; CIVIL, 2020, p.216)

Através da experiência do professor Thomaz, podemos imaginar o impacto que essa tragédia teve na sociedade haitiana. Antes do terremoto o país estava se recuperando de vários momentos difíceis como crises políticas, econômicas e sociais, principalmente

sexuellement par deux soldats pakistanais qui leur auraient offert de la nourriture avant de les sodomiser. Tout ce serait passé dans la soirée du vendredi 20 janvier 2012 aux Gonaïves, selon des sources judiciaires. Alertée, la Brigade de la protection des mineurs a déposé au parquet des Gonaïves un dossier médico légal attestant que le jeune Woody Jean a été victime d'une agression sexuelle. Disponível em: <<<https://lenouvelliste.com/article/102205/viol-aux-gonaives-des-soldats-pakistanais-pointes-du-doigt>>>

durante do século XX, além de catástrofes naturais, como o ciclone Jeanne em setembro de 2004 e um golpe de estado em fevereiro do mesmo ano. Então, após o terremoto, as crises sociais e econômicas foram agravadas. Como a capital do país foi destruída, milhares de pessoas ficaram sem abrigo. Essa catástrofe natural criou uma mobilidade desigual no país. Algumas famílias da burguesia haitiana se mudaram para o Canadá, Estados Unidos, República Dominicana, entre outros. As pessoas que não tiveram condições de mobilidade internacional mudaram-se para outras cidades do Haiti. Mimi Sheller (2018) aponta que o terremoto de 2010 no Haiti é uma forma de mobilidade desigual desencadeada pela crise. A autora destaca que a reconstrução pós-desastre retrai a mobilidade irregular e aprofunda as desigualdades urbanas em nome da reconstrução. Além disso, a autora menciona que as mobilidades desiguais após os desastres são um excelente exemplo dos mecanismos sociais e políticos pelos quais tais desigualdades são reproduzidas na esteira de tais crises (Idem, 2018).

A mobilidade desigual que ocorreu após essa tragédia permitiu que os haitianos que não tinham condições para migrar aos países norte-americanos e à Europa migrassem para a América do Sul, particularmente para o Brasil. Posso dizer que a partir de 2012, a saída dos haitianos para o Brasil começou a chamar a atenção das mídias do país pela quantidade de haitianos que se reuniam todos os dias em frente à embaixada do Brasil no Haiti. O objetivo deles era tentar depositar seus documentos a fim de obter o visto brasileiro. A figura abaixo exhibe a quantidade de haitianos que ficava diante da embaixada:

(Figura 2)



Fonte: <<<https://www.hpnhaiti.com/site/index.php/societe/10139-haiti-bresil-immigration-quand-les-haitiens-veulent-vraiment-fuir-le-pays>>>.
Acesso em: 01/10/2020.

A partir desse período era mais fácil ouvir essas palavras nas conversas dos haitianos: “*_Map lagem Brezil m pral tante chans mw anbasad la*” (em português: “_ Vou emigrar para o Brasil vou tentar minha chance na embaixada) ou “*Yo di gen travay Brezil mw panse lagem deyè a wi*” (em português: “_ Falam que tem trabalho no Brasil vou emigrar para lá), essas frases eram ditas comumente por alguns amigos meus, fossem eles jovens de 18 a 30 anos ou adultos de 30 a 45 anos. Mesmo que fosse um assunto muito falado na sociedade haitiana, naquela altura eu ainda estudava para entrar na Universidade Estadual do Haiti.

A ideia de vir para estudar no Brasil surgiu através de dois amigos meus que se chamam Peter Mackenson Civil e Mickenson Jean Baptiste que me incentivaram a participar no programa PEC-G. Uma das irmãs de Peter havia estudado Nutrição na Universidade Federal de Mato Grosso através desse programa. Além disso, meus amigos já haviam feito o processo para participar do programa antes, em 2012, porém, eles não conseguiram entregar seus documentos a tempo na embaixada. O programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países da África, do Caribe e da América do Sul com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Esse programa é desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades públicas - federais e estaduais - e particulares. O PEC-G seleciona estrangeiros, preferencialmente entre 18 e 23 anos, com ensino médio completo, para realizar estudos de graduação no Brasil.

Eu, Peter e Mickenson moramos no mesmo bairro, chamado Plaine Duvivier na região oeste do Haiti, e somos amigos desde a adolescência. Peter estava tão motivado que cada vez que nos encontrávamos só falávamos do programa PEC-G. Assim, em março de 2013, eu, Peter e Mickenson fomos à embaixada para saber quando iriam começar as inscrições para o PEC-G. Fizemos todo o processo juntos e éramos uma equipe que se ajudava como podia, cada um à sua maneira, pois por causa das nossas atividades laborais houve dias em que não conseguimos ir juntos à embaixada. Naquela época a situação não era diferente na frente da embaixada, sempre havia muitas pessoas na fila para tentar depositar seus documentos para o visto.

Lembrei-me que cada vez que chegávamos na frente da embaixada sempre falávamos que éramos do programa do PEC-G, pois era difícil entrar com a disposição de seguranças que havia na portaria. Uma vez que falávamos isso, a segurança nos deixava passar. Naquela época me considerava como um *vip*, pois entrava sem passar pela fila. Na minha cabeça era uma pessoa muito especial porque era candidato do programa do PEC-G, porém não cheguei a olhar se essas pessoas que estavam na frente da embaixada tinham o mesmo objetivo que eu, que era deixar o Haiti para emigrar ao Brasil. Nas filas havia jovens que queriam emigrar para o Brasil por questões educacionais, como apontou a pesquisa da OIM (2014). Apesar de ter tido certa facilidade com relação aos outros haitianos que estavam na embaixada, à época, não pude observar a situação socioeconômica dos outros haitianos que tentavam conseguir o visto, o que faz do meu relato uma experiência particular que vivi enquanto candidato ao PEC-G.

Essa pesquisa foi realizada em 2013 e no início de 2014 e, conforme aponta, os jovens entre 18 e 30 anos que queriam deixar o Haiti tinham o objetivo de buscar oportunidades educacionais, ao passo que os que tinham entre 31 e 45 anos buscavam as oportunidades de trabalho. É válido ressaltar que os dois grupos de corte devem ser notados ao longo das linhas urbana e rural, pois os participantes urbanos tendem a ser mais jovens e, portanto, expressaram um grande interesse em educação, enquanto seus pares rurais tendem a ser mais velhos e, portanto, mais interessados em oportunidades de trabalho. Mesmo que esses grupos tivessem interesse em deixar o país, a maioria disse ter ouvido falar do Brasil por indivíduos e não pela mídia (OIM, 2014).

Além de mim e de meus amigos, as pessoas que estavam na fila deviam entregar vários documentos antes de ter o visto. Mimi Sheller (2018), aponta que as mobilidades nunca são livres, mas são sempre canalizadas, controladas, governadas, sob vigilância e desiguais - gênero, raça, etnia, classe, casta, cor, nacionalidade, idade, sexualidade, deficiência, etc. Ao pensar sobre a questão da fila e sobre o privilégio que tive por não ter entrado nela, vemos um bom exemplo da mobilidade desigual abordada por Sheller (2018). O fato de estar ligado a um programa de estudo fez toda diferença entre mim e meus compatriotas que pegavam a fila para entregar seus documentos para obter o visto.

O ponto apresentado por Sheller (2018) é perfeitamente observável no caso dos candidatos ao PEC-G. Assim, antes de obter o visto de estudante, deveria entregar as

notas do ensino fundamental e médio e um termo de compromisso assinado que comprovasse que teria condição financeira para me manter no Brasil, entre outros documentos. Seguem abaixo os dois termos que assinei: um é do financeiro e o outro é sobre as regras do programa:

(Figura 3)

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DEPARTAMENTO CULTURAL
DIVISÃO DE TEMAS EDUCACIONAIS

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Embaixada do Brasil em Porto-Príncipe

TERMO DE RESPONSABILIDADE FINANCEIRA
PROGRAMA DE ESTUDANTES-CONVÊNIO DE GRADUAÇÃO – PEC-G

Eu, Manoel Nazaire, Haitien, Marie,
Commerçant, nascido(a) em Jeremie em 08/01/1976, residente
e domiciliado(a) em Mariani, Rue Jean Paul Gauthier para fins de
inscrição de Jude civil no processo seletivo do Programa de Estudantes-
Convênio de Graduação – PEC-G 2014, que assumirei inteira responsabilidade pela manutenção
do(a) candidato(a), caso ele(a) venha a ser selecionado(a) pelo referido processo seletivo,
comprometendo-me a **custear sua ida ao Brasil, sua instalação inicial e seu retorno ao
país de origem**, bem como a enviar-lhe o equivalente a **US\$ 600,00**
(Six cent dólares norte-americanos) mensais,
durante toda sua estada no Brasil.

Declaro, ainda, que recebo o equivalente a **US\$ 2000,00**
(Deux mille dólares norte-americanos) mensais, de
forma que poderei honrar este compromisso.

Telefone(s) para contato: (509) 38638077 / 36821821
Fax: _____
e-mail(s): _____

Port-au-Prince, 10 de Janvier de 2014.

Vu pour la Certification Matérielle de la
Signature de: Manoel Nazaire
Apposée devant nous.

Manoel Nazaire
[assinatura do responsável financeiro do(a) candidato(a)]



Déclaration faite le: 10 Janvier 2014

Atenção: Anexar quaisquer outros documentos relevantes para comprovar as informações acima, bem como para atender aos requisitos exigidos pela Missão Diplomática brasileira. Referências a valores monetários nesses documentos anexados deverão ser convertidas para dólares norte-americanos, informando a taxa de conversão.

Fonte: arquivo pessoal

Esse termo é prova que mostra que meus pais teriam condição de me enviar entre US\$ 500 e US\$ 600 mensais. Na minha opinião, acho que foi o documento mais importante, pois no primeiro dia que fui à embaixada os responsáveis pelo programa insistiam muito na questão financeira. Foi por isso que o assinei duas vezes: a primeira no ato de entrega dos documentos e a segunda antes de minha viagem. O segundo termo é baseado nas regras do programa e está apresentado abaixo:

(Figura 4)

 **MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES**
DEPARTAMENTO CULTURAL
DIVISÃO DE TEMAS EDUCACIONAIS 

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Embaixada do Brasil em Porto-Príncipe

TERMO DE COMPROMISSO
PROGRAMA DE ESTUDANTES-CONVÊNIO DE GRADUAÇÃO – PEC-G

Eu, Jude Civil, nascido(a) em Port-au-Prince, em 18-03-1990, filho de Gertrude Melredy e de Raoul Civil, residente a La Plaine Du Vivier Ste-Anne candidato ao PEC-G, declaro:

1. Ter lido e compreendido os termos do Decreto n. 7.948/2013 e do Edital de seleção do PEC-G e estar ciente das normas do Programa;
2. Possuir meios suficientes para custear:
 - 2.1. Passagem internacional de ida e volta ao país de origem;
 - 2.2. Instalação inicial no Brasil; e
 - 2.3. Manutenção durante o período de estudos no Brasil.

Caso selecionado, comprometo-me a:

1. Submeter-me às normas do PEC-G;
2. Informar minha eventual desistência do PEC-G à Missão Diplomática brasileira onde me inscrevi, sob pena de não poder voltar a me candidatar ao Programa;
3. Acatar as indicações de curso e Instituição de Ensino Superior (IES) a mim determinadas;
4. Submeter-me ao regulamento da IES para a qual seja indicado(a);
5. Submeter-me à legislação brasileira referente à concessão e renovação de visto temporário de estudante (VITEM-IV), sendo de minha total responsabilidade manter em perfeita ordem a documentação pertinente (passaporte e visto temporário);
 - 5.1. Não obter, durante minha participação no PEC-G, visto que não seja o VITEM-IV;
6. Não me envolver em assuntos de política interna e externa brasileira, conforme o Art. 107 da Lei n. 6.815, de 19 de agosto de 1980;
7. Não exercer atividade remunerada no Brasil;
8. Regressar imediatamente a meu país nos seguintes casos:
 - 8.1. Após a conclusão do curso;
 - 8.2. Se reprovado(a) no exame CELPE-Bras aplicado no Brasil (para candidatos de países onde não ocorra aplicação do exame CELPE-Bras), conforme as normas do Edital de seleção do PEC-G; e/ou
 - 8.3. Se desligado(a) da IES para a qual fui selecionado(a), por conduta imprópria, reprovação ou abandono de estudos, nos termos da legislação específica, caso em que não poderei ser encaminhado(a) a outra IES; e
9. Receber meu diploma de graduação exclusivamente na Missão Diplomática brasileira onde me inscrevi, após a conclusão do curso.

Compreendo que a desobediência a qualquer dos itens anteriores implicará em meu desligamento do PEC-G, situação em que deverei regressar imediatamente a meu país.

Assinatura do candidato: Jude Civil
Assessor de Legação: [Assinatura]

Jude Civil (assinatura do candidato) Port-au-Prince 22/01/14 (local e data) Pétion-Ville Le: 22 Janvier 2014

Fonte: arquivo pessoal

Entreguei esses termos com os documentos escolares e atestado de saúde na embaixada do Brasil no final do mês de junho de 2014. O resultado provisório do programa saiu no dia 29 de outubro de 2014 e o final no dia 16 de dezembro de 2014. Abaixo está o resultado dos haitianos que foram selecionados pelo PEC-G:

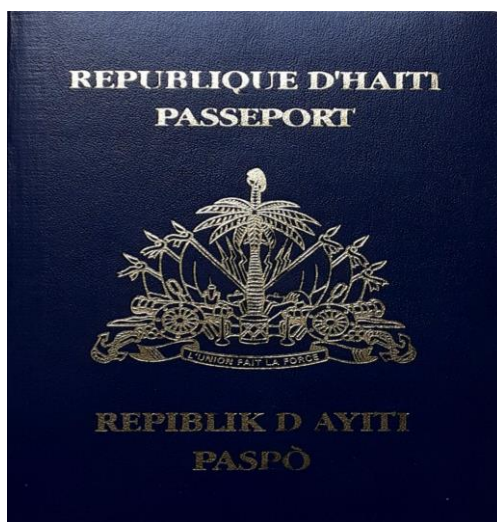
(Figura 5)

Haiti (*)						
Nome	Graduação				Curso de Português	
	Curso	IES	Campus	Ingresso	IES	Ingresso
Ange-Laure Baptistin	Engenharia da Computação	UNIFEI		2015	UFPB	2014/1
Jude Civil	Comunicação Social - Jornalismo ou Relações Públicas	UFMG		2015	UFMG	2014/1
Mickenson Jean Baptiste	Ciências Econômicas	UFRRJ	Nova Iguaçu	2015	UFRRJ	2014/1
Miguéline Léonida Chérismé	Nutrição	UFMG		2015	UFMG	2014/1
Peter Mackenson Civil	Administração	UFPR		2015	UFPR	2014/1
Petervens Dumas	Medicina	UFPB	João Pessoa	2015	UFRR	2014/1
Stevenson Pierre-Louis	Engenharia Mecatrônica	IFCE	Fortaleza	2015	UFPB	2014/1

Fonte: <<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/processo_seletivo/resultados.php>>

Depois do resultado, legalizei todos os meus documentos na embaixada pagando 20 dólares por cada um deles. Em seguida, vacinei-me contra a febre amarela e outras enfermidades, uma vez que era obrigatório apresentar o cartão de vacinação em dia na embaixada para pedir o visto de estudante. Feito isso, fiz meu passaporte e comprei minha passagem. O processo não foi fácil pois tive de caminhar muito para legalizar todos meus documentos na embaixada do Brasil e nas instituições haitianas. Nelas legalizei meus documentos na nossa moeda, que é o gourde (HTG\$), porém, para pedir o visto, legalizei os documentos na embaixada em dólares. Depois de entregues os meus documentos, após uma semana, recebi uma ligação da embaixada para buscá-los junto com o visto e duas cartas. Apresentei a primeira carta na diretoria de relações internacionais da UFMG (DRI) para fazer o curso de português para estrangeiros e a segunda em 2015 no Departamento de registro acadêmico para fazer minha matrícula. Então, cheguei ao Brasil no dia 10 de fevereiro de 2014. Seguem abaixo as fotos do meu passaporte, do visto e de minha passagem área:

(Figura 6)



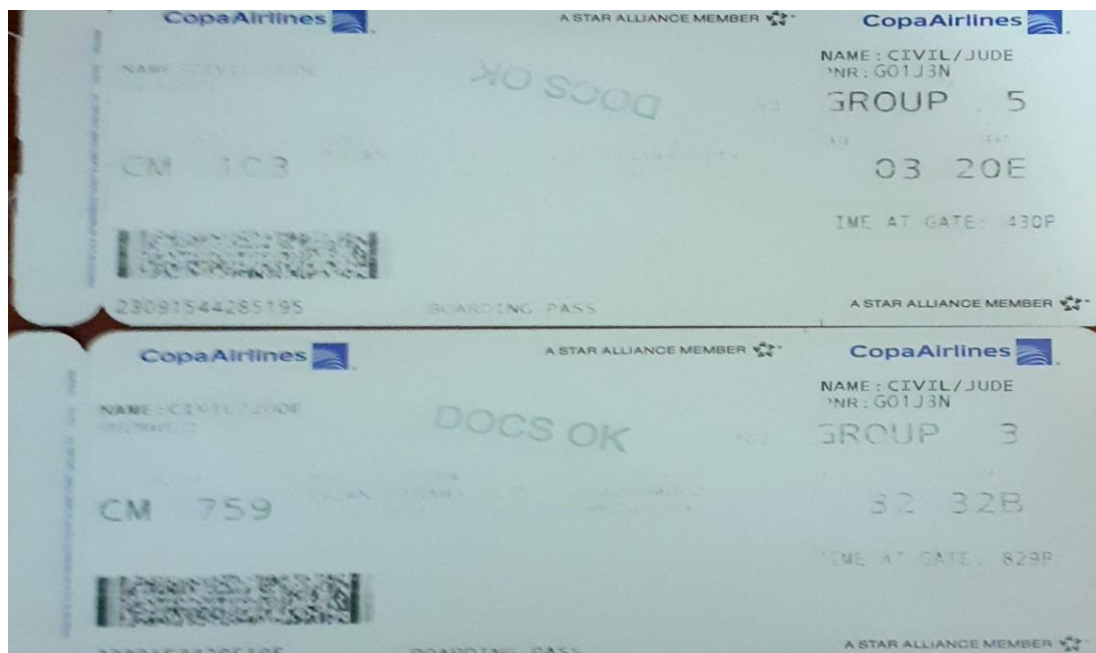
Fonte: arquivo pessoal

(Figura 7)



Fonte: arquivo pessoal

(Figura 8)



Fonte: arquivo pessoal

Como podemos observar, minha trajetória para sair do Haiti e emigrar ao Brasil não foi um processo simples nem fácil. Mesmo que estivesse participando de um programa educacional, tive que assinar vários papéis que mostrassem que teria condição para sair do Haiti, seja em termos de saúde, financeiro, e outros. Foi um processo que durou mais ou menos oito meses, pois a inscrição iniciou-se em abril de 2013 e foi até junho do mesmo ano. O resultado provisório saiu em 31 de outubro de 2013 e o resultado final em 20 de dezembro de 2013. A mobilidade internacional não é tão simples e requer

vários procedimentos. Nesse primeiro item do primeiro capítulo, fiz uma breve introdução sobre a questão racial no Haiti e minha vivência e experiência na sociedade haitiana antes de emigrar para o Brasil. Além disso, abordei os procedimentos pelos quais passei para ter o visto de estudante. A seguir, no próximo tópico, apresentarei os primeiros momentos da minha inserção na Universidade Federal de Minas Gerais e relatarei minhas vivências e experiências cotidianas na cidade de Belo Horizonte.

1.1.2 Vivências e experiências cotidianas em Belo Horizonte

No contexto da mobilidade internacional, o termo inserção é um dos conceitos utilizados pelas Ciências Humanas e Sociais para tentar compreender a integração de imigrantes ou refugiados nos países de acolhimento. De acordo com Bérubé (2009):

A inserção corresponde à operação pela qual um imigrante é incorporado à sociedade de acolhimento através da passagem de três processos diferentes que ocorrem espontaneamente, mas em ritmos diferentes. Em ordem, estes processos são os de adaptação, integração e aculturação⁵(BÉRUBÉ, 2009, p.13 tradução nossa).

Bérubé (2009) aponta que a inserção de um imigrante é caracterizada por sua capacidade de se comunicar na língua do país e de ganhar a vida de forma independente. Há também as dimensões jurídica, política e sociocultural e, finalmente, a integração econômica, que é a capacidade do imigrante de ter acesso à renda e à mobilidade social. Então, os primeiros momentos da minha inserção na sociedade brasileira foram sob a orientação dos colegas haitianos, os estudantes do PEC-G, que vieram da República do Congo, de Benin e da República Democrática do Congo. Esses estudantes me ajudaram a fazer os processos de migração na Polícia Federal e a fazer minha inscrição para o curso de português para estrangeiro no Cenex da Faculdade de Letras da UFMG. Nesse curso havia alunos de vários países tais como: Haiti, Costa do Marfim, Gabão, Camarões, Jamaica, Benin, República do Congo e Barbados. Segue abaixo a foto da turma com algumas professoras:

5 No original: l'insertion correspond à l'opération par laquelle un immigré est incorporé dans la société d'accueil par le passage de trois processus différents qui se produisent spontanément, mais à des rythmes différents. Dans l'ordre, ces processus sont ceux de l'adaptation, de l'intégration et de l'acculturation.

(Figura 9)



Fonte: arquivo pessoal

Os primeiros momentos da minha vivência na UFMG foram com essa turma e com os professores do curso. Meus professores foram os primeiros brasileiros com quem tive contato nos primeiros dias da minha chegada. As aulas eram de segunda a sexta-feira das 12h45 às 17h. O conteúdo das aulas consistia em gramática, cultura brasileira, além de termos visitado alguns pontos turísticos de Belo Horizonte. Partindo da amizade que fiz com alguns brasileiros que estavam estudando na Faculdade de Letras, como Davi Seabra Grossi e Kely Stefani, entre outros, pude praticar a língua portuguesa para facilitar o processo da minha inserção no campus Pampulha. Não foi fácil, pois no início era difícil conversar com os brasileiros, mas depois de seis meses conversei com mais fluidez com os nativos. Quando comecei a conversar em português com mais facilidade, comecei a interagir mais com alguns brasileiros e isso me abriu portas para entender melhor a sua cultura. No entanto, o meu dia a dia logo ficaria marcado por perguntas sobre o terremoto do Haiti, sobre a chegada dos haitianos ao Brasil, entre tantos outros.

Naquela época minha preocupação era passar na prova do Celpe Bras para começar minha graduação em Comunicação Social. Além disso, o Brasil que tinha no meu imaginário antes de chegar para cá ainda era o mesmo. Um país sem discriminação

racial, com um povo acolhedor, alegre e hospitaleiro. Quase não acreditei quando vi nas notícias que o goleiro da equipe do Santos, Mário Lúcio Duarte Costa, fora chamado de macaco por vários torcedores do Grêmio. Isso ocorreu no dia 28 de agosto de 2014 em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, numa partida entre Santos e Grêmio, nas oitavas de final da Copa do Brasil. Para mim aquelas cenas eram uma particularidade dos torcedores e não me preocuparam muito, porque estava há apenas sete meses no Brasil e ainda estava aprendendo a língua portuguesa.

A imagem que tinha antes de chegar ao Brasil começou a mudar quando entrei na graduação, em março de 2015. Nessa altura comecei a me preocupar com as perguntas que as pessoas me faziam quando falava que vinha do Haiti e em torno dos problemas raciais. Desde a minha chegada em 2014 até o ano de 2016, meu cotidiano era marcado por questões em torno do fluxo da migração haitiana, porém a cor da pele do meu corpo me fez viver essa experiência da seguinte maneira: o fato de ser vigiado no supermercado ou de ter a sensação de que as pessoas estavam fugindo de mim à noite, nas ruas, foi uma grande surpresa. Num primeiro momento, não era algo que me afetava, porém, quando isso passou a acontecer a cada noite ou a cada vez que ia ao supermercado, fui levado a refletir sobre essa situação e a me questionar por que isso acontecia. Passei anos sem resposta sobre esse comportamento, então, fui levado a questionar o papel do meu corpo em relação a essas experiências com o objetivo de encontrar uma explicação.

Na opinião de Butler (2019), o corpo é um fenômeno social: ele está exposto aos outros, é vulnerável por definição. Além disso, a autora diz que a sobrevivência do corpo depende das condições e instituições sociais, o que significa que para “ser” no sentido de “sobreviver” o corpo tem de contar com quem está fora dele (BUTLER, 2019, p.58). Então, percebe-se que o corpo é social e interage com outros corpos e essas interações permitem que nossos corpos desenvolvam relações com outros sujeitos na sociedade. Além de ser um fenômeno social, o corpo é um lugar no qual encontramos uma variedade de perspectivas que podem ou não serem as nossas. E o modo como aprendo e como sou mantido depende fundamentalmente das redes sociais e das políticas sob as quais esse corpo vive, de como sou considerado e tratado, de como essa consideração e esse tratamento possibilitam a vida ou não a tornam vivível (Idem, 2019, p.85).

Partindo da reflexão de Butler (2019), observamos que a socialização do corpo e as políticas por ele vividas permite-nos analisá-lo tanto em sua superfície quanto em sua profundidade, seja na condição de sobrevivência ou em certas condições sociais que o colocam em perigo e a sua capacidade de sobrevivência (Idem, 2019). Se a socialização nos permite analisar certas condições vulneráveis do corpo, então, os afetos habituais nos permitem colocar em valor as experiências cotidianas do nosso corpo. De acordo com Mendonça e Moriceau (2016):

O significado dos afetos ordinários, aqueles que nos cruzam nas esquinas das ruas, está nas intensidades que os constroem e nos pensamentos e sentimentos que os tornam possíveis. Eles são carregados de informações, de potencialidades compreensivas, daquilo que é designado pelo capitalismo ou pela globalização. Eles não nos entregam a grande figura (Big Picture), mas mostram a variedade e a eficácia dos seus efeitos sobre nossas vidas, nossos corpos, nossa atuação. (MENDONÇA; MORICEAU, 2016, p.82)

Partindo dessa reflexão, podemos dizer que comecei a refletir sobre esses comportamentos através de afetos cotidianos que me atravessaram em meu dia a dia. Assim, comecei a procurar uma resposta para tal, conversando com meus amigos sobre o tema. Meus colegas me disseram que é algo comum no Brasil, porém, essas respostas não foram suficientes para diminuir minha curiosidade. Minha experiência na Rádio UFMG Educativa, de janeiro de 2016 até fevereiro de 2018, foi algo importante no processo de busca pela compreensão das questões raciais no Brasil. Através de pautas realizadas por mim para os programas *Conexões* e *Expresso* em torno do assunto fui capaz de analisar e refletir sobre o que é ser negro no Brasil. Nessas pautas foram abordadas as questões raciais no Brasil e as dificuldades que os negros encontram na sociedade brasileira. Além disso, apresentei quinzenalmente um programa chamado *Em Caráter Experimental*, no qual convidava colegas intercambistas para falar sobre suas experiências. Através das falas dos convidados do programa, percebi que os alunos que vieram da África tiveram mais dificuldade no processo da adaptação que os alunos que vieram da Europa. Percebi que os alunos africanos encontraram dificuldades para alugar casa e tinham dificuldades para fazer trabalho em grupo, pois não encontram alunos brasileiros que quisessem fazer trabalho com eles, entre outros problemas. No entanto, os alunos que vieram da Europa diziam que foram recebidos por famílias brasileiras e não encontraram dificuldades para se inserir nos grupos de trabalhos da faculdade.

Então, a experiência que tive na Rádio UFMG Educativa, permitiu que eu começasse a refletir em torno da minha identidade como homem negro. Não foi fácil construir e

aceitar essa identidade negra, pois o substantivo negro “assinalava uma série de experiências históricas desoladoras, a realidade de uma vida vazia; o assombramento, para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação de raça [...]” (MBEMBE, 2014, p.19). Além disso, devido a questões raciais e pela forma com que os negros são vistos na sociedade brasileira, fui parado duas vezes pela Polícia Militar em abordagens que insinuavam que eu fosse um sujeito delinquente. Essa experiência foi um choque para mim. Cheguei à conclusão, naquela altura, de que dentro do *campus* era um estudante estrangeiro, porém, na rua, era um negro estereotipado pela construção social em torno dos negros no Brasil.

Para Espinoza (2017), “nosso corpo pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (ESPINOZA, 2017, p.163). Pode-se salientar aqui que os afetos humanos definem as formas através das quais agimos em sociedade. Além disso, os corpos movem-se de acordo com a potência dos afetos, de forma que quanto mais fortes forem os afetos, mais vão se alterar as formas de agir. Assim, podemos pensar que quando o meu corpo, o corpo de um homem negro haitiano, foi afetado pelas intervenções policiais, ocorreu uma ação que está relacionada com a forma com que a sociedade trata os corpos negros. Assim, essa visão que há sobre os afrodescendentes é caracterizada pelas questões raciais, pois “a raça é uma das matérias-primas com as quais fabricamos a diferença” (MBEMBE, 2014, p.70). Assim, essas diferenças colocam vários grupos de pessoas ao mesmo tempo em situação de vulnerabilidade e em uma classe social na sociedade.

Dessa forma, “o afeto é, em primeiro lugar, uma exposição, uma capacidade de se deixar impressionar por aquilo que se manifesta. É nossa maneira de entrar em contato, não por meio de explicações, mas pela experiência” (GUIDI; MORICEAU; PAES, 2019, p.11). Ao ser afetado pela experiência que tive com a parada dos policiais, tomei novas atitudes para me deslocar à noite, principalmente quando estivesse saindo do Campus Pampulha. Baseando-nos nessas experiências, podemos fazer uma relação com o que apontam Mendonça e Moriceau (2016), “são tipos de experiências caracterizadas pela capacidade de afetar-nos, transformar-nos, individualizar-nos” (MENDONÇA; MORICEAU, 2016, p.84). Os autores destacam também que “o afeto nos força a pensar, a criar novos conceitos ou novas atitudes, nos expõe ao devir” (Idem, 2016, p.87). Assim, através de um texto publicado na minha página de perfil de uma rede

social, no dia 8 de junho de 2108, falei sobre minha trajetória e experiência no curso de Comunicação Social da UFMG e expliquei as estratégias e as novas atitudes que tive com relação às questões raciais que vivi no meu cotidiano e minha visão sobre o uso do termo “negro” para identificar as pessoas afrodescendentes:

MINHA TRAJETÓRIA E EXPERIÊNCIA NO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFMG

Sou intercambista do programa PEC-G e estou fazendo Comunicação Social na UFMG. Entrei no Curso em 2015/1, na habilitação da Publicidade e Propaganda. A partir do terceiro período mudei de habilitação para Relações Públicas. Eu me considero como homem negro através da minha trajetória no curso e também minha experiência nos estágios.

Passei dois anos fazendo estágio na Rádio UFMG Educativa, onde aprendi muito sobre a sociedade brasileira, principalmente sobre a questão racial e realidade do povo negro. O Corisco: Coletivo de Estudos, Pesquisas Etnográficas e Ação Comunicacional em Contextos de Risco é outro espaço que me ajuda a entender as dificuldades do povo indígena no Brasil. Agora faço estágio num grupo de pesquisa que se chama AFETOS-Grupo de pesquisa em Comunicação, Acessibilidade e Vulnerabilidades.

Nesse estágio, estou aprendendo sobre as dificuldades, acessibilidade e os preconceitos que as pessoas com deficiência sofrem no seu dia a dia.

Através dessas experiências, refleti e cheguei nas seguintes conclusões: que a raça e a classe social caminham juntas, e o conceito Negro é uma ferramenta usado pelos colonizadores com objetivo de continuar a explorar a população negra. Como falei no início, minha identidade negra surgiu através das discussões na sala de aula e também nas pautas que fiz no programa Conexões da Rádio UFMG Educativa. Outro momento forte dessa identidade é minha identidade dentro do campus Domênico Peres

Outro momento forte dessa identidade é minha identidade dentro do campus Pampulha. Para os professores e os alunos sou aluno intercambista, porém na rua sou um negro com um estereótipo negativo. Até fui parado duas vezes pela Polícia Militar no sentido que sou um ladrão.

Depois dessa ação fui procurar a entender o processo o que é ser negro Brasil?

Ser negro no Brasil é um processo lento de busca por uma auto-definição perpassado por contextos históricos e políticos, por tensões e descobertas, por histórias familiares e pela subjetividade. Neusa de Souza (1990), Página 163- Carta de uma ex-Mulata à Judith Butler. Além disso o termo negro foi utilizado como adjetivo pelos colonizadores para se referir ao povo do continente África. Ele surgiu como advento da modernidade e foi responsável por sua constituição, consolidação e ainda hoje para sua manutenção". (Crítica da Razão Negra- Achille Mbembe).

É igual com o conceito da raça, pois ela continua a existir porque nós acreditamos que há diferentes raças. O conceito de classe social caminha junto com a raça porque os preconceitos e as ações racistas que existem no mundo são baseados na questão da raça. Além disso, é uma ferramenta capitalista usada pelo imperialismo para continuar dominando o mundo. Podemos entender a raça como uma forma de hegemonia cultural e colonial e o conceito negro como elemento de exploração do sistema capitalista Isso porque tais conceitos trazem uma ilusão de que existe só uma cultura e que as outras culturas são primitivas. É fácil questionar o problema de classe social e a questão da negritude porque nós achamos

social e a questão da negritude porque nós achamos que eles são as bases dos preconceitos e racismo. Porém, a raça é o problema fundamental, pois ela é mais estruturante que o conceito de classe social.

Através da minha trajetória no curso e minha experiência nos estágios, eu não me olho mais com a identidade negra. Para mim o conceito Negro é uma ferramenta do poder colonial que relaciona aspectos negativos ao povo negro, como a pobreza nos países da África.

Em conclusão os conceitos de raça, classe social e negro são elementos de neocolonialismo com o objetivo de continuar a manter o poder colonial e a instabilidade política nos países da América Latina e do continente África. Isso porque, através desses conceitos, eles criaram a divisão de classes sociais e uma imagem da Europa como lugar ideal para morar, sendo o “centro de conhecimento e o berço da cultura”.

A identidade negra não pode ser usada como uma ação política e luta por direitos sociais básicos, uma vez que qualquer ser humano que nasceu neste mundo, seja branco ou negro, deve ter seus direitos garantidos para viver uma vida digna.

É fácil ouvir essa frase “Este negro é especial, ele é diretor ou professor de tal instituição”. Parece que o negro não tem capacidade de ser professor ou diretor como se isso fosse possível somente para alguns poucos. Acordemos e levantemos para lutar contra o sistema neo colonialismo e o capitalismo, que são baseados nos conceitos de raça, classe social e negro!

Retirado da página do Facebook do pesquisador. Data de acesso: 26/05/2020.

Nesta publicação, relatei que ao usar a camisa do curso para andar à noite tinha como objetivo ser visto como estudante, não como um negro estereotipado, como um sujeito estranho. Como foi destacado na publicação, digo que é a partir dessas experiências que pude me considerar como homem negro no Brasil. Nota-se que construí a identidade negra quando fiz um juízo de valor dos afetos que atravessam minhas experiências. Então, essas experiências despertaram as dimensões afetivas que atravessam meu corpo, pois é um corpo sensível que está sempre em destaque por questões raciais. Se por um lado, na publicação, disse que através de minhas experiências no curso e no estágio não me olhava mais com a identidade negra, pois o negro é um substantivo e é “o nome que se dá ao produto resultante do processo pelo qual as pessoas de origem africana são

transformadas em mineral vivo de onde se extrai o metal” (MBEMBE, 2014, p.78). Além disso, “o nome ‘negro’ tem a ver com uma relação de submissão. No fundo, só existe negro em relação a um senhor. O senhor possui o seu negro. E o negro pertence ao seu senhor” (Idem, 2014, p.258). Então, a reflexão de Mbembe (2014) sobre a palavra “negro” remete à questão da escravidão e como foram tratadas as pessoas de origem africana durante o período da colonização. O autor destaca que o substantivo “negro” se transformou em conceito e torna-se o idioma pelo qual as pessoas de origem africana se anunciam ao mundo, se mostram ao mundo (Idem, 2014, p.83).

A reflexão em torno do significado da palavra “negro” nos permite compreender porque eu, como haitiano, não me considerava negro, além disso, na minha terra natal nunca me vi como uma pessoa com a identidade negra no contexto em que os negros são vistos na sociedade brasileira. As questões raciais no Brasil e a forma com que os descendentes africanos são vistos pela sociedade permitem que pessoas com a pele negra se tornem sujeitos estranhos e duvidosos e me permito considerar-me um homem negro.

Então, invocar a presença dos afetos nas minhas experiências me permite ter uma compreensão da forma pela qual meu corpo foi afetado e os caminhos que fiz para buscar uma resposta em torno dessas experiências. Pois todas as atividades das quais participei ou apresentei no campus da UFMG, ou fora do campus, estão ligadas às questões raciais no Brasil ou sobre a recente migração haitiana para o território brasileiro. Como exemplo disso, em julho de 2018, organizei um evento no Centro de Convivência Negra da UFMG, sobre a cultura e a história do Haiti, com o objetivo de divulgar mais informações sobre o povo haitiano. No mesmo ano em novembro 2018, no dia da Consciência Negra, apresentei a importância que a revolução haitiana teve na América Latina e de que forma isso nos pode inspirar para pensarmos sobre a situação do povo negro no mundo. Com o objetivo de buscar informações sobre a migração no aspecto jurídico participei do Seminário Migrantes no Brasil, no dia 29 de agosto de 2019, no auditório da Faculdade de Letras da UFMG. Sendo uma pessoa que apresentou várias atividades sobre o Haiti, falei sobre a minha experiência como estrangeiro negro e sobre a realidade do Haiti após o terremoto no Dia da Consciência Negra no auditório Mestre Félix, da Faculdade de Sabará, Minas Gerais, em 2019. Foi uma roda conversa na qual, através das minhas experiências, pude comentar sobre as questões raciais no Brasil.

Observei toda minha vivência e as atividades das quais participei durante o tempo em que estou vivendo no Brasil e elas são alternativas para buscar me compreender, além de ser uma forma de compreender o que é ser negro e estrangeiro no Brasil. Foi por essa razão que entrei como membro ativo no Centro de Convivência Negra (CCN) da UFMG, para participar das reuniões sobre a questão da negritude e a permanência dos alunos negros na universidade. O espaço foi idealizado por um grupo de estudantes negros no contexto das ocupações de escolas e universidades públicas, em 2016, que protestavam contra a proposta de Emenda à Constituição, antiga PEC 241/2016, atual PEC 55. Em 2018, por meio de muita resistência e negociações, conseguiu-se conquistar um espaço físico dentro da UFMG, que hoje tem o propósito de acolher a comunidade negra que interage com a UFMG.

O CCN é um espaço que tem por objetivo a construção e a promoção de diálogos sobre a temática étnico-racial por meio de projetos de extensão na universidade, como pesquisas científicas, debates e construção social dos indivíduos, de modo a atender o público externo e interno da UFMG. Assim, o centro tornou-se um espaço onde me sinto mais confortável para falar sobre minhas vivências e experiências como estrangeiro negro no Brasil, pois encontrei vários relatos de outros colegas brasileiros que tiveram experiências similares à minha. Nesses relatos percebi que vários colegas brasileiros com a pele negra se reconheceram como negro quando eles entraram na universidade. Foi uma surpresa para mim ouvir esses relatos, pois meus colegas disseram que viveram vários momentos difíceis, alguns deles similares às minhas experiências: foram vigiados no mercado, parados pela polícia, não tiveram seus cabelos aceitos por serem cacheados, foram os únicos alunos negros na sala no ensino médio, e não sabiam lidar com as piadas racistas, entre tantos outros relatos.

Essas falas surgiram em vários encontros do Centro de Convivência Negra e elas me emocionaram muito, pois são vários corpos que são afetados por experiências diferentes e pelos afetos ordinários do dia a dia, porém, eles se reconheceram como negros quando entraram na UFMG. Isso foi um choque para mim, porque nasci negro e nunca me vi como outra pessoa que não uma pessoa negra, no entanto, pelas experiências que vivi em Belo Horizonte, a questão de ser negro vai além disso, pois é um corpo que, por ter a pele negra, é visto como um sujeito estranho e estereotipado pelos mecanismos da sociedade e foi na universidade que tivemos um espaço para debater nossa negritude e nossas experiências. Partindo das conversas que tive nos encontros que participei no

CCN percebi que a questão racial é algo complexo na sociedade brasileira por ser o corpo das pessoas com a pele negra um corpo que chama a atenção nos espaços públicos. Além disso, observei que há uma diferença entre as minhas falas e as falas dos meus colegas do CCN no processo de se reconhecer como negro. Para eles, reconhecer-se como negro é uma forma de empoderamento, de conhecer suas raízes afrodescentes e valorizar a cultura negra. No entanto, para mim era um processo diferente, pois estava questionando o processo da minha inserção em Belo Horizonte e as dificuldades que encontrei no meu cotidiano por causa da cor da minha pele. Então, estava buscando responder por que meu corpo é visto como algo estranho. De acordo com Butler (2019) o fato de:

Ser um corpo é estar exposto a uma modelagem e a uma forma social, e isso é o que faz da ontologia do corpo uma ontologia social. Em outras palavras, o corpo está exposto à forças articuladas social e politicamente, bem como a exigências de sociabilidades incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo. (BUTLER, 2019, p.16)

Então, pela forma que o corpo dos negros é visto na sociedade brasileira, isso faz com que o meu corpo passe por esse processo de modelagem e de estranhamento que levou-me a me considerar um homem negro. Além disso, houve dificuldade de preencher alguns formulários para pedir bolsas ou estágios na UFMG. No processo, deveria fazer uma auto-declaração para dizer porque me considero negro ou classificar a minha cor/raça. Tudo isso era novo para mim, sempre me questionei por que deveria fazer uma declaração para dizer que sou negro, pois nunca me vi de uma outra forma. Sendo um estrangeiro que vem de uma cultura diferente, sempre perguntei aos meus amigos porque tinha que fazer isso. Então, através da resposta deles e pesquisas que fiz, foi-me possível compreender para que servem esses formulários e sua importância nos processos das bolsas. Acho que essas políticas ajudam a diminuir a desigualdade social que existe na sociedade brasileira em torno das questões raciais.

Todos esses processos de socialização e de inserção levaram a que eu me olhasse como um homem negro, pois os corpos dos negros estão sempre em destaque. Um exemplo disso foi que no final do ano de 2014, quando fui acompanhar meu amigo e sua namorada, que é brasileira, ao hipermercado Carrefour da Pampulha. Éramos cinco pessoas no carro: meu amigo, sua namorada, eu e mais dois meninos. Assim, estávamos com quatro homens com a pele negra e uma mulher branca no carro. Ao chegamos na garagem do Carrefour estávamos descendo o carro, a namorada do meu amigo nos

pediu para não descermos, pois estavam chegando dois homens negros. Ficamos parados no carro para esperar os meninos passarem.

Foi uma experiência complexa porque a moça namorava uma pessoa com a pele negra e os amigos do seu namorado eram negros: eram quatro pessoas negras que estavam descendo do carro, no entanto, a moça impediu-nos de descer porque havia duas pessoas com a pele negra chegando na nossa frente. Neste contexto, percebe-se que os corpos dos meninos que estavam chegando na nossa frente foram julgados como sendo estranhos pelo imaginário da moça. No entanto, ela não tem medo dos outros corpos negros que estavam no carro. Se olharmos a situação por um outro aspecto e pensarmos na hipótese de a moça nunca ter tido contato conosco, ao ver-nos na rua, provavelmente, ela teria sentido medo por sermos negros. Assim, percebe-se que esses corpos sofrem um comportamento de racismo biopolítico. A morte de João Alberto Silveira Freitas, de 40 anos, é um outro exemplo desse mesmo racismo. João foi espancado e morto por dois homens brancos num supermercado do Carrefour em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no dia 19 de novembro de 2020⁶. O crime ocorreu na véspera do dia da consciência negra, uma data importante que promoveu debates sobre o racismo e trouxe reflexões sobre a resistência dos negros escravizados no Brasil.

Para Clough (2007), o corpo biomediado está relacionado com a acumulação de capital no domínio da afetividade e das relações de poder que acompanham a mudança de governança da disciplina “ao controle biopolítico, uma mudança que depende de uma certa implantação do racismo” (CLOUGH, 2007, p.208). Dessa maneira, o corpo biomediado permite compreender as dimensões afetivas que atravessam esse corpo e os processos de dominação social, de controle biopolítico, e os processos de conformação do racismo. Então, o racismo biopolítico do corpo biomediado envolve as populações de suas “biologias vulneráveis”, vulneráveis não apenas à doença, à vida e à morte, mas também a políticas regulatórias nacionais e internacionais, programas militares de pesquisa e uma série de ansiedades sociais relativas ao nível de ameaça (apud THACKER, 2005b, p.223). Além disso, esse racismo:

[...] é central para a economia política do organismo biomediado, é porque é um racismo que é implantado toda vez que é feita uma diferenciação entre e nas populações, constituindo corpos adicionais de dados. Em contraste com o

⁶ Mais informações sobre o caso em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/23/caso-joao-alberto-veja-perguntas-e-respostas-sobre-a-morte-de-um-cidadao-negro-no-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>>>

racismo ligado ao corpo como organismo e à sua morfologia da pele [...] (CLOUGH; PATRICIA, 2007, p.223)

Partindo da reflexão da autora, pode-se dizer que o que há é um racismo estrutural baseado em torno da cor da pele e de questões político-econômicas. Assim, ver um negro na rua e definir seu corpo como sujeito marginal, como um “bandido”, quer dizer que as pessoas que são menos privilegiadas, precisam ser vigiadas e controladas à noite, como meu amigo que foi parado pela Polícia Militar às seis da tarde no momento em que se deslocava para a UFMG. Meu amigo é da Guiné Bissau e está cursando Estatística. Ele falou sobre sua experiência no dia 3 de fevereiro de 2020, no programa *Em Caráter Experimental* da Rádio UFMG Educativa, um programa que apresento quinzenalmente às quintas-feiras das 17h às 18h. Nossa conversa foi sobre a vivência e a experiência dele na capital mineira. De acordo com meu amigo, a forma com que foi parado pelos policiais dá a entender que ele havia roubado alguma coisa e para ele foi o pior momento da sua vida. Disse que foi um choque e que, se tivesse dinheiro, no dia seguinte teria voltado para a sua terra.

Percebe-se que não há uma grande diferença entre a minha experiência e a experiência vivida por meu amigo no episódio narrado. Esse tipo de comportamento está relacionados às vulnerabilidades dos corpos negros em relação à diferença de raças, pois “a lógica da raça no mundo moderno é transversal à estrutura social e econômica, interfere como movimento da mesma ordem e passa por constantes metamorfoses” (MBEMBE, 2014, p.37). Esses imaginários que a sociedade tem sobre as pessoas com a pele negra tornam-se realidade quando os mecanismos da sociedade questionam esses corpos, porque “o racismo consiste, antes de tudo, em converter em algo diferente, uma realidade diferente” (Idem, 2014, p.66). É válido ressaltar que as experiências que foram relatadas nesta dissertação não refletem a realidade de todos os imigrantes haitianos no Brasil.

Ao avaliar as dimensões afetivas que atravessam essas experiências, permitimo-nos analisar a migração através dos afetos que movem esses corpos na sociedade. Isso faz com que compreendamos uma sociedade de afetos através dos quais nos conectamos. Assim, a seguir, pretendemos refletir sobre os imaginários sociodiscursivos da migração haitiana para compreender como foi vista a migração pela sociedade através da experiência de um haitiano.

1.2 Os imaginários sociodiscursivos sobre a migração haitiana e experiências vividas

A recente migração haitiana causou certa repercussão na sociedade brasileira e foi definida por ela de uma forma homogênea pelos imaginários sociodiscursivos em torno da chegada dos haitianos. Segundo Cogo e Silva (2017), a imigração haitiana ganhou notoriedade pública a partir de um intenso fluxo de informações e imagens produzidas e difundidas pela mídia brasileira que tratavam a respeito do ingresso de haitianos através das fronteiras da região Norte do Brasil. Segundo Abril (2013):

[...]as imagens nunca vêm sozinhas, nem são reconhecidas fora das coleções e redes imaginárias virtuais. As imagens sempre aderem a algum imaginário social, são parte e resultado desses imaginários. E estes, além de compilações ou repertórios virtuais, consistem em matrizes de produção e reprodução de imagens” (ABRIL, 2013, p.66-67)⁷

A partir dessa reflexão, percebe-se que o fluxo de informações e imagens produzidas sobre a entrada dos haitianos nas fronteiras do Brasil cristaliza um imaginário social que implica que os haitianos que entraram pelo norte do país eram pessoas em situação de refúgio. Isso não quer dizer que não houve haitianos que entraram no Brasil como refugiados. Curiosamente, quando me apresentava como haitiano, as pessoas sempre me perguntavam se era refugiado. Percebe-se que esse imaginário surgiu devido ao alto número de haitianos que entraram pelo norte do Brasil. Além disso, a cobertura midiática em torno do ingresso de haitianos suscita debates que têm como objetivo controlar o fluxo migratório, o que pode ser outro fator na materialização desse imaginário que gera a percepção de que todos haitianos entraram como pessoas refugiadas. Charaudeau (2007) define o imaginário da seguinte forma:

É um modo de aprender o mundo que nasce na mecânica de apresentações sociais, o que, como já foi dito, construiu o significado dos objetos do mundo, os fenômenos que ocorrem, os seres humanos e seu comportamento, transformando a realidade significante real. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem emocional-racional através de intersubjetividade das relações humana, e é depositado na memória coletiva. Assim o imaginário tem dupla função de criação de valor e justificação da ação (CHARAUDEAU, 2007, p.3)⁸

7 [...] las imágenes nunca vienen solas, ni se las reconoce fuera de colecciones y redes imaginarias virtuales. Las imágenes siempre adhieran algún imaginario social, son a la vez parte y resultado de esos imaginarios. Y éstos, además de recopilaciones o repertorios virtuales, consisten en matrices de reproducción y reproducción de imágenes

8 L'*imaginaire* est un mode d'appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l'a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s'y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant. Il résulte d'un processus de symbolisation du monde d'ordre affectivo-rationnel à travers l'intersubjectivité des

Dessa definição de imaginário, podemos interpretar que este é um mecanismo que constrói sentidos que dão valor aos fenômenos que ocorrem com os seres humanos. Olhando o período em que o fluxo de haitianos chegava pelo estado do Acre, dá-se ao fato um sentido de que aquelas pessoas haviam entrado como pessoas que estavam fugindo de algo, como uma guerra, perseguição política, religiosa, etc; porém, no contexto da chegada dos haitianos, percebe-se que essas pessoas deixaram seu país por convicção própria. Esses imaginários sociodiscursivos sobre a migração haitiana fizeram com que meu dia a dia fosse marcado por perguntas do gênero: você veio de avião?; você estava lá quando ocorreu o terremoto?; há carros no Haiti?; entre outras. Percebe-se aqui que essas perguntas estão relacionadas à chegada massiva de haitianos e são resultado do desconhecimento das condições do Haiti, como se fosse este um país tão longínquo e desconhecido a ponto de despertar perguntas, muitas vezes, mirabolantes. Cheguei a me emocionar diversas vezes com essas perguntas e cheguei até a responder sarcasticamente que havia vindo nadando até aqui, porque na minha mente essas perguntas eram tão nonsense que mereciam uma resposta à altura.

Numa conversa que tive com minha amiga que frequenta a mesma igreja que eu, A Igreja Adventista do Sétimo dia do Jaraguá, no bairro Santa Rosa, em Belo Horizonte, ela me disse: "você não chegou no Brasil como refugiado, pois está estudando na UFMG". Além disso, perguntou-me se os haitianos haviam vindo para o Brasil por causa da fome e quais eram as razões da minha saída; qual a minha trajetória; quais os processos burocráticos que tive de passar para vir ao Brasil; se estaria no Brasil a fim de trabalhar etc. Essas perguntas foram feitas tanto na esfera íntima (dentro da igreja) quanto na esfera mais pública, na universidade e na rua.

Na conversa que tive com minha amiga, percebi uma homogeneidade na forma com que as pessoas definem a mobilidade do povo haitiano. Essa generalização foi se estabelecendo através dos discursos que foram veiculados na sociedade brasileira sobre a migração haitiana e dentro do contexto da chegada dos haitianos após o terremoto de 2010, o que permitiu que as pessoas construíssem um imaginário social coletivo sobre a chegada do povo da ilha caribenha.

Esse imaginário sociodiscursivo fez com que as pessoas sempre me perguntassem se eu era refugiado e como um exemplo disso, apresento uma conversa que tive no segundo

relations humaines, et se dépose dans la mémoire collective. Ainsi, l'imaginaire a une double fonction de création de valeurs et de justification de l'action.

semestre de 2019 com um dos professores da disciplina: naquela altura fazia um estágio docente numa disciplina chamada “Tópicos Laboratório de Comunicação Social: Rádio Educativa” e um dos professores da disciplina me perguntou: “você é refugiado?” eu lhe disse: “Não, sou intercambista”, o professor, em seguida, disse-me: “então você não veio como os outros haitianos que passavam nas fronteiras do Brasil”. Para aquele professor, todos os cidadãos haitianos que entraram no Brasil pelas fronteiras eram refugiados. Além disso, percebe-se que nesta pergunta o professor estava interessado em saber a respeito da minha trajetória, das motivações que me levaram a sair do Haiti, o que fazia aqui no Brasil, etc.

O que chamou minha atenção nessas conversas foi o fato de a opinião da minha amiga não ser diferente da do professor. Portanto, “a opinião coletiva é o que um grupo expressa sobre outro grupo. Consiste em bloquear o outro grupo em uma categoria definitiva, essencializando-o” (CHARAUDEAU, 2007, p.7)⁹. Cada vez que dizia que era “estudante” as pessoas não me classificavam como refugiado. Assim, os discursos ou as opiniões coletivas foram criadas por esses imaginários, pois:

[...] é a partir destes tipos de conhecimentos que a imaginação se alimenta, obviamente, brincando muitas vezes com estas categorias, esbatendo as linhas, passando o conhecimento da crença como conhecimento do conhecimento, o conhecimento da opinião como conhecimento da revelação, apresentando o conhecimento da opinião relativa à luz do conhecimento da opinião comum, transformando o conhecimento teórico em conhecimento doutrinário. (CHARAUDEAU, 2007, p.7)¹⁰

Partindo dessa definição, percebe-se que os imaginários em torno dos haitianos foram alimentados por essas opiniões coletivas que permitiram que fosse criada uma categoria social entre os haitianos que migraram para Brasil para fins diferentes. Além disso, esses imaginários sobre o fluxo migratório haitiano me ajudaram a compreender o porquê de cada vez que dizia que sou haitiano, as pessoas me perguntarem se era refugiado. Percebe-se que o termo “refugiado” tornou-se um status social para definir a entrada dos haitianos. Como citado por Pessoa (2018), “essas apresentações são alçadas ao status de sociodiscursivas se e quando um sistema de signos rege o processo de configuração dessa simbologia no qual o enunciado desempenha o papel de testemunho de um sujeito sobre o mundo.” (PESSOA, 2018, p.45), assim, essa homogeneidade em

9 L'opinion collective est celle qu'exprime un groupe à propos d'un autre groupe. Elle consiste à enfermer l'autre groupe dans une catégorie définitive en l'essentialisant.

10 C'est de ces types de savoirs que s'alimentent les imaginaires, évidemment, en jouant souvent avec ces catégories, en brouillant les pistes, en faisant passer un savoir de croyance pour un savoir de connaissance, un savoir d'opinion pour un savoir de révélation, en présentant un savoir d'opinion relative sous le jour d'un savoir d'opinion commune, en transformant un savoir théorique en savoir de doctrine.

torno desse status se deu pelo imenso número de haitianos que entraram no Brasil após o terremoto de 2010. Aqui, é válido ressaltar, não dizemos que ser refugiado é algo errado, no entanto, a forma que meus amigos imaginam o termo “refugiado” é equivocada, pois coloca todos os imigrantes dentro da mesma categoria, ainda que não veja nada de negativo caso tivesse chegado como refugiado.

Através das minhas experiências percebi que o imaginário sociodiscursivo sobre o termo refugiado foi criado pela opinião coletiva que as pessoas têm sobre essa palavra. Além disso, há também os fatores que levam as pessoas a sair de seus países como: guerras, crises políticas, fome etc. O contexto e a forma pela qual os haitianos chegaram no Brasil corroboram com o sentido negativo que as pessoas compreendem a palavra refugiado. Em relação a essa percepção, trazemos alguns dados que nos permitem compreender como surgiu esse imaginário social e como foi definida a entrada dos imigrantes pelo Governo brasileiro. Além disso, contextualizamos o termo refugiado e imigrante na mobilidade haitiana.

É válido ressaltar que os haitianos chegaram ao Brasil num contexto em que o Haiti foi devastado pelo terremoto de magnitude sete na escala Richter no dia 12 de janeiro de 2010. Assim, a ilha caribenha teve muita repercussão nas mídias internacionais. Então, após o terremoto, a população haitiana passou por momentos difíceis devido aos desastres subsequentes causados pelo terremoto. A chegada dos haitianos foi contextualizada também através das consequências dos problemas sociopolíticos e econômicos do Haiti. O fato de que o número significativo da mobilidade haitiana que começasse a chegar entre 2010 e 2011 fez com que as narrativas estivessem relacionadas à saída deles devido às dificuldades vividas pela população do Haiti após o terremoto. Assim sendo, as narrativas vão constituindo e cristalizando uma descrição desses migrantes como “vítimas da miséria” e da devastação, a quem “a pobreza ronda a vida”. Os haitianos são aqueles que “fogem” do “terremoto”, da “pobreza”, da “epidemia de cólera”, da “fome e da violência” (COGO; SILVA, 2017).

Com os primeiros grupos de haitianos que chegaram em 2010 e 2011, os anos seguintes apresentaram números que foram aumentando consideravelmente quando comparados com os primeiros grupos que chegaram pelo estado do Acre. De acordo com Silva e Costa (2012, 2013), de 2010 até 2014, o número de imigrantes que entram no Brasil era de 50.000 pessoas. No início do ano de 2010, eram grupos pequenos que somavam 200 pessoas e que chegaram na fronteira do Brasil com o Peru.

A partir do ano 2011, já havia 4 mil haitianos em diversos estados do Brasil (COSTA, 2012; SILVA, 2013). São dados que mostram a existência de um fluxo migratório haitiano significativo no Brasil. Então, com o aumento da diáspora haitiana em vários municípios, como Tabatinga e Brasiléia, criam-se problemas nas políticas públicas de acolhimento e de inserção sociocultural. Vários haitianos careciam de produtos de primeira necessidade e tinham problemas de alojamento. Como apresenta Sidney (2017), “em Brasiléia (AC), o atendimento dos imigrantes ficou por conta do governo estadual em parceria com o governo federal, que os alojou num galpão sem infraestrutura adequada para atender cerca de 1.000 pessoas, quando sua capacidade seria de no máximo de 300” (SIDNEY, 2017, p.104). Desse modo, a realidade precária dos haitianos foi destacada pelas entidades religiosas que lhes acolheram e foi retratada em matérias veiculadas em grandes jornais nacionais. As vulnerabilidades foram ressaltadas sob a forma de acolhimento dos haitianos e mostram o impacto dessa mobilidade no Brasil e as dificuldades que os dirigentes públicos tiveram para lidar com a gestão da entrada do povo haitiano.

Pela forma com que a diáspora haitiana entrou pelo norte do Brasil, foi difícil contextualizar esse fluxo migratório em relação às questões jurídicas. Assim, os haitianos precisariam de documentos que definissem seu status na sociedade brasileira. De acordo com Handerson (2017), em fevereiro de 2010, o protocolo recebido na Polícia Federal (PF) pelos haitianos que chegaram às fronteiras brasileiras, sem visto exigido pelo Governo do Brasil, mencionava a solicitação de refúgio. Em fevereiro de 2011, o governo brasileiro suspendeu a concessão dos protocolos de refúgio que concedia aos haitianos (COGO; SILVA, 2016). Nesse contexto, todos os haitianos que entravam de 2010 a 2011, foram considerados refugiados por questões de visto e também por conta dos altos números nas fronteiras. No entanto, se recorrermos à Convenção de Genebra, de 1951, veremos que nem todos haitianos devem ser considerados refugiados. Segundo a Convenção de Genebra de 1951, p.11:

[...] refugiado é aquele que, possuído de um temor bem-fundado de ser perseguido por razões de raça, religião, nacionalidade, de ser integrante de um grupo social específico ou por suas opiniões políticas encontra-se fora do país de sua nacionalidade, e está incapacitado ou possuído por tal temor, por não poder receber a proteção daquele país; ou quem, não tendo nacionalidade e estando fora do país de sua habitual residência, está incapacitado, ou possuído por tal temor, não tem a possibilidade de voltar para ele (Convenção de Genebra, 1951, artigo 1 - definição do termo refugiado).

Mesmo que os números de cidadãos haitianos fossem significativos nas fronteiras, percebe-se com essa definição que nem todos haitianos se enquadram na categoria de pessoas em situação de refúgio. Isso não quer dizer que não houvesse haitianos em situação de refúgio na quantidade que estavam nas fronteiras. Assim sendo, o deslocamento massivo do povo da ilha caribenha rendeu grande debate na esfera jurídica e política com o objetivo de definir uma forma legal de entrada dos haitianos no território brasileiro. Podemos observar que naquela época cidadãos haitianos também não se enquadravam nas políticas migratórias e nos critérios para receber um visto de residência no Brasil. Assim, a chegada dos haitianos não era bem vista pela sociedade e por seus setores mais conservadores. Como destacam Fernandes e Faria (2017):

A entrada dos haitianos no Brasil foi vista com grande receio por uma parcela da sociedade, por setores conservadores do governo e por alguns órgãos da imprensa nacional, que tratavam o fluxo como invasão. Por outro lado, esse quadro migratório gerou efeitos positivos ao mostrar a urgência de se discutir e redefinir a política migratória brasileira, inserindo nas reflexões a visão do imigrante na perspectiva dos direitos humanos. (FERNANDES; FARIA, 2017, p. 157)

Em face dessa problemática, o governo brasileiro por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) promulgou, em 12 de janeiro, a Resolução Normativa nº 97/2012, criando um visto humanitário até então não existente na legislação brasileira (HANDERSON, 2017). Esse visto permite um processo de legalização dos haitianos no país. Eles serão reconhecidos burocrática e juridicamente pelo Governo brasileiro através dos seguintes termos:

Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. O CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO, instituído pela Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 e organizado pela Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003, no uso das atribuições que lhe confere o Decreto nº 840, de 22 de junho de 1993, resolve:

Art. 1º – Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro. Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

Art. 2º – O visto disciplinado por esta Resolução Normativa tem caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da Embaixada do Brasil em Porto Príncipe. Parágrafo único. Poderão ser concedidos até 1.200 (mil e duzentos) vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 (cem) concessões por mês, sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do País.

Art. 3º – Antes do término do prazo previsto no caput do art. 1º desta Resolução Normativa, o nacional do Haiti deverá comprovar sua situação

laboral para fins da convalidação da permanência no Brasil e expedição de nova Cédula de Identidade de Estrangeiro, conforme legislação em vigor.

Art. 4º – Esta Resolução Normativa vigorará pelo prazo de 2 (dois) anos, podendo ser prorrogada.

Art. 5º – Esta Resolução Normativa entra em vigor na data de sua publicação (Conselho Nacional de Imigração, Resolução Normativa nº 97, de 02/12/2012, D.O.U. 13/01/2012)

Através desta resolução e com o visto humanitário, o Governo brasileiro passou a reconhecer os haitianos com a Identidade do Estrangeiro. De 2010 até 2012, observa-se que o fluxo migratório dos haitianos não os enquadrava como refugiados pelas políticas migratórias do Brasil. Além disso, observa-se que o Estado brasileiro esperou dois anos para definir juridicamente o status da mobilidade dos haitianos. Então, no contexto da migração haitiana, percebe-se que são pessoas que deixam sua terra natal numa perspectiva de começar uma outra vida, pois o Haiti vivia uma realidade complexa, e essas pessoas procuravam outra alternativa para construir para si um futuro melhor. Um futuro melhor para os haitianos poderia acontecer com o comprometimento do poder público e da sociedade civil na criação de um projeto de integração sociocultural desses cidadãos. De acordo com Lafleur e Marfouk (2017):

A integração de imigrantes no mercado de trabalho é um passo crucial para sua integração social e cultural. A situação desvantajosa dos imigrantes no mercado de trabalho pode, portanto, constituir um obstáculo à sua participação em outras esferas da vida da sociedade. (LAFLEUR; MARFOUK, 2017, p.93)¹¹.

Partindo da reflexão desses autores, o trabalho é algo fundamental no processo da integração dos haitianos, pois essa vida melhor que eles vêm procurar no Brasil pode ser realizada através da sua inserção no mercado de trabalho. Para Sayad (1998), o migrante é uma força de trabalho pela estrutura da sociedade que o escolheu para viver: ele está aqui pelo trabalho, somente isso:

[...] Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração) como imigrante, continua sendo tratado como um trabalhador definido e provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no

11 l'intégration des immigrants sur le marché du travail est une étape cruciale vers leur intégration sociale et culturelle. La situation désavantageuse des immigrants sur le marché du travail peut donc constituer une entrave à leur participation dans d'autres sphères de la vie en société.

trabalho, porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele. (SAYAD, 1998, p. 54-55).

Partindo da definição de Sayad (1998), podemos considerar que o trabalho é umas das principais razões que levam um imigrante a deixar sua terra natal. Além disso, é algo que define o imigrante pelas condições sociais que a sociedade acolhedora lhe impõe. São sujeitos que encontram dificuldades e inadaptação pelos próprios mecanismos socioculturais e da economia à qual vieram servir. Em relação à mobilidade dos haitianos, observa-se que o trabalho parece ser uma categoria central para entender a dinâmica desse fluxo migratório.

Percebe-se que os imaginários sociais que foram construídos sobre a migração haitiana estão relacionados a fatores como as crises socioeconômicas e políticas que o país conheceu nos últimos anos e o número significativo de cidadãos haitianos que entraram no Brasil recentemente. Há também a visão que as pessoas têm sobre o Haiti depois do terremoto e as dificuldades que a sua população encontrou por conta da falta de políticas públicas na chegada ao território brasileiro.

Assim, esses imaginários sociais criaram uma barreira no processo da minha integração na capital mineira, pelo meu sotaque as pessoas sempre queriam saber de onde venho. Uma vez que falava que era do Haiti, percebi que as pessoas me faziam diversas perguntas relacionadas com a catástrofe de 2010. Então, no meu primeiro ano no Brasil, as conversas que tive com meus amigos brasileiros tornaram-se quase uma “entrevista” com o objetivo de saber se as informações sobre o Haiti transmitidas na televisão eram verdadeiras.

Neste primeiro capítulo fiz uma breve apresentação sobre a questão racial no Haiti, a luta de classes entre negros e mulatos e as crises sociais, econômicas e políticas que o país passou após sua independência. Abordei também o aspecto da negritude na sociedade haitiana, como são vistos os termos “negro” e “branco” em crioulo haitiano, a língua mais falada no país. Falei também da minha vivência no Haiti antes de vir ao Brasil, de minhas expectativas antes de emigrar e de meu imaginário sobre o Brasil quando ainda estava no Haiti. Além disso, contextualizei minha experiência através das dimensões afetivas que tocam meu corpo, que me levam a me identificar como um homem negro.

Como dito anteriormente, essas experiências não são a realidade de todos os haitianos que estão vivendo em Belo Horizonte, são experiências particular de uma pessoa que tem uma vivência diferente em relação aos outros haitianos na capital mineira. Como

cheguei ao Brasil em fevereiro de 2014, com visto de estudante, para a comunidade da UFMG tenho o status de estudante e percebi que isso cria um imaginário de classe social que me diferencia em relação aos haitianos que emigraram para o Brasil com outros fins. Num primeiro momento, antes de saber se havia entrado no Brasil pelas fronteiras, as pessoas me consideravam um refugiado, porém quando falava que era estudante, percebi que me olhavam de uma forma diferente, no sentido de que não estou aqui para trabalhar. Porque os imaginários dão pistas que os haitianos vieram para o Brasil pelo mesmo motivo, no entanto, cada imigrante veio para fins diferentes. Por outro lado, dentro das questões raciais próprias do Brasil, não faz diferença se você é estudante ou não. Então, abordando minhas experiências através dos afetos que lhes atravessam, permiti-me colocar em questão a vivência de outros haitianos que não têm espaços como a universidade para questionar suas experiências na capital mineira.

Ao longo deste capítulo, abordamos o termo refugiado com o objetivo de tentar compreender a origem de certas presunções por parte das pessoas ao me fazerem perguntas que, de alguma forma, me classificavam como refugiado. Essa abordagem possibilita que tenhamos uma compreensão em torno dos imaginários sociais sobre o fluxo migratório dos haitianos e sobre o sentido da palavra “refugiado” nas conversas que tive com meus amigos, dado que existem muitas classificações para os imigrantes, o que dificulta a percepção da sociedade o status individual e coletivo dos mesmos. Por essa razão, contextualizamos o status dos imigrantes haitianos, pois são pessoas que saem de sua terra de origem com seus próprios objetivos de buscar uma vida melhor no Brasil. No capítulo seguinte, apresentarei a emigração dos haitianos pelo mundo e falarei sobre como o Brasil se transformou num novo espaço para o povo haitiano, além de alguns fatores que a caracterizam. Além disso, falarei sobre a migração dos haitianos na capital mineira e sobre minha experiência em torno dessa mobilidade em Belo Horizonte.

CAPÍTULO 2

A MIGRAÇÃO HAITIANA NO MUNDO: O BRASIL COMO NOVO ESPAÇO MIGRATÓRIO

Neste capítulo procuramos dialogar com alguns registros que consideramos importantes sobre a mobilidade haitiana no mundo e, em específico, no Brasil como novo espaço migratório para os haitianos. Além disso, falamos sobre alguns fatores que levaram o povo haitiano a deixar seu país e associamos alguns desses fatores a acontecimentos da história da ilha caribenha. Por fim, abordamos a migração dentro do estado de Minas Gerais, mais especificamente na região metropolitana de Belo Horizonte, e o processo de inserção desses imigrantes na sociedade brasileira.

O Haiti é a primeira República negra do mundo e é um país que marca a história da humanidade pela sua revolução contra o sistema colonial francês. Esse Estado foi criado por escravos que vieram da África e que lutaram contra os franceses durante 12 anos. Em 1 de janeiro de 1804, esse país tornou-se uma República independente, a única das Américas até então, e conquistou sua independência graças à luta de escravos

Após sua independência, a jovem República passou por várias batalhas travadas por escravos libertos e por momentos de instabilidade política, social e econômica. As crises que ocorreram no Haiti ao longo do século XX e XXI levaram o país a passar por uma ditadura que duraria 29 anos. Além disso, o país sofreu duas intervenções militares: a ocupação militar dos Estados Unidos, em 1915, que durou 19 anos; e a intervenção militar pelo conselho das Nações Unidas, que enviou uma missão da paz: Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, conhecida pela sigla MINUSTAH. Essa missão ficou no país durante 13 anos, sob o comando das forças armadas brasileiras e com participação de 15 outros países.

Esses momentos de instabilidade deram início aos processos de mobilidade internacional dos haitianos e pode-se entender esses processos em várias fases. Para o presente trabalho, fizemos um recorte em torno da saída dos haitianos durante a ocupação estadunidense (1915-1934), assim como o período da ditadura dos Duvalier, quando as elites intelectuais do país deixaram sua terra natal para se refugiarem nos Estados Unidos, Canadá e França por causa da perseguição política (1971-1986), e,

enfim, a última causada pelo terremoto de 12 janeiro de 2010. Em face do desastre causado pelo terremoto, vários haitianos deixaram o país e migraram para o Brasil com o objetivo de buscar uma vida melhor.

2.1 A imigração dos haitianos no mundo

A migração é uma das atividades mais antigas na história da humanidade. Nas últimas décadas, a questão migratória foi bastante debatida na esfera pública devido ao deslocamento intenso de pessoas para países da Europa, da América do Norte e da América do Sul. Dito isso, nossa abordagem será particularmente sobre os fatores do fenômeno migratório dos haitianos para o mundo. De acordo com o *Glossário sobre Migração* (OIM, 2009, p.40), a migração é um processo de atravessamento de uma fronteira internacional, ou de um Estado; um movimento populacional que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos. Partindo dessa definição, esse deslocamento pode acontecer de duas maneiras: a primeira é denominada “migração interna”, movimento que ocorre de uma região para outra região de um mesmo país. A segunda é a “migração internacional” que pode ocorrer entre diferentes países ou continentes.

Assim sendo, a mobilidade dos haitianos no mundo foi algo marcante na sociedade haitiana pelos fatores que levaram o povo da ilha caribenha a emigrar para outros países. Então, a primeira mobilidade internacional de haitianos ocorreu nas ilhas vizinhas, durante a ocupação estadunidense (1915-1934). Tal fluxo migratório ocorreu simultaneamente entre a República Dominicana e Cuba pelo crescimento das indústrias estadunidenses de cana-de-açúcar nesses dois países. Assim, houve a abertura de oportunidades para a mão de obra nessas indústrias que foram preenchidas por trabalhadores haitianos. De acordo com Handerson (2015), entre 30 mil e 40 mil haitianos emigravam temporariamente todos os anos para Cuba e um 28 mil e 258 haitianos emigraram para a República Dominicana em 1920, contra 52 mil e 657 em 1935.

O autor ressalta que esse deslocamento intensivo de haitianos para esses dois países está relacionado com a conjuntura geopolítica da ocupação americana daquela época, pois os Estados Unidos aplicaram uma intervenção militar simultaneamente em ambos países. Além disso, por causa da primeira guerra mundial, a Alemanha teve forte presença no

país caribenho. O Haiti representava à época um lugar estratégico para a instalação dos alemães, e os estadunidenses, com o objetivo de salvaguardar sua hegemonia na região, ocuparam o Haiti militarmente.

Como podemos observar, esse traslado de haitianos para a República Dominicana e Cuba marcou o crescimento de mão de obra nesses países. É válido ressaltar que esse deslocamento foi caracterizado por camponeses haitianos que vieram de regiões rurais da ilha. Assim sendo, as categorias sociais afetadas por este tipo de migração foram as elites urbanas que saíam para buscar um futuro melhor. A inserção da comunidade haitiana não era bem vista nesses países, particularmente na sociedade dominicana. Muitos sofreram xenofobia pelos governos desse país. Em 1937, a xenofobia dominicana teve sua expressão mais violenta, quando o ditador Rafael Leónidas Trujillo, cuja ditadura durou de 1930-1961, ordenou aos militares matar milhares de cidadãos haitianos, mas até hoje não se sabe, de fato, quantos foram assassinados - algumas estimativas apontam números que vão de 6 mil a 30 mil (HANDERSON, 2015, p.68). É válido ressaltar que esse foi um massacre anti-haitianista levado a cabo pelo governo dominicano daquela época.

Em Cuba, o governo deu um status imigratório temporário para os haitianos, uma espécie de visto de trabalho, porém, com o encolhimento da indústria açucareira, passou a ser proibido trazer mais haitianos para as plantações. Apesar da proibição, até 1961, haitianos continuaram a chegar a Cuba para trabalhar em plantações de café (Idem, 2015, p.68). Percebemos que o primeiro fluxo migratório dos haitianos ocorreu nas ilhas vizinhas ao país e tal mobilidade foi marcada pela saída de camponeses, fato esse que mostra que a ocupação americana não foi benéfica para o país, pois as pessoas que deveriam trabalhar para o crescimento da produção agrícola evacuaram o país para trabalhar nas plantações de países vizinhos.

Outro momento do fluxo migratório da diáspora haitiana ocorreu por perseguições políticas, mais precisamente durante a ditadura dos Duvalier (1971-1986). Nesse período, houve a fuga de muitos intelectuais do país. Nas décadas de 1960 e 1970, vários haitianos foram a certos países da Europa, África e da América do Norte para se refugiar. Dessa maneira, os *tonton macoutes* (milícias do regime Duvalier) criaram muito terror na sociedade haitiana. Em face de tamanha repressão, as elites intelectuais deixaram o Haiti para emigrar à França, ao Canadá e aos Estados Unidos, principais

destinos dos imigrantes. Outros haitianos emigraram às Bahamas, Guiana Francesa, Guadalupe, entre outros. Segundo Télémaque (2012), os Estados Unidos foram o principal destino da diáspora haitiana desde da ditadura e o são até os dias de hoje:

Os Estados Unidos são disparados o principal destino dos imigrantes haitianos desde o movimento de fuga forçado pelo regime ditatorial de François Duvalier, ao final dos anos 1950. A opressão política combinada com dificuldades econômicas continuou a fornecer contingentes de imigrantes haitianos no país todo ao longo dos anos 1970, 1980, 1990 e 2000 (TÉLÉMAQUE, 2012, p.26)

Percebe-se que os haitianos deixam o país de uma forma forçada, ameaçados pelas torturas do regime ditatorial de Duvalier. A maioria das pessoas que formavam parte dessa diáspora era formada por profissionais e intelectuais. Essa imigração forçada foi intensificada por questões econômicas, por razão das quais vários haitianos emigraram para trabalhar. Esse deslocamento massivo era chamado de *boat people*, expressão em inglês que faz referência ao desembarque nas praias de Miami. Essa viagem era muito perigosa porque os haitianos viajavam em barcos superlotados, às vezes eles não chegavam ao destino final padecendo de doenças e falecendo em alto mar, além disso, houve também muitas ações policiais no mar que os capturavam. Assim, a diáspora haitiana cresceu bastante em algumas regiões específicas dos Estados Unidos tais como: Nova Iorque, Flórida, Massachusetts e New Jersey. A comunidade haitiana está estimada em mais ou menos 1 milhão de pessoas. Estes quatro estados respondem por 89% da comunidade haitiana nos Estados Unidos (TÉLÉMAQUE, 2012).

Télémaque (2012) destacou em seu trabalho que Massachusetts tem a terceira maior comunidade de haitianos nos Estados Unidos. Em 2005, a prefeitura de Boston publicou um relatório que reportava que a diáspora haitiana era estimada em 40 mil pessoas concentradas nas regiões de Mattapan, Blue Hill Avenue, Roxbury, Dorchester e Hyde Park (Idem, 2012). Enfim, como houve nos últimos anos uma mobilidade intensa de haitianos para os Estados Unidos, a maior concentração de migrantes vindos da ilha caribenha se encontra nesse país norte-americano.

A França foi um dos destinos da diáspora haitiana e em 1960 a comunidade de haitianos que emigraram era estimada em torno de 100 pessoas. Esse número cresceu para 400 pessoas na primeira metade da década de 70. A maioria deles eram estudantes, o restante era composto por profissionais e intelectuais que fugiam da ditadura de

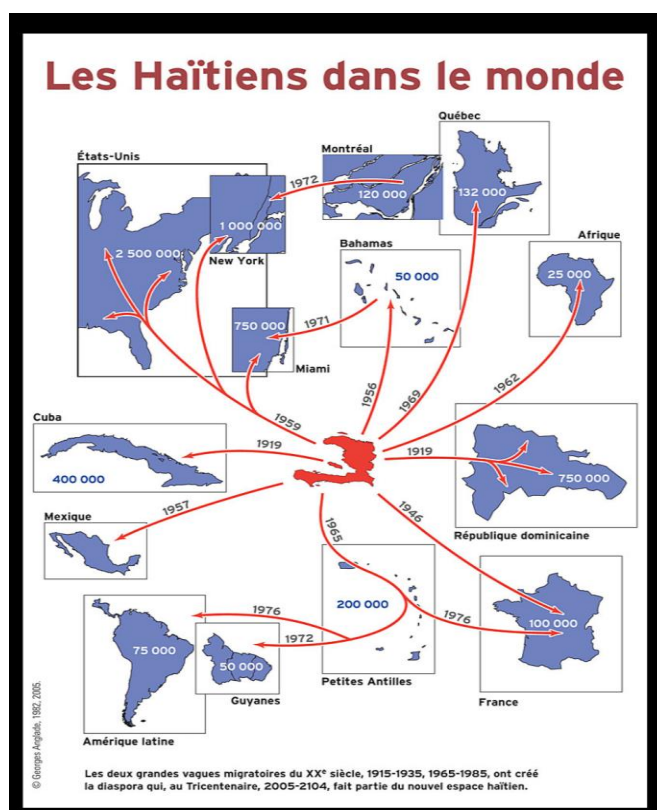
Duvalier. Os haitianos que emigraram para França naquela época eram originários da burguesia ou da classe média da sociedade haitiana (HANDERSON, 2015).

É válido observar que durante o regime ditatorial o trânsito de haitianos emigrando para a Europa, particularmente para a França, era composto pelas elites do país. Neste contexto, os pensadores haitianos eram vistos pelo regime como inimigos. Pode-se dizer que naquela época o Haiti viveu um momento de sombra, pois aqueles que não tiveram condições de emigrar foram torturados pelas milícias de Duvalier. Até hoje a França é um dos principais destinos de cidadãos haitianos para estudar, principalmente em cursos de pós-graduação. O Canadá é outro destino importante da mobilidade internacional de haitianos. A maioria deles vive na província de Quebec:

Esta comunidade tem a característica de não ser homogênea e ainda apresenta consideráveis diferenças tanto em termos de diversidade de origens sociais de seus membros quanto das condições concretas e em que momentos históricos se integraram na sociedade quebequense (TÉLÉMAQUE, 2012, p.28).

Os dados apontam que essa comunidade é bem instruída. Em 2001, estimou-se que 54% desses migrantes haitianos sabem falar francês, e 42% eram bilíngues (Idem, 2012). Na figura a seguir, pode-se observar o deslocamento dos haitianos para o mundo:

(Figura 10 - Sobre a Imigração Haitiana no Mundo



Fonte: Georges Englade, *Les Haïtiens dans le Monde*, 2005.

A ditadura e as ocupações militares tiveram muito impacto no fluxo migratório haitiano no mundo:

A instalação da ditadura provocou um duplo efeito: 1) o surgimento da repressão política generalizada nos meios urbanos e rurais com a criação da milícia “Voluntários da Segurança Nacional”, conhecida popularmente por *Tontons Macoutes*; 2) a degradação acentuada das condições de existência do conjunto das camadas sociais da população (HANDERSON, 2015, p 71).

O regime de Duvalier desestabilizou o Haiti nos níveis social, político e econômico. Além disso, o regime permitiu que os “cérebros” do país emigrassem para colocar seu conhecimento a serviço de outrem. A queda do regime de Duvalier, em 1986, deu oportunidade para uma outra página na história do Haiti, gerando uma outra forma de luta e demanda social através da democracia e da liberdade de expressão.

O Haiti conheceu ao longo do século XIX duas ondas migratórias e de recursos humanos que deveriam ter ajudado o país a crescer. Essas mobilidades ocorreram na ausência de uma liderança e devido à instabilidade política, social e econômica das últimas décadas. Mesmo que essas mobilidades tenham seus impactos na sociedade haitiana pela quantidade de pessoas que deixaram o país nesses últimos anos, as remessas da comunidade haitiana do exterior contribuem muito com a economia do país. Em 2007, o Haiti recebeu US\$ 1.017.000.000 (um bilhão e 17 milhões de dólares) de haitianos residentes nos Estados Unidos. Do Canadá, foram enviados US\$ 230.000.000 (duzentos e trinta milhões de dólares); da França, US\$ 130.000.000 (cento e trinta milhões de dólares) e da República Dominicana e das Bahamas, US\$ 33.000.000 (trinta e três milhões de dólares). Essas remessas enviadas aos familiares no Haiti superaram US\$ 1.065.000.000 (um bilhão sessenta e cinco mil dólares). Esses valores representam 24% do Produto Interno Bruto (PIB) anual do Haiti (HANDERSON, 2015). Portanto, esses dados revelam que a comunidade haitiana expatriada possui um papel crucial na vida econômica do país.

As últimas crises sociais, econômicas e políticas ocorridas no Haiti nos últimos anos e que foram agravadas pelo terremoto de 12 de janeiro de 2010 abriram caminho para outra mobilidade internacional com destino aos países da América Latina, particularmente ao Brasil. Portanto, no próximo tópico, faremos uma apresentação do contexto do fluxo migratório de haitianos para o território brasileiro.

2.2 Os Fatores da imigração dos haitianos para o Brasil

A mobilidade haitiana para o território brasileiro já foi estudada em vários campos das Ciências Humanas. Vários pesquisadores haitianos e brasileiros contextualizam essa mobilidade em seus trabalhos. Pode-se observar que antes da recente migração de haitianos para o Brasil, o povo haitiano já emigrou a vários países e os fatores dessas migrações estavam ligados à questões políticas, sociais e econômicas. Além disso, se nos remontarmos à construção do Haiti como a primeira República negra do mundo, poderemos observar que o Haiti é uma nação construída pela diáspora africana dos que foram sequestrados, vendidos e levados à ilha para serem escravizados. O conceito “diáspora” foi reservado por muito tempo ao povo judeu, para descrever a experiência das diásporas judaicas que viviam em minorias entre outros povos. Hoje o termo designa as realidades migratórias e tornou-se um conceito nas ciências humanas, em relação com os números de publicações sobre o assunto. No entanto, é uma palavra comum na sociedade haitiana para referir-se aos haitianos que estão vivendo fora do país e que voltam temporariamente ao Haiti. De acordo com Handerson (2015), o termo diáspora no imaginário social haitiano se refere a uma pessoa que possui dinheiro e é bem-sucedida economicamente. Além disso, serve como adjetivo para qualificar o status social daqueles que residem no exterior:

O termo diáspora serve como adjetivo para qualificar pessoas, além de designar a comunidade haitiana transnacional, o sujeito coletivo. É comum os haitianos no Haiti usarem a palavra diáspora para chamar outro compatriota que parte, reside no exterior, envia remessas etc: “*Diáspora ki jan ou ye?*” (Diáspora como você vai?), “*Sa k’ap fèt diáspora?*” (O que tem feito, diáspora? Como está indo, diáspora?), “*Mwen se diáspora*” (Sou diáspora). Estas expressões caracterizam o termo diáspora como categoria de autodesignação e de alteridade, permitindo diferenciar os que vivem no exterior em relação àqueles que ficam no Haiti. (HANDERSON, 2015, p.352.)

O imaginário sociodiscursivo em torno da palavra diáspora mostrou que qualquer haitiano que sai do Haiti não tem o mesmo status social quando ele volta para sua terra natal. Percebe-se que através desse imaginário a sociedade haitiana interpreta os seus compatriotas que vivem fora do país como pessoas que têm uma boa condição econômica e social. É como se os haitianos interpretassem o termo diáspora como adjetivo para definir o status social do seus compatriotas de fora. Porém, o conceito de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (STUART; HALL, 2003, p.33).

Hall aponta que a questão da diáspora nos permite compreender as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a nação e a identidade numa era de globalização crescente. Para o autor, a história da globalização coincide com a era da exploração e das conquistas europeias e com a formação dos mercados capitalistas mundiais (HALL, 2003). Então, o termo diáspora nos ajuda a compreender as transformações e as experiências migratórias e permite-nos refletir sobre a migração no contexto da globalização, pois as divisões territoriais, e a segregação de identidades promovidas pela globalização não refletem uma diversidade de parceiros iguais (BAUMAN, 1999).

Para Bauman (1999), a globalização ou a sociedade pós-moderna de consumo é uma sociedade estratificada. Nela encontramos duas classes: uma classe alta e uma classe baixa. Nessas classes podemos observar uma mobilidade desigual. O autor chamou a classe alta os habitantes do primeiro mundo e a classe baixa os habitantes do segundo mundo. Conforme dito por Bauman (1999):

O primeiro mundo, o mundo dos globalmente móveis, o espaço perdeu sua qualidade restritiva e é facilmente transposto tanto na sua versão “real” como na versão “virtual”. Para o segundo mundo, o da “localidade amarrada” daqueles impedidos de se mover e assim fadados a suportar passivamente qualquer mudança que afete a localidade onde estão presos, o espaço real está se fechando rapidamente (BAUMAN, 1999, p.96).

Pode-se observar que os habitantes dos países desenvolvidos têm mais facilidades para se deslocar, ao passo que os habitantes dos países em desenvolvimento restritos às suas fronteiras. Contudo, a liberdade de mobilidade pode ser considerada um direito humano universal, mas na prática existe em relação à classe, raça, sexualidade, gênero e exclusões de habilidade de espaço público, da cidadania nacional, do acesso aos recursos, e dos meios de mobilidade em todas as escalas (SHELLER, 2018). A mobilidade deve ser considerada como um direito para quaisquer habitantes do mundo, mas as classes que existem nas sociedades modernas permitem que um grupo de pessoas fique ancorado em sua terra natal através dos muros constituídos pelos controles de imigração e pelas leis de residência. Há também a política de “ruas limpas” e de “tolerância zero”; ficaram mais altos os fossos que os separam do desejo e da sonhada redenção; ficaram mais profundos, ao passo que todas as pontes, assim que se tenta atravessá-las, revelam-se pontes levadiças (BAUMAN, 1999, p.97).

Mesmo falando que estamos vivendo num mundo globalizado, porém, observamos que existe uma mobilidade desigual nas sociedades pós-modernas. Essa desigualdade está relacionada com as questões de classe, raça, sexualidade, gênero etc. Então, se já existiu uma desigualdade nas sociedades modernas, já era de se esperar como seria a mobilidade dos haitianos após o terremoto de 2010. Como foi apontado no item 1 do primeiro capítulo, a catástrofe de 2010 ocorrida no Haiti criou uma mobilidade desigual na sociedade haitiana. Os haitianos que não tinham condições de mudar ficaram presos em seus lugares. Assim, para reconstituir a recente mobilidade da diáspora haitiana no Brasil, é preciso analisar as relações diplomáticas entre ambos os países e os fatores que levam os haitianos a ter o Brasil como destino após o terremoto. Em termos diplomáticos, Haiti e Brasil mantêm conjunturas desde 1928, ano em que foram abertas ligações entre os dois países (TÉLÉMAQUE, 2012). Então, antes do fluxo migratório dos haitianos dos últimos anos, já existiam várias cooperações bilaterais em termos de educação e cultura. Como exemplo é o programa PEC-G e PEC PG. O Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), criado oficialmente em 1981, oferece bolsas de estudo para cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil possui acordo de cooperação cultural e/ou educacional, para a formação em cursos de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras.

Foi através desses dois programas que os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores do Brasil mantiveram com o Haiti que muitos estudantes haitianos vieram e vêm ao Brasil para estudar desde 1965. De 2006 até 2019, são 127 estudantes haitianos que vieram ao Brasil fazer a graduação. Não só o Haiti se beneficia com esses programas, mas sim todos países como os da África e das Américas que mantêm acordos educacionais e culturais com o Brasil. O autor do presente estudo faz parte dos alunos que vieram para o Brasil através desses programas. Os alunos selecionados se matriculam no curso de graduação ou pós-graduação gratuitamente e têm como condição a aprovação no Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa (Celpe-Bras). A prova é elaborada especialmente para os alunos estrangeiros que vieram de países não lusófonos, ou seja, que não falam a língua portuguesa. De acordo com o edital dos programas, depois da formação, os estudantes devem voltar para seu país de origem para contribuir no desenvolvimento da sua terra natal (Ministério das Relações Internacionais, 2013).

Pode-se observar que através do programa PEC-G o Brasil e o Haiti desenvolveram uma relação cultural e educacional. Já em termos diplomáticos e políticos, pode-se analisar a presença do exército brasileiro que comandou as tropas da Missão das Nações Unidas para Estabilização (MINUSTAH), no Haiti, entre os anos 2004 e 2017. Civil (2018) apresentou em seu trabalho alguns aspectos sociopolíticos entre os dois países, tais como: projetos humanitários desenvolvidos pelos soldados nas favelas da capital, como Cité Soleil, Belair e outras. Além desses projetos houve também o Jogo da Paz¹² que foi realizado no dia 18 de agosto de 2004, no Estádio Sylvio Cator, entre a seleção haitiana e seleção brasileira de futebol. Então, no aspecto cultural, a população haitiana tem uma forte conexão com a seleção brasileira, pois a maioria torce para o Brasil, além dos desfiles do carnaval do Rio de Janeiro e das telenovelas veiculadas nos canais de televisão haitianos. Assim sendo, pode-se afirmar que antes da catástrofe natural de 2010, os haitianos tiveram contato com os brasileiros através dos projetos bilaterais, culturais e políticos que existiam entre ambos países.

A migração dos haitianos aconteceu num período em que o Haiti foi devastado por um terremoto e o Brasil estava em plena preparação para dois eventos esportivos de grandes proporções: a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Além disso, as imagens veiculadas sobre o Brasil como sendo um “paraíso racial” e o discurso de abertura e hospitalidade do governo brasileiro em relação aos haitianos foram alguns pontos no processo da chegada dos imigrantes à nação brasileira (HANDERSON, 2015).

O percurso mais comum e mais usado no início do fluxo tinha Porto Príncipe como ponto de partida e era efetivado por via aérea com escala na Cidade do Panamá, passando eventualmente por Santo Domingo, capital da República Dominicana. Da Cidade do Panamá, alguns se dirigiam para Quito (Equador) e outros iam diretamente para Lima (Peru). De Quito ou Lima, por via terrestre ou fluvial, chegavam à fronteira do Brasil em diferentes pontos, sendo Tabatinga (AM), Assis Brasil (AC), Brasiléia (AC) ou Epitaciolândia (AC) os mais escolhidos (FERNANDES, FARIA, 2017, p.150). Tal rota não era de nenhuma maneira pacífica para os viajantes. Eles encontraram dificuldades ao longo do caminho, como aponta Sidney (2015): “intimidação e, em alguns casos, a violência de agentes policiais que atuam nas fronteiras do Peru e do

12 O Jogo da Paz foi uma partida de futebol realizada na capital do Haiti no dia 18 de agosto de 2004, no Estádio Sylvio Cator, disputado entre a seleção de futebol do Haiti e do Brasil.

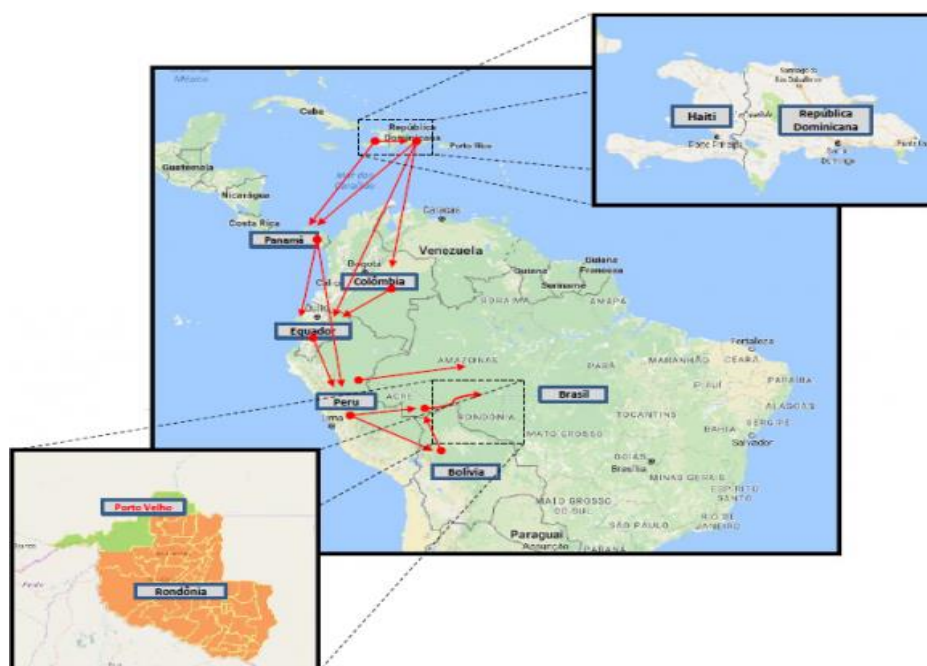
Equador, tirando dos haitianos dinheiro e objetos pessoais” (SIDNEY, 2015, p.121). Além de encontrar dificuldades ao longo do caminho, essa rota custava mais ou menos US\$ 3 mil a cada viajante e durava mais ou menos três meses antes da chegada pela fronteira no norte brasileiro. No Haiti, muitos desses viajantes eram aliciados por coiotes que prometiam uma vida próspera em terras brasileiras, especialmente no Polo Industrial de Manaus (TÉLÉMAQUE, 2012).

Partindo dessa trajetória, o deslocamento do fluxo migratório da diáspora haitiana era feito pela Tríplice Fronteira: Brasil, Colômbia e Peru (HANDERSON, 2015). Assim sendo, os haitianos usaram vários pontos de entrada, tais como: o Estado do Acre, municípios de Brasiléia e Tabatinga. Os dados do projeto “Estudos sobre a Migração Haitiana ao Brasil e Diálogo Bilateral” apontam que os pontos de entrada dos haitianos:

[...] Segundo os dados da Polícia Federal os pontos de entrada dos haitianos no Brasil totalizariam 27 cidades, distribuídas nas regiões Norte, Sudeste e Sul. No entanto, 84,8% dos imigrantes entram no Brasil por somente 5 cidades, a saber: São Paulo e Guarulhos (37%), Tabatinga (29,7%), Epitaciolândia e Brasiléia (18,1%). Essas cidades são na realidade pontos de passagem, pois salvo o caso de São Paulo e Guarulhos, onde 43,8% dos que entraram por estas cidades ali fixam residência, nos demais casos os imigrantes tendem a buscar outras cidades. (FERNANDES, D.M. CASTRO, 2014, p.39)

Observa-se nesses dados que os imigrantes entravam por várias cidades das regiões Norte, Sudeste e Sul. Tabatinga e Brasiléia foram os principais pontos da mobilidade haitiana. Com o decorrer do tempo, o fluxo de imigrantes haitianos para o Brasil foi se ampliando e, ao final de 2011, havia referências da presença de mais de 4.000 haitianos no país (COSTA, 2012; SILVA, 2013). Esse número não parou de aumentar, chegando a mais de 20.000 em 2013, a aproximadamente 55.000 em 2014 e a 65.000 ao final de 2015 (FERNANDES, FARIA, 2017, p.150). A Figura abaixo exhibe as principais rotas migratórias de haitianos para o Brasil:

(Figura 11 - Rotas Migratórias de haitianos no Brasil)



Fonte: <<<https://journals.openedition.org/confins/docannexe/image/12176/img-1.png>>>. Acessado em: 04/04/2020

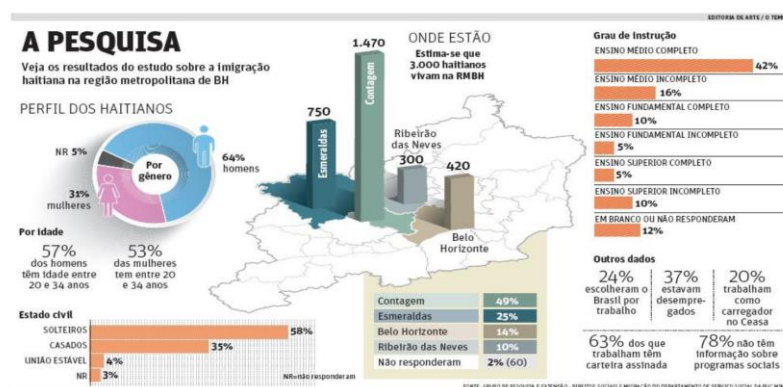
Percebe-se que os haitianos optam pelo Brasil como destino principal devido ao imaginário social em torno das condições de trabalho. Esses imaginários e as informações que os acompanham mostravam que os trabalhadores iriam ganhar bem e não iriam encontrar dificuldades para se inserir na sociedade brasileira. Partindo dessa construção baseada na imagem de que eles iriam realizar seus sonhos, os haitianos começam a manifestar interesse em emigrar ao Brasil. Na próxima seção, apresentarei a mobilidade haitiana na região metropolitana de Belo Horizonte e minha experiência em torno dessa mobilidade.

2.3 Migração dos haitianos para a região metropolitana de Belo Horizonte e minha experiência com essa mobilidade

A chegada dos haitianos teve certa repercussão na capital mineira, onde resido há seis anos. Vários pesquisadores mineiros desenvolveram pesquisas sobre esse fenômeno e como exemplo temos a pesquisa realizada por grupos de pesquisas da PUC Minas em 2015, que mostrou que cerca de 3 mil haitianos viviam na região metropolitana de Belo Horizonte. A maioria desses imigrantes mora no município de Contagem. A pesquisa

apontou que 64% dos haitianos são homens, 58% solteiros, 37% estão desempregados, e outros 20% trabalham no Ceasa (Central de Abastecimento de Minas Gerais). O número de mulheres imigrantes haitianas é de 31% e a maioria tem entre 20 e 34 anos. Esses dados são resultados de várias pesquisas que foram realizadas na PUC Minas (2016) sobre a imigração dos haitianos para o Brasil, principalmente para o estado de Minas Gerais. A Figura 3 (abaixo) mostra a distribuição dos imigrantes haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte:

(Figura 12)



Fonte: Grupo de pesquisa e Extensão- Direitos Sociais e Migração do Departamento de Serviço Social da PUC Minas.

Ao observarmos os dados da pesquisa, percebemos que a porcentagem de imigrantes do sexo masculino é superior à do sexo feminino; dentre as mulheres, a maioria é jovem. Na Figura 4, podemos observar as trajetórias que esses imigrantes fizeram para chegar ao Brasil e, por conseguinte, a Belo Horizonte, na região sudeste do país.

(Figura 13)



Fonte: Mapa organizado por Elisângela Lacerda; publicado pela PUC Minas, em 2014; código de registro PPGG/GEDEP, 2014.

A mobilidade haitiana foi contextualizada também em vários jornais da capital mineira. O jornal O Tempo é um dos jornais impressos de Belo Horizonte que abordou a chegada dos haitianos em suas reportagens. Em várias edições diferentes, o Tempo contextualiza o processo da inserção dos haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte. Então, para o presente trabalho escolhi algumas reportagens d'O Tempo, de períodos diferentes, que tratavam do fluxo migratório. Escolheu-se este jornal pois é um dos meios de comunicação do estado de Minas Gerais que abordam a mobilidade haitiana em várias reportagens. Não acompanhei frequentemente as publicações diárias, porém, sempre lia algumas reportagens que chamavam a minha atenção sobre os imigrantes haitianos. Como exemplo selecionei a reportagem abaixo:

Casa de Apoio começa a receber haitianos

Empresário vendeu sua casa em Belo Horizonte e comprou um hotel desativado em Esmeraldas com o objetivo de abrigar imigrantes e refugiados; o espaço tem 40 quartos e deve atender até 160 estrangeiros

Por NATÁLIA OLIVEIRA
21/10/15 - 11h31



Fonte: <<<https://www.otempo.com.br/cidades/casa-de-apoio-comeca-a-receber-haitianos-1.1144944>>>.

Acessado em 05/12/2020.

Esta reportagem foi publicada no dia 21 de outubro de 2015. Nesta publicação observei que havia um espaço para receber os imigrantes haitianos que estavam chegando na capital mineira. Esse espaço foi fruto do empresário Cláudio Corsini e do missionário Carlos Eduardo Braga Menezes. Percebe-se que o processo de acolhida dos imigrantes foi feito pela sociedade civil como: Arquidiocese de Belo Horizonte¹³ em parceria com o Centro Zanmi, que é uma obra social da Companhia de Jesus (Jesuíta) de acolhida aos imigrantes haitianos. O centro Zanmi oferece cursos de português para os estrangeiros, além de ajudar os imigrantes a se inserir no mercado de trabalho, entre outras ações.

Outro ponto que chamou minha atenção na reportagem foi a situação de vulnerabilidade dos estrangeiros contada pelo empresário Cláudio Corsini e a fala do imigrante haitiano Wesley Lazure, de 35 anos. Corsini explicou que “Estamos começando pelos que estão em maior vulnerabilidade, a intenção é que na semana que vem cheguem mais estrangeiros. Alguns deles devem vir até de outros Estados, isso porque descobrimos que eles estão morando embaixo de um viaduto na cidade em condições bem mais precárias que os que estão em Minas”.

13 Disponível em: <<<https://arquidiocesebh.org.br/noticias/ajuda-aos-imigrantes/>>>

Nessa fala observei que os primeiros imigrantes que foram receber o apoio eram pessoas que estavam em situações de vulnerabilidade que não tinham lugar para dormir. Além disso, esses imigrantes vieram de outros estados, e na publicação não se mencionou de qual estado vieram. Ao ler esse trecho fiquei imaginando o início desses imigrantes, mesmo que tivesse ajuda de colegas (haitianos, congoleses, entre outros) para fazer meus documentos, no início não foi fácil para mim. Não sabia falar nada de português, era difícil encontrar pessoas que falassem francês, não sou fluente em inglês, e no meu dia a dia era difícil encontrar pessoas com as quais eu pudesse me expressar em minha língua materna ou em francês para solicitar ajuda. Então, para ir ao supermercado sempre fazia a tradução dos elementos que ia comprar no Google tradutor e levava-os escritos num papel, o que me ajudou bastante. Ao chegar ao supermercado entregava para alguém com uma apresentação e uma explicação, dizia que estava precisando comprar esses produtos e se seria possível me ajudar a comprá-los, além de dizer que sou estrangeiro e que não falava bem português.

Agora, imaginemos para um imigrante que não tinha lugar para dormir, não tinha acesso à internet, que não tinha ninguém para recebê-lo. Para esses imigrantes que estavam morando embaixo do viaduto, era uma vida complicada, na minha opinião posso dizer que foi mais difícil para eles por não falarem português. A língua portuguesa é um dos fatores fundamentais para o processo da inserção de qualquer estrangeiro. Isso não quer dizer que se falassem português não encontrariam dificuldade, no entanto, comunicar-se bem nessa língua seria um facilitador para obter ajuda. A fala de Wesley é outro ponto que chamou minha atenção. Segundo ele “A gente chega no Brasil e tem que correr atrás, se a gente tem um lugar tranquilo para morar e uma ajuda para conseguir emprego a gente tem condições de fazer nossa vida aqui. Está sendo muito difícil para muitos haitianos desempregados”. Observei que a questão da moradia foi um dos pontos que complicou a mobilidade dos haitianos na capital mineira. Pela minha experiência não é fácil alugar uma casa ou apartamento em Belo Horizonte. Pois precisa-se de vários documentos e de um fiador, sendo esse último o fator mais difícil no processo de alugar uma casa quando se é estrangeiro e não se fala bem português. Assim, migrar de um país para outro é um desafio, pois qualquer pessoa deve estar preparada psicologicamente para enfrentar as dificuldades, dado que o processo de inserção é diferente para cada pessoa, é possível encontrar imigrantes haitianos que não tivessem tido dificuldades para se inserir na capital mineira como esses imigrantes que foram mencionados nesta reportagem.

Como pode-se observar no primeiro capítulo, abordamos as filas enormes de haitianos tentando depositar seus documentos na embaixada do Brasil no Haiti para obter o visto. Além disso, falou-se também da questão da regularização dos haitianos no Brasil. Na capital mineira, não foi diferente. Houve também muita dificuldade para se regularizarem, como no resto do Brasil. Em um artigo publicado pelo jornal O Tempo no dia 08 de setembro de 2015, falou-se sobre a fila gigantesca dos haitianos no Ministério da Justiça para se regularizar no Brasil.

Regularização é demorada

Em agosto, governo criou comitê para avaliar situação dos imigrantes em MG

Por RAFAEL ROCHA | ESPECIAL PARA O TEMPO
08/09/15 - 03h00



Fonte: <<<https://www.otempo.com.br/cidades/regularizacao-e-demorada-1.1107129/procurada-empresaria-que-usava-laudos-fraudados-para-obter-isencao-em-icms-1.2208059>>>. Acessado em 05/12/2020

Conforme esta reportagem publicada no dia 08 de setembro de 2015:

São casos de pessoas que já estão em terras brasileiras, mas cuja documentação não foi formalizada pela burocracia. A informação foi dada pelo Centro Zanmi, que presta assistência aos imigrantes, e confirmada pelo demógrafo e professor da PUC Minas Duval Fernandes, que estuda a imigração haitiana no Brasil. O Ministério da Justiça também confirma a demora, mas diz que está passando por reestruturações para agilizar o processo. O órgão informa ainda que, como os haitianos não são considerados refugiados, os pedidos também aguardam validação do Conselho Nacional de Imigração. (RAFAEL ROCHA, 2015)

Os processos de regularização foram demorados por conta da burocracia, no entanto, as pessoas que o faziam eram haitianos que já estavam no Brasil. Outro aspecto dessa demora é o fato de que o fluxo migratório dos haitianos não entra nas políticas migratórias do Brasil. Assim, o Ministério da Justiça deve encontrar uma forma para definir a chegada dos haitianos, pois não são considerados como refugiados e os pedidos

aguardam a validação do Conselho Nacional de Imigração.

Mesmo que os haitianos encontrassem dificuldades para se inserir na sociedade brasileira, no entanto, o rapaz Dieu Fort Saint Fort considerou a capital mineira como um segundo lar. Numa reportagem publicada no dia 16 de dezembro de 2016, pelo jornal O Tempo, Dieu Fort Saint Fort falou da hospitalidade do povo mineiro que segundo ele “o povo é acolhedor e muito receptivo. Além disso, ele disse que os parques e as praças da cidade são os lugares que mais gosta de passear.



Fonte: <<[Assim como Dieu Fort, pessoalmente, acho que os mineiros são muito receptivos e acolhedores, pois mesmo quando encontram um estrangeiro pela primeira vez, eles o convidam para tomar um café em sua casa. No início achava isso estranho quando aconteceu comigo, porque as pessoas mal me conheciam e me convidavam às casas delas. Nos primeiros meses recusei alguns convites, mas com o tempo acostumei-me com essa cultura, pois percebi que é algo natural dos mineiros convidar outro que eles conhecem pela primeira vez às suas casas, o que na minha opinião é uma forma de acolher o outro.](https://www.otempo.com.br/pampulha/bh-minha-nova-casa-1.1409816.>> Acessado em 05/12/2020</p></div><div data-bbox=)

Não tive muita dificuldade para me inserir na capital mineira, pois meus colegas me ajudaram neste processo, porém minha experiência em torno da mobilidade haitiana foi marcada por perguntas que me faziam sobre a fome, a miséria e o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Numa conversa que tive com um marceneiro com o objetivo de resolver o problema do meu guarda-roupa, essas questões apareceram. A primeira pergunta feita pelo homem foi: “o Haiti ainda passa por fome e guerras?” Respondi: “não”. O marceneiro continua, diz que: “se tivesse dinheiro, mandaria também para ajudar o povo do seu país, pois está sofrendo muito”. É raro não ouvir esses termos ao me apresentar como haitiano. Às vezes falo que venho do Caribe para fugir dessas perguntas. Não digo aqui que não existem pessoas sofrendo por causa da fome no Haiti, porém, até o dia que deixei o país a situação socioeconômica estava melhorando e não havia guerra. Numa outra conversa que tive com outros colegas haitianos que estudam na UFMG, percebi que meus colegas encontraram a mesma dificuldade, pois as pessoas sempre os questionam sobre a fome, o terremoto e as guerras. Segundo os estudantes com os quais convivi na capital mineira, esse imaginário sociodiscursivo dos brasileiros em torno dos haitianos tem a ver com o racismo estrutural presente em sua sociedade, com o terremoto que atingiu o Haiti em 2010 e com as imagens negativas veiculadas na internet.

Esses aspectos a seguir foram relatados por alguns haitianos numa pesquisa realizada por Dornelas, em 2016, em torno da migração haitiana na região metropolitana de Belo Horizonte. Através do trabalho de campo realizado pela pesquisadora percebe-se que não houve uma grande diferença da minha experiência em torno da mobilidade haitiana e a fala do Donald, 37 anos; Stevens 29, anos.

Muito, muito retorno ruim quando falo que sou do Haiti. Pensa que o país é muito mais pobre do que do jeito que tá. Pensa que o que a mídia tá mostrando, gente na rua passando fome, sem roupas, pensam que é todo mundo assim, que não tem lugar para morar. O que é mais complicado é que para muita gente, quando falo que sou biomédico, a pessoa pensa ‘uai, ele é haitiano e é biomédico?’. Quer dizer... os haitianos não têm estudo. Do jeito que a pessoa fala você vai perceber isso. A pessoa pensa que é porque é haitiano não tem estudo. Isso é uma imagem de muitos lugares (Donald, 37 anos) (DORNELAS, 2016, p.64).

Na fala de Donald observei dois pontos; a primeira é uma homogeneidade na visão de algumas pessoas em torno do Haiti. Para essas pessoas o Haiti é resumido à miséria e à fome. Outro ponto é a desvalorização do estudo superior do imigrante, pois isso

aconteceu não só por questões raciais, há outros fatores que levam algumas pessoas a pensar dessa forma. Os negros brasileiros já sofrem pelos estereótipos da sociedade brasileira, então, essa dúvida sobre a profissão de Donald está relacionada com os imaginários que certas pessoas têm sobre os negros e sobre a realidade socioeconômica do Haiti. A fala de Stevens em torno da visão geral certas pessoas têm sobre da ilha caribenha não é tão diferente da de Donald:

O que me deixa revoltado é ignorância. Fala de miséria, que o povo tá sofrendo, que o Haiti é pobre. Isso é ignorância. Eu tento convencer a pessoa, mostrar que não é só assim. Procuo no Haiti sobre a beleza do Haiti e mostrar para ela. Se colocar no Google “Haiti” só aparece coisas ruins. É isso que me revolta, a ignorância de algumas pessoas. Já me questionaram se no Haiti tem ônibus, se tem comida. Na universidade, algumas pessoas pensam que o Haiti fica na África. E na maioria das vezes pensam na África como um país, e como um país que só tem miséria, só pobreza. Isso me revolta um pouco. A pessoa esquece que no Brasil também tem pobreza, não olham para si (Stevens, 29 anos) (DORNELAS, 2016, p.64).

Podemos observar que o terremoto de 2010 e o alto número de haitianos que entravam pelas fronteiras amazônicas são alguns fatores que cristalizam essas imagens sobre o povo haitiano. Além disso, há também o vídeo (*Haiti: Biscoito de Barro e Missão Haiti: Crianças Comendo Bolinho de Barro*) que mostrava crianças comendo biscoito de barro para se alimentar.

(Figura 14)



Fonte: <<<https://www.youtube.com/watch?v=U ex9O9HzHw>>>. Acessado em 26/02/2021

Este é um exemplo das mensagens negativas em torno da população haitiana. Percebe-se que a mensagem desses vídeos apresenta o ponto de vista de que os haitianos ao

comerem esse biscoito como alimento para saciar a fome sintetizam a expressão da pobreza do povo haitiano.

(Figura 15)



Fonte: <<<https://www.youtube.com/watch?v=Uex9O9HzHw>>>. Acessado em 26/02/2021

Esse vídeo foi feito pelo pastor Wesley Ros que fez um trabalho missionário no Ouanaminthe, que é uma comuna do Haiti, situada no Departamento do Nordeste. Ele realizou esse vídeo durante suas atividades no ministério *Amor y Gracia*, liderado pelo pastor peruano Victor Chávez, que é o líder desse ministério no Haiti. O pastor publicou esse vídeo em suas redes e no Youtube¹⁴.

O discurso do vídeo das crianças comendo bolinho de barro para se alimentar apareceu em dois programas de TV: Domingão do Faustão e Esporte Espetacular. Todos esses vídeos passam a mensagem de que há uma miséria extrema no Haiti após o terremoto que leva as crianças a comer bolinho de terra. Passei esses vídeos em uma aula ocorrida no segundo semestre do ano de 2019, numa apresentação de trabalho. Todos meus colegas que estavam na disciplina “Seminário de projeto de dissertação do PPGCOM” que assistiram aos vídeos ficaram chocados pela vulnerabilidade que se passava nesses vídeos. Então, meus colegas criticaram o conteúdo dos vídeos através de seus conhecimentos na área de Comunicação Social. Pela forma que vi meus colegas assustados pelo vídeo, disse para a turma que o biscoito de barro é uma prática sociocultural dos haitianos e isso não tem nada ver com questões como pobreza e fome.

14 Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=UKex9O9HzHw>>>

No Youtube podemos encontrar vários vídeos que falam sobre a prática do *Tè* pelos haitianos. Fiz uma busca com essa frase em crioulo “*pratik tè an Ayiti*” (prática da terra no Haiti), encontrei vários vídeos feitos por haitianos que estão vivendo nos Estados Unidos falando sobre essa prática. As haitianas praticam mais essa cultura de comer *tè* particularmente as mulheres que estão grávidas. Melina Estime¹⁵, uma das *youtubers* de quem assisti alguns vídeos, disse que sua mãe e madrinha comeram *tè* durante o período da gravidez. O que chamou a minha atenção foram os comentários que os haitianos fizeram sobre o vídeo como:

(Figura 16)



Fonte: <<<https://www.youtube.com/watch?v=H676CmBisYw%3E%3E>>>. Acessado em 12/12/2020

Os comentários estão em crioulo e a seguir apresento as traduções para o português: a primeira pessoa disse que: “agora vi que até branco (que aqui significa “estrangeiro”) comendo o *tè* e fazendo vídeo”; a segunda disse: “é gostoso!”; o terceiro comentário é para elogiar a moça que fez o vídeo e a última pessoa disse: “minha boca correu de água estou com vontade de comer!”. Assim, a prática de comer o *tè* é algo cultural dos haitianos e não tem relação direta com a questão da fome, pois essa *youtuber*, que está vivendo nos Estados Unidos, não está comendo por que está passando fome, senão por questões culturais uma vez que na sua família as mulheres costumam comer o *tè* quando em estágio de gravidez.

Monacé (2108), aponta em seu trabalho que o Haiti é uma das sociedades contemporâneas que mantém a prática da geofagia por meio do *tè*. O *tè* é uma massa de argila que se torna comestível quando é misturada com água, sal, manteiga e azeite. Depois é moldada de forma redonda, secada ao sol e pode ser consumida ou

15 Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=H676CmBisYw%3E%3E>>>

comercializada. É feita pelo próprio consumidor ou em uma fábrica tradicional que o produz para o mercado local, nacional ou para fora das fronteiras haitianas. O autor destacou que o consumo do *tè* nas práticas culinárias ou alimentares dos geógrafos haitianos remonta a hábitos de gerações de antepassados. Geralmente, são as mulheres e as crianças de ambos os sexos quem os comem. Os meninos tendem a abandonar a prática de comer o *tè* ao longo do crescimento da idade adulta, porém as meninas tendem a mantê-la.

Essa prática sociocultural ganhou outra visibilidade na mídia internacional, principalmente na brasileira, após o terremoto. O que se assiste é a desconstrução dessa prática cultural e patrimônio da sociedade haitiana para vincular a tradição à fome e à miséria no vídeo intitulado *O Tè como Biscoito de Barro*. Essas informações que foram veiculadas pela imprensa brasileira como os vídeos *Haiti: Biscoito de Barro* e *Missão Haiti: Crianças Comendo Bolinho de Barro* fazem com que “brasileiros que desconhecem o Haiti acreditem que o *biscoito de barro* é um alimento básico da refeição haitiana. Sendo assim, nos deparamos com um problema: [...] a existência de uma prática cultural, tradicional e histórica” (MONACÉ, 2018, p.5).

A chegada dos haitianos não teve impacto só no Brasil. Os jornais impressos e documentários feitos por jornalistas haitianos também abordam a saída dos cidadãos haitianos para o território brasileiro. O documentário *Destinação Brasil*¹⁶ é um exemplo disso. Esse documentário foi realizado em 2016, pelo jornalista Valery Numa, da Rádio Vision 200, no Haiti. Neste documentário, apresentou-se a situação precária dos haitianos no território brasileiro e o curso muito perigoso daqueles que decidem entrar pelas fronteiras do Brasil. Ele mostrou que a aventura dos haitianos começava na Embaixada do Brasil no Haiti, onde os candidatos passaram noites para obter o visto. É possível observar que as precariedades que Numa relatou em seu documentário têm a ver com a falta de políticas de acolhimento. Além disso, as crises econômicas que o Brasil vivenciou nos últimos anos impactaram muito os haitianos que encontraram dificuldades para se inserir no mercado de trabalho.

¹⁶ Documentário disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=T2JqAn-l6vo&ab_channel=Val%C3%A9ryNuma>>

Partindo do documentário, percebe-se que a mobilidade haitiana teve apoio de vários setores da sociedade principalmente a Pastoral dos Migrantes em Curitiba e em São Paulo. Além disso, há outras organizações que ajudam os recém-chegados, com cursos de português para estrangeiros e auxílio para encontrar trabalho. Observa-se também que há haitianos que criticam as reportagens que mostram só as favelas do Haiti. Eles dão como exemplo a reportagem de Luciano Huck¹⁷. Outro ponto que o jornalista tratou no documentário foi o preconceito que os haitianos sofrem na sociedade brasileira e evoca o triste caso ocorrido quando um haitiano faleceu após uma altercação que teve com um policial no Brasil.

Neste capítulo apresentei algumas pistas em torno da migração haitiana no mundo e os fatores que levam o povo haitiano a ter o Brasil como novo espaço para emigrar. Além disso, abordei a migração haitiana na região metropolitana de Belo Horizonte, minha experiência sobre a mobilidade haitiana e a repercussão que essa migração teve em ambos os países. A seguir, apresentarei a construção de estereótipos e vulnerabilidades dos imigrantes e a migração haitiana através d'O Tempo, um jornal sediado em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte.

¹⁷ Disponível em: <<<https://globoplay.globo.com/v/5628407/>>>

CAPÍTULO 3

A CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS E VULNERABILIDADES DOS IMIGRANTES

Neste capítulo apresentamos a migração dos haitianos através do jornal O Tempo escolhendo algumas reportagens cujo tema fosse os imigrantes haitianos na capital mineira. Fizemos uma análise profunda dessas reportagens para refletir sobre os depoimentos dos imigrantes e tentar relacioná-los com as nossas (minhas e de outros imigrantes haitianos) experiências vividas na capital mineira. Através da análise feita nos capítulos anteriores, nosso objetivo aqui é buscar compreender a construção dos estereótipos e das vulnerabilidades em torno da mobilidade haitiana.

3.1 A construção de estereótipos e vulnerabilidades dos imigrantes

O terremoto ocorrido no Haiti em 2010 teve repercussão internacional dado que essa catástrofe causou a destruição da maior parte da capital do país, incluindo a de diversos edifícios importantes, como o Palácio Presidencial e a Catedral de Porto Príncipe. Além disso, essa tragédia causou mortalidade e deixou pessoas desabrigadas e feridas. Então, as consequências do terremoto agravaram algumas crises já existentes no país nos aspectos econômico e sociopolítico, criando uma mobilidade desigual e deixando milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade. Assim, os haitianos que não tiveram condições para emigrar ficaram no país, e aqueles que as tiveram emigraram. Foi nesse contexto de mobilidade desigual que o Brasil se tornou um destino para alguns haitianos.

Apesar de o Brasil ter sido um dos países de destino dos imigrantes haitianos nos últimos anos, sabe-se que nem sempre sua inserção e adaptação ocorrem de maneira serena, porque os imigrantes encontram dificuldades de inserção na sociedade brasileira. Como pudemos observar no segundo capítulo deste estudo, esse fluxo migratório teve muita repercussão na mídia e na sociedade brasileira. Assim, a falta de uma política de acolhimento e a realidade precária dos primeiros grupos de haitianos que entraram pelo norte do país colocaram esses grupos em situação de vulnerabilidade. O conceito de vulnerabilidade é muito complexo de se definir, pois o termo não se refere só ao sofrimento. Assim, pretende-se refletir sobre o conceito da vulnerabilidade como uma

condição de vida, uma vez que “a violação do corpo possa ser reduzida à possibilidade de violação física” (BUTLER, 2019, p.58). Então, nossa reflexão está concentrada em torno das condições socioculturais dos imigrantes na sociedade brasileira, pois esses corpos encontram dificuldades sociais pelo mecanismo inerente da sociedade à qual vieram para servir e tal fator pode colocar os imigrantes numa situação de vulnerabilidade. De acordo com Salgueiro Marques (2018), as vulnerabilidades não têm uma origem única o que quer dizer que vários fatores podem colocar uma pessoa em situação de vulnerável:

Vulnerabilidades não possuem uma origem única, mas resultam de uma rede complexa de múltiplas relações. Elas evidenciam uma maneira relacional de ser no mundo que se constituem entre a passibilidade (ser afetado pelos acontecimentos, mas também ser despossuído de si pelo outro que se aproxima) e a passividade. (SALGUEIRO MARQUES, 2018, p.19)

No contexto da mobilidade da diáspora haitiana, percebe-se que as precariedades dos imigrantes haitianos estavam ligadas às múltiplas relações pela forma com que esse fluxo migratório chegou ao território brasileiro. Além disso, eles saíram do Haiti em situação de vulnerabilidade pelo impacto que o terremoto teve em sua vida social. O fato de que o número de cidadãos haitianos estava aumentando a cada dia nas fronteiras permitiu que o governo não tivesse condições de atender às demandas dos imigrantes, principalmente com relação a documentos que permitissem legalizar a entrada desses haitianos (HANDERSON, 2015). Percebe-se com essa dificuldade de atendimento que nos primeiros anos os haitianos encontraram dificuldade para regularizar sua condição social no território brasileiro.

O alto fluxo migratório proveniente do Haiti surpreendeu o Governo brasileiro em termos de políticas de acolhimento e nos leva a olhar as vulnerabilidades que atravessam o modo de vida dos sujeitos na sociedade, além disso, devemos considerar a localização desses em uma rede de relações marcadas pela presença de um vasto campo de objetos, de forças, de processos, de instituições e entidades que incidem sobre esses atores e que os afetam de uma maneira muito específica (SALGUEIRO MARQUES, 2018). Mesmo que a situação dos imigrantes fosse melhorada, ao longo dos anos, com relação à documentação, há outros fatores que afetam os imigrantes de uma maneira específica.

Como se pode observar no artigo “Imigração de mulheres haitianas em Belo Horizonte/Brasil: identidades femininas, relatos de si e autonomia”, (THERRIER, 2017), questões como a racial, dificuldade com a língua e o trabalho foram relatadas por

algumas haitianas como fatores de suas dificuldades no processo de sua inserção sociocultural. Nesses relatos, elas contam sua condição de vida e as dificuldades que encontram na sociedade brasileira, sobretudo na capital mineira:

“Vim para trabalhar e estudar também, só que não foi fácil para me adaptar, não sabia de nada do país, cheguei como a maioria do pessoal sem saber falar nada de português, e da cultura [...] A pessoa é negra e se acha superior da gente, humilhando a gente por não sermos daqui. Até porque prefiro não ser daqui mesmo, pelo menos tenho dignidade e educação que é totalmente diferente” Mika (THERRIER, 2017, p.5).

“Apesar de algumas dificuldades que têm ocorrido, de adaptação, preconceito, tive a oportunidade de ter boa convivência com muitos brasileiros. [...] No momento, o meu maior objetivo é terminar a faculdade e entrar no mercado de trabalho, ser independente” Sandy (THERRIER, 2017, p.6)

“Vejo que a vida daqui é um pouco diferente, além de ser difícil para nós estrangeiros, mulher imigrante ou seja mulher haitiana. Tenho enfrentado muitas coisas, tais como racismo no trabalho, nas ruas e na vizinhança. Não consigo confiar nas pessoas, mesmo que me digam que gostam de estrangeiro, não confio” Mona (THERRIER, 2017, p.7)

Esses trechos são de falas dos imigrantes que Therrier (2017) entrevistou para realizar seu trabalho. Percebe-se pela fala dessas imigrantes que elas encontram dificuldades para se inserir na capital mineira pelo fato de não conhecerem a língua portuguesa, além das dificuldades de adaptação, preconceito e racismo. A questão do racismo é um ponto mencionado por outros imigrantes no trabalho de Dornelas (2016). Na fala desses imigrantes podemos observar que a discriminação racial é um dos fatores que coloca-os numa situação de vulnerabilidade:

Muita gente já fez isso comigo na rua... eu estou andando, aí a pessoa vê que eu tô chegando, olha para mim, atravessa a rua e começam a correr. Isso aconteceu muitas vezes comigo, tanto de noite quanto de dia. Porque a pessoa acha que a gente é ruim, que vai roubar ou acontecer alguma coisa. (Magdala, 26 anos) (DORNELAS, 2016, p.70)

Por exemplo, você vai entrar no ônibus e tem vários lugares vazios. Você escolhe um lugar para sentar e tem uma pessoa branca sentada lá antes de você e quando você vai sentar ela levanta. Ela levanta muito nervosa. Mostra que você não pode sentar ao lado dela. Tem gente que chama você e fala: seu cabelo é duro, você é feio. Tem gente que chama a gente de macaco também. (Gilbert, 30 anos) (DORNELAS, 2016, p.70)

Não tenho amigo. Amizade é meu irmão, meu filho e meu marido. Porque eu não gosto que gente me olha mal, me trata mal, por isso eu não fiz amizade com ninguém. Eu falo com todo mundo 'oi, bom dia!', mas não tenho amigos. Eu tava morando lá no Laguna e todo dia as pessoas tratavam mal eu, meu irmão e meu filho. Chamavam de 'macaco', as coisas desse jeito. É muito ruim. Eu vi muita gente aqui racista, por isso não fiz amigo. Meu filho também. Eu quase não levo ele num lugar, prefiro ficar com ele dentro de

casa, faço cinema aqui dentro para ele. Porque tem criança que olha pro meu filho e fica chorando, chamam a mãe, ficam com medo. Ele também não gosta, por isso eu quase não saio, só vou no trabalho. No domingo, às vezes, levo na igreja, mas prefiro ficar em casa. (Carmie, 33 anos.) (DORNELAS, 2016, p.71)

Percebe-se que além de colocar esses imigrantes numa situação de vulnerabilidade, isso também dificulta sua mobilidade social na região metropolitana de Belo Horizonte. Quando Carmie disse que ela não tem amigos porque as pessoas tratam mal seu filho e seu irmão chegando até a chamá-los “macacos”, tal relato mostra discriminação racial que a afetou física e psicologicamente. Então, sua reação em torno desses comportamentos permite que ela coloque seu filho em situação de vulnerabilidade. Ao dizer que “não saiu mais com seu filho para passear”, sabemos que a interação social é algo importante no processo da inserção de qualquer estrangeiro e, ao ficar em casa, perde-se essa interação. A forma com que ela reagiu às questões dificulta sua mobilidade social e a coloca numa situação de vulnerabilidade.

No caso de Magdala e Gilbert observei que ambos se sentem estranhos pela forma que seus corpos foram vistos por algumas pessoas. Quando a Magdala disse que “a pessoa acha que a gente é ruim, que vai roubar”, percebe-se que ela se sentiu vulnerável pela forma que ela interpreta as reações esquivas das pessoas que encontrou de dia ou à noite; Gilbert, por sua vez, reclamou da discriminação racial que vivenciou no ônibus. São duas pessoas que estavam vulneráveis por causa da pele de seus corpos.

Outro ponto mencionado pelos imigrantes foi a questão do trabalho, como um fator nas suas vulnerabilidades. Como apontam Lafleur e Marfouk (2017), o trabalho é algo crucial para a integração social e cultural de qualquer estrangeiro. Assim, a questão do trabalho não somente coloca os imigrantes em situação de vulnerabilidade como também dificulta sua integração na cultura brasileira. A fala de Mona nos permite compreender a forma com que seu corpo foi afetado pelo comportamento racial das pessoas, quer seja no trabalho, nas ruas ou com as vizinhas. Esses afetos fazem com que ela não tenha confiança nos brasileiros.

Sinto-me também em situação de desconfiança e vulnerável à noite depois da minha experiência com os policiais militares. Tenho medo cada vez que vejo um carro da polícia militar e esse medo foi reforçado pelo meu gosto em assistir jornais. As notícias na TV e os dados mostrando cada intervenção dos policiais e apontando que os homens negros têm mais chance de morrer que os brancos me impressionam bastante.

Observei que os imigrantes haitianos encontram dificuldades raciais na sociedade brasileira. Pude perceber que a realidade desses imigrantes não é tão diferente da minha, pois me lembrei do dia 27 de novembro de 2017, quando fui convidado para uma roda de conversa por Alexandre Braga, presidente do Movimento Negro de Minas Gerais, para falar sobre minha experiência na capital mineira. Nessa roda de conversa, falei sobre os estereótipos e a minha inserção na sociedade brasileira. O seguinte trecho foi minha fala no evento e foi transcrito em texto e posteriormente publicado para convidar o público no dia 23 de novembro de 2017, no site da UFMG¹⁸: “Apenas aqui no Brasil me percebo como negro. Sou estrangeiro na UFMG, mas principalmente um negro lá fora, enfrentando os estereótipos associados à minha cor”. Essa fala não é diferente da fala da Magdala, além disso, estava apenas há três anos no Brasil e já me sentia diferente pelos estereótipos que há sobre os corpos negros na sociedade brasileira. Assim, somos corpos frágeis que estão em situação de vulnerabilidade pelos imaginários sociodiscursivos e estereótipos que existem a respeito dos negros. Salgueiro Marques (2018), destaca, em seu trabalho de doutorado, intitulado “O Processo Deliberativo a Partir Das Margens: O Programa Bolsa Família na Mídia e Na Fala das Beneficiárias” que a vulnerabilidade das beneficiárias do programa não tinha uma origem:

Vulnerabilidades não tinham apenas uma origem, mas se sustentavam por uma rede complexa de relações que envolviam as agentes e os agentes da assistência social, os locais de moradia, as dificuldades de acessibilidade e mobilidade, a saúde (e sua ausência), a violência doméstica, o preconceito racial, as dificuldades financeiras, as fragilidades do corpo, as fragilidades dos vínculos, as avaliações morais que instituem o desrespeito e aprofundam as desigualdades e precariedade. (SALGUEIRO MARQUES, 2018, p.17)

Observa-se que a pesquisadora mencionou, entre outros fatores, as fragilidades do corpo e o preconceito racial para refletir sobre as vulnerabilidades das mulheres que foram beneficiárias do programa Bolsa Família. A noção do corpo e o contexto da chegada dos haitianos são alguns pontos que nos permitirão refletir sobre a construção de estereótipos em torno dos migrantes haitianos. Segundo Cabecinhas (2002), o conceito de estereótipo surge nas Ciências Sociais na obra de Lipman (1992) sobre a formação da opinião pública. Para o autor, os estereótipos formavam-se a partir do sistema de valores do indivíduo e tinham como função a organização e a estruturação da realidade, de outra forma demasiado complexa para ser assimilada (CABECINHAS, 2002).

18 Disponível em: <<<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/estudantes-africanos-participam-de-mesa-sobre-situacao-do-estrangeiro-no-brasil>>>

Como foi relatado no primeiro capítulo, a opinião pública considera os haitianos como sendo refugiados pela forma que entraram no Brasil. Além disso, segundo Therrier (2017), o fato de que o “Haiti seja constantemente associado a tragédias e à pobreza, essa é uma visão reducionista que muitas vezes esconde a história do País e influencia visões deturpadas e casos de racismo e xenofobia” (THERRIER, 2017, p.3), permitindo que os imaginários sociais associem a vinda dos imigrantes a questões como a fome, a guerra civil, etc.

Partindo das minhas experiências, posso dizer que as palavras “terremoto”, “fome”, “guerras”, “miséria”, “refugiados” e “trabalho” são palavras que as pessoas sempre usam para me questionar sobre a chegada dos imigrantes vindos do Haiti. Nota-se que as pessoas têm uma percepção de que o Haiti só tem esses problemas a oferecer e que, para além disso, não há vida. Já ouvi pessoas falando: “os brasileiros estão reclamando de tudo”, pois “no Haiti as pessoas não têm nada, olha a quantidade de haitianos que estão aqui”, etc. Essa realidade não é tão diferente para outros imigrantes haitianos e é possível percebê-lo na fala de Stevens de 29 anos:

O que me deixa revoltado é a ignorância. Fala de miséria, que o povo tá sofrendo, que o Haiti é pobre. Isso é ignorância. Eu tento convencer a pessoa, mostrar que não é só assim. Procuo no Haiti sobre a beleza do Haiti e mostrar para ela. Se colocar no Google “Haiti” só aparecem coisas ruins. É isso que me revolta, a ignorância de algumas pessoas. Já me questionaram se no Haiti tem ônibus, se tem comida. Na universidade, algumas pessoas pensam que o Haiti fica na África. E na maioria das vezes pensam na África como um país, e como um país que só tem miséria, só pobreza. Isso me revolta um pouco. A pessoa esquece que no Brasil também tem pobreza, não olham para si (Stevens, 29 anos) (DORNELAS, 2016, p.64).

De acordo com a fala do Stevens observei que a experiência dele é similar à minha, pois ele ficou decepcionado em relação com algumas perguntas que as pessoas fizeram para ele sobre o Haiti. Além disso, vi uma certa similaridade nas perguntas que as pessoas fizeram para Stevens como: se tem ônibus, comida, etc. Surpreendentemente, a ignorância geográfica aparece até em pessoas que cursam o nível superior, pois até na universidade que ele frequentou as pessoas pensavam que o Haiti está localizado na África. A ignorância da questão geográfica é algo comum no meu dia a dia, quer seja no Campus Pampulha ou fora dele. Não me incomoda o problema do baixo conhecimento da geografia, mas sim o imaginário sociodiscursivo das pessoas em torno do continente africano, o que me deixa decepcionado. Para algumas pessoas, a África é um país, não é um continente formado por 54 países. Além disso, para essas pessoas, lá só há miséria, fome, pobreza ou pessoas andando com leões, entre outros. Então, o fato de que no

imaginário dessas pessoas o Haiti tenha miséria, fome entre outros, automaticamente o associa à África.

Assim, percebe-se que os imigrantes não estão vulneráveis só por questões de discriminação racial, falta de domínio da língua portuguesa, trabalho, entre outros. Há também o país de origem. Eu juntamente com alguns colegas do programa PEC-G que vieram de vários países da África, percebemos que há uma homogeneidade na forma que algumas pessoas definem nossos países. Essa homogeneidade nos coloca numa situação de inferioridade, pois perguntas estranhas como: “tem carro no seu país?”; “lá tem hospital?”; “é verdade que vocês andam com leões?” saíram tão naturalmente da boca de algumas pessoas que elas não chegaram a pensar que estão colocando os intercambistas numa situação de inferioridade.

No primeiro capítulo deste trabalho, mencionei algumas perguntas estranhas que as pessoas me fizeram sobre minha chegada. Esse tipo de discurso não aparece só na fala das pessoas comuns da sociedade, mas também na mídia brasileira. Um exemplo disso é a reportagem sobre o biscoito de barro. Essa reportagem foi realizada numa comunidade haitiana chamada Cité Soleil. Na reportagem, o repórter Régis Rösing do Esporte Espetacular, programa da Rede Globo, diz que as pessoas estão passando fome e que por causa da fome o povo haitiano “inventou” um novo alimento e uma nova forma de comer biscoito de barro.



Fonte: <<<https://www.youtube.com/watch?v=QtzXy8IRCsl>>>. Acesso em 26/02/2021.

Observei na frase do repórter uma generalização na forma com que apresentou a reportagem ao dizer que o povo haitiano “inventou” um novo alimento e uma nova forma de comer. Isso implica que toda a população haitiana está passando fome. Além

disso, ele resumiu o Haiti a essa comunidade, não revelando outras partes da cidade em sua reportagem, o que é no mínimo tendencioso. Aqui, não estamos dizendo que não há pessoas ou crianças haitianas passando fome, porém, a classificação homogênea da população haitiana pode gerar uma percepção que não condiz com a realidade de todos os haitianos. O problema aqui é que o espectador dessa reportagem poderá pensar que tais cenas de fome são a realidade de todos os haitianos. Como foi mencionado no presente trabalho, o biscoito de barro é uma prática sociocultural arraigada na sociedade haitiana.



Fonte: <<<https://www.youtube.com/watch?v=QtzXy8IRCsl>>>. Acessado em 26/02/2021

Outro ponto que chamou a minha atenção é a imagem do soldado brasileiro entregando uma sacolinha com alimentos para uma haitiana dizendo: “ela pode ensinar para seus filhos o gosto e nome da esperança no Haiti” e em seguida a mulher haitiana diz: “muito obrigada, Brasil!”. A reportagem em si pode nos dar pistas da criação de vários imaginários sociodiscursivos em torno da população haitiana. Assim, esse momento da entrega da sacolinha com alimentos denota uma certa harmonia entre o povo e os soldados brasileiros, o que é uma meia verdade. Houve muitas reclamações de violência sexual por parte dos soldados brasileiros justo nessa comunidade onde se realizou a reportagem. Sobre a violência sexual dos soldados da Minustah, quero contar um resumo da história de Martine Gestimé que está no livro *Aquilo que resta de nós* de Igor Patrick, publicado em 2017, que abordou a violência dos soldados infligida sobre algumas haitianas. De acordo com Patrick (2017):

O militar pede para que Martine entre em um pequeno cômodo, próximo à entrada da base militar em Cité Soleil. Fecha a porta e Martine estranha que ele não traga consigo a comida que tinha lhe prometido. Faz um calor infernal, percepção piorada pelo estômago vazio. Quando estão sozinhos, o homem caminha até ela, lhe empurra contra a parede. Ela usa uma blusa comum e uma calça curta, que ele encarrega de puxar. Martine tenta fazer barulho, gritar. Ela não fala português, mas a frase que diria não carece de tradução: “se você gritar, eu te mato aqui mesmo”. As palavras, anos depois do estupro, ainda ressoam na sua cabeça. Ela é capaz de repeti-las com exatidão. Pressionando seu corpo contra a parede e segurando seus braços contra as costas, o homem a penetra com força. Virgem, Martine padece de uma dor imensa e percebe algo partir dentro de si. Não sabe até hoje se era seu hímen se rompendo com a brutalidade do ato ou o medo que lhe corrompe o corpo. Ela chora em silêncio. Murmura, pede pelo amor de Deus que aquilo pare. Ele ouve impassível e passa a mão em seu cabelo trançado. Ela pode sentir seu hálito quente no pescoço, o suor escorrendo pelas suas costas. Tentar virar a cabeça para que ele veja seu rosto talvez desista de prosseguir. Com os cotovelos, pressiona o militar sua nuca e impede que ela se mova. Só o que consegue ver, de relance, é a bandeira brasileira grudada na manga da farda. (PATRICK, 2017, p.38)

Ler esse depoimento pode trazer várias reflexões ao leitor e pode criar vários imaginários sobre a atuação dos soldados da Minustah no Haiti. No entanto, à parte de ações violentas, a missão das Nações Unidas realizou várias atividades de integração social na sociedade haitiana. Não estou fazendo uma comparação entre a reportagem e o depoimento da Martine, porém, quero ressaltar que os imaginários sociodiscursivos podem ser criados através das informações que circulam na sociedade. Além disso, a repercussão negativa que esses atos de violência tiveram na sociedade haitiana levou a população a chamar depreciativamente quaisquer soldados da Minustah do termo crioulo “*Kadejakè*” que em português significa “estuprador”.

Então, ao fazer um retrato homogêneo dos haitianos, mostrando-os comendo biscoito de barra, criam-se pistas que levam algumas pessoas a se perguntar se de fato há comida no Haiti, ou ainda, cria-se um imaginário de que aquele lugar mencionado pelo repórter Régis Rösing é o Haiti em sua totalidade. Com respeito aos imigrantes, isso os afetou ao criar uma imagem homogênea para a sociedade brasileira defini-los. De acordo com Cabecinhas (2002):

A percepção da homogeneidade do grupo dos outros parece ser um dos factores que contribui para a formação dos estereótipos, e estes, por sua vez, parecem contribuir para a manutenção da percepção da homogeneidade do grupo dos outros, através da sua influência ao nível da selecção e do processamento da informação (CABECINHAS, 2002, p.6)

O fato de que o Haiti foi devastado pelo terremoto somado às informações que a opinião pública escolheu para definir a diáspora haitiana foram influenciadas por outros grupos da sociedade, criando uma situação de vulnerabilidade e de estereótipo acerca dos

imigrantes. Ao referir-se à migração haitiana com as palavras citadas acima, associa-se essas pessoas a um grupo social bem determinado. De minha parte, noto que ao falar que sou estudante na UFMG as pessoas sempre fazem outra avaliação, o que me coloca em outra classe social, no sentido de que sou diferente em relação aos outros imigrantes haitianos. Segundo Sayad (1998), qualquer estrangeiro é imigrante e para o autor esse termo é antes de tudo uma condição social:

Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se estrangeiro é a definição jurídica de um estatuto do imigrante é antes de tudo uma condição social (SAYAD, 1998, p.243)

A reflexão de Sayad (1998) nos permite refletir sobre a construção social dos imigrantes haitianos, pois quer sejamos haitianos que emigram para estudar, trabalhar, entre outros, somos imigrantes. No entanto, os imaginários sociais em torno da mobilidade haitiana fazem com que as pessoas criem uma categoria socialmente prevista através dos atributos que foram veiculados na sociedade. Para Goffman (1988), a classificação de um indivíduo é:

Um indivíduo antes situado numa categoria socialmente prevista, colocando-o numa categoria diferente, mas igualmente prevista e que nos faz alterar positivamente a nossa avaliação. Observe-se, também, que nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo (GOFFMAN, 1988, p. 13).

A classificação das pessoas numa categoria socialmente prevista permite que se coloque uma pessoa numa categoria diferente, pois quando as pessoas me veem à noite, parecem estar fugindo de mim, supondo que eu seja um sujeito de caráter duvidoso, o que é um exemplo acerca da classificação e da categoria socialmente prevista. O fato de eu ser negro influencia o imaginário social das pessoas no sentido de que posso ser um ladrão, pois os corpos negros são estereotipados nesse sentido pela sociedade brasileira. Então, no contexto da migração haitiana, percebe-se que as pessoas veem os imigrantes haitianos como pessoas que estão fugindo da miséria, da fome, etc., mas não como pessoas que têm o direito de emigrar para outro país.

Segundo Cabecinhas (2002), os meios de comunicação social têm responsabilidade na formação dos estereótipos pela forma com que os grupos minoritários são descritos por esses atores da opinião pública. A autora destacou que esses estereótipos são perigosos e suas mudanças são complexas pois requerem trabalho educacional:

Os meios de comunicação social, nomeadamente a imprensa, teriam elevada responsabilidade na formação dos estereótipos devido à maneira simplista e enviesada como determinadas minorias étnicas eram descritas. Os estereótipos seriam generalizações abusivas, irracionais e perigosas. A sua mudança seria difícil, exigindo uma longa educação crítica. Os estereótipos negativos sobre determinadas minorias étnicas justificariam os comportamentos discriminatórios em relação às mesmas, contribuindo para a manutenção do status quo (CABECINHAS, 2002, p.3).

Além disso, Cabecinhas (2002) aponta que os estereótipos em determinados grupos minoritários e seu comportamento discriminatório podem contribuir para a manutenção do *status quo*. Pessoa (2018) aponta que “a circulação dos estereótipos ocorre de maneiras diversas através da produção semiótica de uma comunidade em produtos tais como livros, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade, mídia tradicional, como o rádio, a televisão e o jornal [...]” (PESSOA, 2018, p.64). Essa reflexão sobre a circulação dos estereótipos me levou a pensar o porquê de em cada uma das apresentações que fiz sobre o Haiti, os participantes sempre me dizerem que apresentei um outro Haiti para eles, pois o que costumam ver na mídia era bem diferente do que falei nas minhas apresentações. Assim, percebi que depois de dez anos da tragédia ocorrida na ilha caribenha, os imaginários sociais das pessoas dão a entender que não houve nenhum avanço no Haiti após a catástrofe. Porque nas conversas que tivemos entre eu e meus amigos, quando lhes falei que voltaria para meu país depois de meus estudos, eles disseram: “por que você quer voltar para a miséria? Aqui você consegue tudo, meu amigo”.

Essa imaginação relaciona-se com as informações que meus amigos escolhem nas suas interações com outros grupos sociais e na forma com que o Haiti foi divulgado nos meios de comunicação brasileiros. O que é difícil nessas interações é o fato de que algumas pessoas não chegam a pensar que eles colocam outro sujeito numa situação de vulnerabilidade com esse tipo de pensamento. Esse tipo de julgamento sobre outro sujeito está relacionado a uma não-verdade da qual levou-se em consideração o seu aspecto negativo. De acordo com Pessoa (2018):

O estereótipo depende do julgamento de um sujeito, e por isso costuma ser associado a uma não-verdade, o que acentua o seu aspecto negativo. Por outro lado devemos levar em consideração que as caracterizações que ajudam a compor um estereótipo estão relacionadas a um grupo ou a grupos sociais e podemos assumir que parte do que está sendo representado pode refletir, em certa medida, uma “verdade parcial”, a partir de generalizações, mas que talvez tenha tido validade em algum momento, em algum ambiente, ou em alguma situação específica. (PESSOA, 2018, p. 63)

Então, podemos dizer que as consequências da catástrofe de 2010 e sua repercussão na mídia internacional e nacional somadas às vulnerabilidades do povo haitiano depois dessa catástrofe criaram os julgamentos da sociedade em torno dos imigrantes. Além disso, o contexto do fluxo migratório dos haitianos no território brasileiro, principalmente no norte do país, é um dos fatores que ajuda no processo de caracterização dos estereótipos.

Sendo haitiano e negro que emigrou para estudar, percebo que meu corpo é algo frágil por causa dos estereótipos negativos que a sociedade brasileira tem sobre os negros, ao mesmo tempo, percebo que é um corpo que está em situação de vulnerabilidade pelas dificuldades de interações com os nativos, pois as conversas estão sempre voltadas para os aspectos relacionados às palavras que remetem à questão das vulnerabilidades do povo haitiano. Ademais, o contexto da migração haitiana me permitiu observar que as pessoas definem a migração de uma forma homogênea. Percebe-se que essa homogeneidade permite que as pessoas tenham um julgamento previsível sobre os imigrantes. A seguir, apresentarei a migração dos haitianos através do jornal O Tempo.

3.2 A migração dos haitianos através do jornal O Tempo

Como pode-se observar no item 2.3 do segundo capítulo do presente estudo, já abordei algumas reportagens d'O Tempo em torno da migração haitiana na capital mineira. Neste item pretende-se continuar com nossa reflexão sobre a mobilidade haitiana em Belo Horizonte. O Tempo é um jornal diário de Minas Gerais, situado em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. Criado em 1996, sua primeira edição saiu em novembro desse mesmo ano. Hoje, O Tempo faz parte dos dez maiores jornais do Brasil. Carvalho e Oliveira (2017) apontam que o jornal nasceu após uma decisão de Medioli derivada de uma série de reportagens associando o ex-deputado à máfia italiana publicadas no jornal Estado de Minas. (CARVALHO; OLIVEIRA, 2017). É um jornal que contempla vários editoriais, tais como: política, esporte, cidades, comportamento, cultura, regiões de Minas Gerais, etc. (Idem, 2017).

De acordo com Aguiar (2017), O Tempo é de propriedade da Sempre Editora, integrante do grupo SADA, cujo fundador é Vittorio Medioli, ex-deputado federal pelo Partido Verde (PV) e ex-membro do Partido da Social Democracia do Brasil (PSDB). Aguiar destacou que o jornal tem uma circulação diária em 97 municípios do Estado de

Minas Gerais, com uma tiragem de 45 mil exemplares aos domingos e 40 mil nos outros dias da semana. Além disso, o público alvo d'O Tempo é formado por executivos, alta e média gerência de médias e grandes empresas, consultores de empresas, profissionais liberais ou empreendedores, esportistas, órgãos públicos, público segmentado e proprietários de micro, pequenas e médias empresas (AGUIAR, 2017, p.9).

A migração haitiana teve também sua repercussão nesse meio de comunicação. Para refletir sobre a migração para a capital mineira, escolhi algumas reportagens d'O Tempo, de períodos diferentes, que tratavam do fluxo migratório dos haitianos para a região metropolitana de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Além disso, é um dos meios de comunicação do estado que abordam a mobilidade haitiana em várias reportagens. Como foi dito no segundo capítulo, não acompanhei frequentemente as publicações diárias, mas sempre lia algumas reportagens que chamavam a minha atenção sobre os imigrantes haitianos. Assim, pretende-se refletir em torno de três reportagens nas quais os imigrantes falam sobre suas experiências na capital mineira.

Escolhi essas três reportagens porque encontrei alguns pontos similares nas narrativas desses imigrantes que dialogam com as minhas experiências e das falas de outros imigrantes que foram mencionados neste trabalho. Além disso, existem outras narrativas que me afetaram pela situação de vulnerabilidade e comportamento racista que um imigrante haitiano sofreu no seu trabalho. São esses fatores que me levaram a escolher O Tempo para refletir sobre a chegada dos haitianos na capital mineira. Assim, a primeira reportagem escolhida para o presente item intitulada "Estrangeiros dobram em Minas de 2010 a 2016", com a foto de um haitiano chamado Phanel Georges:

Estrangeiros dobram em Minas de 2010 a 2016

Pesquisadores da PUC criam documento virtual para consulta online

Por THUANY MOTTA
24/10/18 - 07h01



Fonte: <<[Essa reportagem foi publicada no dia 24 de outubro de 2018 e nela especificamente abordou-se a pesquisa feita por pesquisadores da PUC Minas e do Observatório das Migrações Internacionais do Estado de Minas. A publicação destacou o número de estrangeiros que entravam em Minas no período de 2010 até 2016. Os dados mostram que os haitianos lideram o ranking de estrangeiros na capital mineira. O que nos chama a atenção nessa publicação é a menção de Phanel, um haitiano, professor de francês, que mora em Contagem desde 2014. Phanel disse: “Deixamos muita coisa para trás para viver um sonho aqui. Se as pessoas puderem nos conhecer melhor, vamos nos sentir pertencentes”.](https://www.otempo.com.br/economia/estrangeiros-dobram-em-minas-de-2010-a-2016-1.2058882.>>_Acessado em: 03/06/2020</p></div><div data-bbox=)

Através das minhas experiências entendo a fala de Phanel no sentido de que as pessoas não chegam a compreender que emigrar não se resume só a uma questão laboral e é de fato um processo complexo, pois os imigrantes deixam seus familiares e amigos e precisam de uma sociedade acolhedora. Quando encontramos dificuldades raciais ou preconceitos, isso faz com que nós não consigamos realizar o sonho de nos inserirmos na sociedade e sintamos que não fomos acolhidos pelos cidadãos do país. Numa reportagem intitulada “Regularização é Demorada”, que já abordamos no item 2.3 do segundo capítulo, Phanel reclamou da forma que alguns brasileiros tratam os haitianos. De acordo com ele, "O tratamento em alguns empregos é bem diferente. O povo acha

que não vamos fazer um trabalho de qualidade. Tem xenofobia e isso atrapalha nosso desenvolvimento”. Podemos observar na fala do imigrante que a inserção na sociedade brasileira é algo muito importante para a mobilidade social dos imigrantes haitianos. Entretanto, eles encontram dificuldades ligadas a diversas questões que dificultam seu processo de inserção.

Então, as dificuldades de inserção podem ser algo que coloca um imigrante em uma situação de vulnerabilidade. Como aponta Salgueiro Marques (2018), as vulnerabilidades não têm uma origem única, porém elas se mantêm através de uma rede complexa perpetrada por vários agentes da sociedade. Quando Phanel diz: “se as pessoas puderem nos conhecer melhor, vamos nos sentir pertencentes”, percebe que ele se sente vulnerável por falta de abertura, de diálogo, de espaço, para que ele possa ter a chance de ser melhor conhecido. Entendo conhecer melhor no sentido de acolher o outro sem discriminação, sem preconceito, pois um bom acolhimento nos ajudará a viver e a compreender o outro de uma forma mais harmônica. Além disso, o imigrante diz: “deixamos muita coisa para trás (Haiti) para viver um sonho aqui (Brasil)”. Na minha opinião, o que ele está dizendo é que deixou sua família, seus amigos entre outros entes queridos para realizar seus sonhos em outra terra. Portanto, o corpo dele foi afetado porque ele não se sentiu pertencente ao lugar no qual está vivendo por uma rede de questões que o colocam numa situação de vulnerabilidade.

Em outra fala, o imigrante reclama do tratamento por parte dos brasileiros em relação aos haitianos. Para ele, alguns empregadores tratam os imigrantes de uma forma cruel: alega ter sofrido xenofobia e de ter a qualidade de seu trabalho questionada. Esse tratamento pode estar ligado ao imaginário sociodiscursivo que circula na sociedade brasileira em torno do Haiti e da chegada dos imigrantes haitianos. Como pode ser percebido nos relatos dos imigrantes ao longo desta pesquisa, alguns haitianos foram perguntados se há carros ou comida no Haiti, ou ainda, se o Haiti está na África etc.; essas perguntas podem ser algumas pistas da criação de estereótipos em torno da comunidade haitiana e podem levar algumas pessoas a ter dúvida sobre a qualidade do trabalho dos haitianos. Um outro exemplo disso é sobre quando Donald diz que o que é mais complicado para ele é a dúvida das pessoas sobre sua profissão, sendo que ele é biomédico e, cada vez que o comenta, algumas pessoas se mostram incrédulas com o que acabam de ouvir e reagem de acordo.

Outro ponto que chama a minha atenção nesta reportagem é o levantamento feito por pesquisadores da PUC Minas e do Observatório da Migrações Internacionais do Estado de Minas Gerais sobre a entrada de imigrantes estrangeiros. Eles realizaram esse levantamento através das informações públicas declaradas pelos imigrantes na Polícia Federal, a saber: idade; sexo; ocupação; país de nascimento etc. De acordo com a reportagem, o “Atlas da Migração Internacional de Minas Gerais, visa oferecer à sociedade e às autoridades públicas ferramentas que possam contribuir para o aprimoramento de políticas que têm como público-alvo os imigrantes internacionais” (MOTTA, 2018). Dessa forma, os dirigentes terão dados que poderão ajudar na criação de políticas de acolhimento que levem em consideração as demandas dos imigrantes. Além disso, ajudará a sociedade a ter mais informações sobre os imigrantes. Não afirmo aqui que o Brasil não acolhe bem os imigrantes estrangeiros, mas sim que essa iniciativa pode contribuir com o processo de inserção de qualquer estrangeiro, pois ela abre espaço para que conheçam e compreendam as realidades culturais do outro.

Assim, podemos dizer que ao conhecer o outro, abrimos a nossa mente para uma nova cultura, uma nova língua e forma de viver, que chamamos “estrangeiro”. Essa troca pode ser feita através de uma hospitalidade justa que começa pela acolhida que rompe com as questões de nacionalidade, país de origem e o status social (DERRIDA, 2003). Além disso, é permitir ao nosso corpo entrar em contato com outros corpos, deixar que ele seja afetado pela história do outro e “deixar-se ser tocado (sensorial e emocionalmente) é ingressar em uma relação apta a produzir transformações em nosso ser e nossos pensamentos” (MENDONÇA, MORICEAU, 2016, p.83). Através da hospitalidade e do encontro dos corpos, permitindo-nos aceitar os outros com suas diferenças e conhecer o outro que achamos estranho, como os estrangeiros. A seguir apresentarei a segunda reportagem:

Imigrantes haitianos sofrem com xenofobia no trabalho

Frases racistas e agressões são comuns contra estrangeiros; maioria não denuncia por medo

Por ALINE DINIZ | ESPECIAL PARA O TEMPO
12/12/16 - 02h00



Fonte: <<<https://www.otempo.com.br/cidades/imigrantes-haitianos-sofrem-com-xenofobia-no-trabalho-1.1410725>>> Acessado em: 03/06/2020

A segunda reportagem abordou a xenofobia que os imigrantes haitianos encontram no trabalho. O jornal destacou que as ofensas racistas e o preconceito são comuns no cotidiano dos haitianos que trabalham na capital mineira. De acordo com a reportagem, essas ofensas foram reveladas através de uma entrevista feita com 110 imigrantes por uma equipe de pesquisadores da UFMG. Essa pesquisa foi realizada pelo programa *Cidade e Alteridade*, da mesma universidade. O artigo ressalta a opinião dos imigrantes que participaram da pesquisa ao divulgar que essas agressões ocorrem por eles terem vindo de um país pobre e esses homens percorrem o Brasil em busca de emprego. Além disso, por causa da dificuldade com o idioma, Anivain Pierre Paul, 34 anos, relatou uma experiência no seu trabalho. Ele disse que já foi chamado “de burro, chifrudo e macaco”. Anivain disse que nunca reclamou dessas ofensas e acrescenta: “Não fiz nada. Se fosse no meu país, eu poderia ter brigado, mas aqui preciso trabalhar. Só chorei”.

Lendo as falas do Anivain, fiquei chocado pelas dificuldades que encontrou em seu trabalho. Chamar alguém de macaco é o limite. Nunca fui comparado a um animal aqui e fiquei pensando qual teria sido a minha reação. Como haitiano e negro, isso pode acontecer comigo um dia. Assim, ler essa narrativa me leva a refletir, pois tenho de me preparar psicologicamente caso um dia isso aconteça. Fiquei pensando qual foi o motivo que levou seus colegas a chamá-lo “macaco”.

Outro aspecto que me afeta é o fato que Anivain não reclamou, pois a necessidade de trabalho o colocou numa situação que só lhe permite ficar calado. Então, ao dizer que chorou, dá uma única resposta para lutar contra as discriminações que sofreu no seu trabalho. Segundo o imigrante, ele precisava trabalhar, e nesse contexto, percebe-se que

o trabalho é um aspecto da sua condição social no Brasil, pois ele disse que “se fosse no seu país, brigaria”. O comportamento do haitiano me fez questionar e pensar sobre as condições sociais sob as quais os imigrantes estão trabalhando no Brasil. No caso de os imigrantes estarem sendo explorados no trabalho, será que conseguem percebê-lo? Será que a necessidade de trabalho permite que eles fechem seus olhos sobre as explorações no trabalho?

Observando essa situação, percebe-se que essa reportagem d’O Tempo tentou chamar a atenção da sociedade sobre os comportamentos racistas e preconceitos que os haitianos encontram em seu dia a dia. Ao referir-se ao imigrante haitiano como “burro” ou “macaco”, isso implica que ele foi considerado pelos colegas como uma pessoa sem qualificação. Como apontou Sayad (1998), os imigrantes são considerados mão de obra e assim o são por razões laborais e é o trabalho que define seu status social.

Outro aspecto a ser destacado nessa publicação é a fala do advogado e historiador Gilberto da Silva Pereira (2016), que disse que: “O Brasil sempre foi receptivo com europeus. Já os haitianos e os bolivianos são vistos como mão de obra mais barata”. Pode-se referir a esse imaginário social pelas discriminações que a sociedade tem sobre essas pessoas. O fato de que o país é receptivo a um grupo de pessoas permite que outros grupos sejam colocados numa categoria bem determinada e numa situação de vulnerabilidade. A fala de Gilberto não era diferente em relação às experiências de alguns alunos que vieram da África. Como foi dito no primeiro capítulo do presente trabalho, através do programa *Em Caráter Experimental*, que apresentei na Rádio UFMG Educativa, percebi que os alunos que vieram da Europa não encontram dificuldades para se inserir na capital mineira e também foram bem recebidos. No entanto, os alunos que vieram da África encontram dificuldades para se inserir na sociedade e no campus da Pampulha.

Observei que as pessoas com a pele negra encontram mais dificuldade para se inserir na sociedade brasileira pois “a noção de raça permite que se represente as humanidades não europeias como se fossem um ser menor [...]” (MBEMBE, 2014, p.39). Partindo da fala de Gilberto, percebe-se que os estrangeiros com a pele negra e os de pele branca não são recebidos de igual maneira. Observando a fala do imigrante haitiano na reportagem e em relação às minhas experiências, posso dizer que o racismo é algo que contraiu a inserção dos imigrantes e também o meu cotidiano. A discriminação racial é

algo que está sempre presente no meu dia a dia, mesmo que, às vezes, pelo meu sotaque, isso leve as pessoas a me olhar de uma forma diferente por ser estrangeiro, porém quando falo da minha nacionalidade, percebo que as pessoas me colocam numa situação de vulnerabilidade pela imaginação que têm sobre o Haiti. Assim, percebe-se que meu corpo sempre está em destaque por questões raciais no Brasil e está em situação de vulnerabilidade social pelos imaginários sociais em torno do Haiti. A seguir, apresentarei a última reportagem:

Minas acolhe imigrantes de países latinos

Haitianos já trazem suas famílias, mas exploração da mão de obra impede vida melhor

Por JÁDER REZENDE
18/11/13 - 03h00



Fonte: <<[A terceira reportagem tratou do acolhimento de Minas Gerais para com os imigrantes e das dificuldades que eles encontram para se integrar na capital mineira. O título da reportagem já trouxe muitas informações em torno da integração dos imigrantes haitianos em Belo Horizonte. Percebe-se que nessa publicação O Tempo abordou a questão da exploração dos haitianos no mercado de trabalho. Através da fala de alguns haitianos mencionados pelo jornal, observamos que os entrevistados estão frustrados pela situação econômica, pois o que ganham no trabalho não dá para sustentar a família e enviar dinheiro ao Haiti. Outro ponto que deve ser ressaltado nessa reportagem é a luta contra a exploração dos imigrantes com as: “14 instituições do poder e da sociedade civil organizada, que já identificaram exploração de mão obra análogas ao trabalho escravo, sobretudo entre populações vindas do Haiti com a expectativa de conseguirem trabalho e moradia no Brasil”. Esse ponto contribuiu no processo de inserção dos](https://www.otempo.com.br/minas-acolhe-imigrantes-de-paises-latinos-1.747692.>> Acessado em: 03/06/2020.</p></div><div data-bbox=)

haitianos no mercado de trabalho e advoga pelo respeito aos direitos dos imigrantes. Isso mostrou que é possível veicular informações que possam ajudar no processo da integração dos imigrantes na sociedade acolhedora.

Percebe-se nessas reportagens que nos últimos anos os números de estrangeiros foi aumentando em Minas principalmente o de haitianos. Observei que os imigrantes haitianos encontram dificuldades para se inserir na capital mineira por discriminação racial, questões de trabalho, preconceito, etc. Como estudante, meu cotidiano é diferente dos outros imigrantes que vieram para trabalhar, porém o problema do racismo nos afeta da mesma forma. O racismo permite converter algo diferente numa realidade diferente, assim, ser visto na rua como sujeito estranho e duvidoso é transformar meu corpo numa outra realidade que permite que se julgue meu corpo em determinado lugar ou horário.

Observei que mesmo com os problemas raciais, as instituições do poder e da sociedade civil ajudam a identificar a exploração de mão de obra e o trabalho escravo que os imigrantes haitianos encontram no Brasil. Essa publicação vinda de um jornal (O Tempo) que é sediado em Contagem, onde há uma grande comunidade haitiana, contribuiu para respeitar os direitos dos imigrantes. Além disso, ela ajuda no processo da inserção desses imigrantes, pois o trabalho é um fator na mobilidade social deles na capital mineira.

Percebe-se que a questão da discriminação racial é um ponto comum nessas três reportagens, sobretudo na primeira e na segunda. Essas discriminações foram sendo construídas através dos imaginários sociodiscursivos que circulam na sociedade brasileira acerca dos imigrantes haitianos. Como podemos observar na segunda reportagem, segundo os imigrantes haitianos, eles sofrem racismo porque vieram de um país pobre em busca de trabalho. Pessoalmente, acho que vir de um país pobre não é o principal fator dessas discriminações, mas sim as informações que são veiculadas sobre o Haiti, que podem ser algumas sementes da criação dos imaginários e que vão levar algumas pessoas a desenvolver o estranhamento e a xenofobia.

Observei que a questão do trabalho é um fator crucial no processo da inserção dos imigrantes na sociedade brasileira. É no ambiente de trabalho que eles começam a ter contato com os brasileiros, a criar amizades e começam a ter contato com as questões raciais da sociedade brasileira. Além disso, o aspecto do trabalho coloca-os numa situação de vulnerabilidade, uma vez que o trabalho muitas vezes representa sua única

forma de se manterem no Brasil e temendo perdê-lo se submetem a tudo. Como retrato dessa situação, observamos o haitiano Anivain Pierre Paul, que preferiu ficar calado, engoliu o choro e não reclamou das discriminações sofridas no seu local de trabalho.

Outro ponto a ser destacado na segunda reportagem é a construção dos estereótipos em torno dos imigrantes haitianos e bolivianos. Quando o advogado citado na reportagem, Gilberto da Silva Pereira diz que o Brasil é mais receptivo com europeus do que com imigrantes latinos, ele abordou as dificuldades sociais, preconceitos e racismo que essas pessoas encontram na sociedade brasileira. A situação ficou ainda mais constrangedora quando ele menciona que os haitianos e os bolivianos são vistos como “mão de obra mais barata”. Penso que essas pessoas são vistas como mão de obra barata pelos estereótipos que foram criados em torno dessa comunidade, pois, algumas pessoas pensavam que não tinham formação adequada para dar um bom serviço. Não digo que todos imigrantes haitianos têm curso superior ou formação adequada, o que está sendo questionado é que mesmo que alguns haitianos tenham recebido educação formal de nível técnico ou superior, sua educação é colocada em xeque. Essa reportagem chama mais a minha atenção ao mostrar a vulnerabilidade de um imigrante haitiano em seu próprio ambiente de trabalho, levantando as questões raciais que os imigrantes encontram no seu dia a dia e os estereótipos que algumas pessoas têm sobre a comunidade haitiana.

Mesmo que a terceira reportagem tenha abordado a questão da exploração dos imigrantes em alguns empregos, o que chama a minha atenção nela é a iniciativa dos poderes públicos para combater as explorações dos imigrantes no ambiente do trabalho. Além disso, outro ponto interessante e divergente do tema do preconceito, são as falas de Minouche Daguerre, de 33 anos, e de Mackenson Vieux, de 30 anos, que elogiam o atendimento que receberam na maternidade Sofia Feldman através do SUS, em Belo Horizonte, no dia do nascimento de seu primeiro filho. Eles foram bem acolhidos e reconhecem que o sistema de saúde brasileiro, por ser universal, é bastante vantajoso e diferente do sistema haitiano.

Então, minhas experiências neste presente trabalho não refletem a realidade de todos os imigrantes haitianos no Brasil. Como se pôde observar nas reportagens d'O Tempo, cada imigrante que aparece nessas reportagens teve experiências diferentes em relação com suas falas. Além disso, mesmo que o problema do racismo apareça no cotidiano

desses imigrantes, num espaço que é diferente do meu dia a dia, há pontos similares na forma que o racismo nos afeta. Assim, o presente trabalho problematiza essas experiências com o objetivo de buscar compreender a migração a partir de um outro ângulo, nas áreas das Ciências Humanas, principalmente na Comunicação.

Ao avaliar as dimensões afetivas que atravessam essas experiências, permitimo-nos analisar a migração através dos afetos que movem esses corpos na sociedade. Isso nos leva a compreender uma sociedade de afetos pelos quais nos conectamos. Assim, antes da pergunta sobre a origem do estrangeiro, o uso de uma linguagem hospitaleira dará a possibilidade ao estrangeiro de se sentir acolhido e pertencente à sociedade acolhedora. Pessoalmente, espero que haja mais trabalhos sobre a mobilidade haitiana no Brasil e ainda que este trabalho seja uma semente na busca pela compreensão do processo de integração dos imigrantes, uma integração que leve em consideração os aspectos da hospitalidade e dos afetos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho traz algumas reflexões sobre a mobilidade haitiana e sobre o processo da inserção de alguns haitianos na sociedade brasileira, principalmente na capital mineira. Os relatos desse trabalho não refletem a realidade de todos imigrantes haitianos no Brasil. Como pode-se observar ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, a mobilidade haitiana ocorreu no território brasileiro num período quando o Haiti foi devastado por um terremoto ocorrido no dia 10 de janeiro de 2010 – naquela altura o Brasil estava em plena preparação para a Copa do Mundo de 2014 e para as olimpíadas de 2016.

Percebe-se que a chegada massiva dos haitianos nos últimos anos ao Brasil teve muita repercussão na sociedade brasileira, fato esse que pode ser atribuído às informações que foram veiculadas nas mídias brasileiras sobre a entrada desses imigrantes na região norte do Brasil. Essas informações levam algumas pessoas a definir a mobilidade haitiana de uma forma homogênea. Essa homogeneidade gera um imaginário sociodiscursivo que generaliza todas as formas de imigração, ao ponto que algumas pessoas me perguntarem se era refugiado, se no Haiti há carros, hospitais, entre outros.

Através dos relatos dos imigrantes que foram mencionados neste presente trabalho, percebemos que os imaginários sociodiscursivos são algumas pistas das dificuldades que os imigrantes encontram para se inserir na sociedade brasileira. Além disso, esses mesmos imaginários levam algumas pessoas a ter dúvida sobre a qualificação de alguns haitianos e criam alguns estereótipo sobre esses imigrantes. Como foi possível observar em algumas reportagens tratadas aqui, alguns haitianos reclamaram das dificuldades de interação social com os nativos, pois sofrem discriminação racial por parte de alguns brasileiros. De alguma forma, as reportagens citadas no trabalho contribuem para a reflexão sobre as questões raciais, políticas públicas de acolhimento, xenofobia, e as dificuldades que alguns imigrantes encontram na capital mineira. Além disso, apresenta essas experiências negativas para que a sociedade tenha uma ideia sobre o que os imigrantes enfrentam na região metropolitana de Belo Horizonte.

Assim, a presente dissertação pode ser considerada como uma pista para refletir sobre o processo de inserção e de adaptação de alguns imigrantes haitianos na capital mineira. Mudar de um país para outro não é tão fácil como podemos imaginar, pois o imigrante tem de se adaptar à cultura e à gastronomia da sociedade acolhedora. Além disso, para se inserir nessa sociedade, é necessário saber se comunicar na língua do povo que o acolhe. Na minha opinião, recomeçar uma nova vida em outro país depende da razão da

saída do imigrante. No meu caso, o de um jovem que veio para estudar, os primeiros meses não foram fáceis, pois o fato de não saber falar e escrever em português me deixou à mercê de meus colegas haitianos que foram muito solícitos em me ajudar a fazer a documentação.

Mesmo que um estrangeiro fale português bem, ele precisa de um tempo para se adaptar na sociedade brasileira. Por experiência própria, no início, sentia-me como uma pessoa que perdera a autonomia, pois estava num processo de aprender uma nova cultura, uma nova forma de viver, uma nova gastronomia e dependia de alguém que falasse português em caso de urgência, por exemplo, para ir ao hospital, ao banco etc. Assim, a falta do domínio da língua portuguesa pode vir a ser algo que coloque um imigrante em situação de vulnerabilidade. O domínio da língua é algo fundamental nas interações sociais do dia a dia. Assim, as interações sociais como os nativos são importantes no processo de inserção do imigrante. Considero esse momento como uma troca cultural, pois é um momento de aprendizagem, de conhecer a cultura e a gastronomia do outro. Então, através dessas interações podem surgir novas amizades, amantes e outros laços afetivos.

No momento em que comecei a compreender bem o português, minhas interações com algumas pessoas eram marcadas pelos imaginários sociodiscursivos em torno da mobilidade haitiana no Brasil. Esses imaginários levaram essas pessoas a fazer perguntas infelizes, como foi relatado nesta pesquisa. Além disso, criou-se algumas pistas de estereótipos sobre a chegada dos haitianos. Assim, a presente dissertação me permitiu olhar a migração de uma outra forma e a questionar as questões raciais existentes na sociedade brasileira. Através das experiências que foram narradas neste trabalho, percebe-se que ser negro no Brasil é algo complexo de se definir. Percebe-se que a universidade é um espaço fundamental para os alunos negros, pois permite que as pessoas negras brasileiras se questionem sobre sua identidade e se reconheçam como negros. Mesmo que os negros sejam vistos como sujeitos estranhos e marginalizados na sociedade brasileira, a universidade nos dá a oportunidade de questionar sobre a construção dos estereótipos em torno das pessoas com a pele negra.

Ao longo da escrita desta dissertação, dois momentos me marcaram: o primeiro são as mortes de George Floyd, nos Estados Unidos, por um policial branco e a do adolescente João Pedro Matos Pinto, que foi assassinado depois de uma operação da Polícia Federal e da Polícia Civil no Rio de Janeiro. Conforme mencionado aqui anteriormente, fui parado duas vezes por policiais militares e foi o ato de escrever sobre essa experiência

marcante que me permitiu refletir sobre os fatos que me levaram a considerar-me como negro no Brasil. No entanto, duas pessoas com a pele negra foram mortas por intervenção policial no mesmo mês em países diferentes. Passei um tempo me perguntando porque os corpos das pessoas com a pele negra são as principais vítimas das intervenções policiais.

A morte de João Pedro teve muita repercussão na sociedade brasileira e a de George teve um impacto mundial. Fiquei pensando que os corpos negros não são seguros em relação às intervenções policiais por serem corpos que sempre estão em destaque. Na minha imaginação, esses corpos só estarão em paz quando estiverem num caixão a caminho de um cemitério, pois, após a morte, acabou-se o sofrimento biológico e social como racismo, preconceito, miséria, pobreza, entre outros. Será que precisamos mudar para um outro planeta para que os negros vivam com tranquilidade, sem pensar que não serão mais vítimas pelas intervenções policiais? Acho que não. Creio que a pandemia da COVID-19 nos mostrou que somos corpos frágeis sejam eles brancos ou negros.

Então, o segundo momento marcante é a pandemia que mudou a rotina de qualquer ser humano no mundo. Isso mostrou que podemos conviver com as diversidades, pois a pandemia não pergunta se você é branco, negro ou imigrante para bater à sua porta se você não respeitar as barreiras para evitá-la. Se por um lado ela afeta as pessoas mais vulneráveis, por outro isso não quer dizer que haja limite, o mais importante é se cuidar. Através desses dois momentos, acho que uma linguagem hospitaleira nos ajudaria a aceitar a diversidade dos outros corpos. Para Derrida (2003), uma linguagem hospitaleira nos permite acolher o outro sem perguntar sobre o nome de sua classe social. Essa hospitalidade que Derrida menciona nos ajuda a ser mais receptivos e a deixar ao lado os imaginários sociais para que permitamos que outro se sinta acolhido. A linguagem hospitaleira não olha para a cor da pele das pessoas, nem quer saber se é você estrangeiro, é uma linguagem receptiva que rompe com as questões raciais, territoriais, e que permite que nós aceitemos as diversidades dos corpos.

As experiências que foram mencionadas na presente dissertação são singulares e não refletem a realidade de todos imigrantes haitianos, porém isso nos pode ajudar a refletir em torno da inserção dos imigrantes haitianos na capital mineira. Além disso, mostrou-se aqui que nossos corpos são sujeitos de afetos e as dimensões afetivas que nos atravessam podem mudar nosso comportamento em determinado tipo de situações.

Sendo corpos afetivos, um acolhimento com afetos nos ajudará a diminuir os preconceitos, a discriminação racial e os estereótipos sobre outros corpos que são

diferentes de nós. Isso não quer dizer que o racismo e os preconceitos irão acabar, no entanto, isso nos ajudará a compreender que o outro é um ser humano que tem suas diferenças e é por isso que precisamos viver e aceitar os outros com suas diferenças quer sejam culturais, físicas ou sociais.

REFERÊNCIAS

ABRIL, Gonzalo. **Cultura visual, de la semiótica a la política**. Madri: Plaza y Valdés Editores, 2013.p.35-67.

ACHILLE, M. **Crítica da Razão Negra**. Paris: Éditions de La Découverte, Paris, 2014. p.158.

AGUIAR, S. **Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e de Rio de Janeiro**. Viçosa, Minas Gerais – Brasil, 2017.

ALMEIDA, J. **BH, minha nova casa**. Pampulha, 10/02/2016. Disponível em: <<<https://www.otempo.com.br/pampulha/bh-minha-nova-casa-1.1409816>>>. Acessado em: 05/12/2020.

BÉRUBÉ F. **Média et insertion immigrants: Le cas de récents immigrants Latino-Américains en processus d'insertion à Québec**, 2009.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra. Quando a vida é passível de luto?** 6a.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CABECINHAS, R. **Media, Etnocentrismo e Estereótipos Sociais**. 2002.

Caldeirão do Hulk: A volta pra casa dos soldados que estão no Haiti. Disponível em: <<<https://globoplay.globo.com/v/5628407/>>>

CARVALHO, J. OLIVEIRA, A. O enquadramento noticioso do jornal O Tempo sobre a disputa eleitoral à Prefeitura de Belo Horizonte - MG1, 2017.

Caso João Alberto: veja perguntas e respostas sobre a morte de um cidadão negro em um Carrefour de Porto Alegre. Disponível em: << <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/23/caso-joao-alberto-veja-perguntas-e-respostas-sobre-a-morte-de-um-cidadao-negro-no-carrefour-em-porto-alegre.ghtml>>>

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux.** in Boyer H. (dir.), *Stéréotypage, stéréotypes : fonctionnements ordinaires et mises en scène*, L'Harmattan, 2007.

CIVIL, J. **Dobras do tempo: a comunicação entre passado e presente a partir de experiências de imigração, racismo e desigualdades de gênero em relatos orais de haitianas em Belo Horizonte.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Em Comunicação Social/Relações Públicas) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

CLOUGH, P. **The Affective Turn: theorizing the social.** Duke University Press, 2007.

COGO, D; SILVA, T. **Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira.** Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia, 2016.

COSTA, Pe. Gelmino A. **Haitianos em Manaus: dois anos de imigração – e agora!** Travessia – Revista do Migrante, São Paulo, n. 70, 2012.

CRISTINA, A. **Entre a política e a estética: uma abordagem comunicacional de questões de justiça.** VULNERABILIDADES, JUSTIÇA E RESISTÊNCIAS NAS INTERAÇÕES COMUNICATIVAS. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2018

DELEUZE, G. **Espinoza: filosofia prática.** São Paulo: Escuta 2002.

DERRIDA, J. DUFOURMANTELLE, A. **Da hospitalidade.** São Paulo: Escuta 2003.

DORNELAS, P. **Migração e reconhecimento: um estudo de caso sobre os haitianos na região metropolitana de Belo Horizonte.** 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

Glossário sobre Migração. Organização Internacional para as Migrações. 17 Route des Morillons 1211 Genebra 19 Suíça. 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4a.ed. Rio de Janeiro. 1988.

GUIDI, D; MORICEAU, J; PAES, I. **Sobre viver. AFETOS: pesquisas, reflexes, e experiências em 4 encontros com Jean Luc Moriceau.** Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.

Haiti – Biscoito de Barro. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=QtzXy8IRCsl>>>. Acessado em: 26/02/2021.

HANDERSON, J. **Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana francesa.** Rio de Janeiro: UFRJ. 2015

IGOR P. **Aquilo que resta de nós.** 1a.ed. Belo Horizonte. 2017

JHON, K. M. **Uma análise cultural da geografia haitiana: a desconstrução do “biscoito de barro” da imprensa brasileira,** 2018 Disponível em: <<<https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/34525/pdf>>>

LAFLEUR , A. MARFOUK. **Pourquoi L'immigration: 21 questions que posent les Belges sur les migrations internationales au XXI siècle.** Academia L'Harmattan 2017

Manual de procedimentos e critérios para a determinação da condição de refugiado: de acordo com a convenção de 1951 e o protocolo de 1967 relativos ao estatuto dos refugiados. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, ACNUR, Genebra, 2011.

MIMI, S. **Mobility Justice: The Politics Of Movement In An Age Of Extremes.** 1010, Brooklyn, NY. 2018.

Missão Haiti – Crianças Comendo Biscoito de Barro. Disponível em: <<<https://www.youtube.com/watch?v=Uex9O9HzHw>>>. Acessado em: 26/02/2021.

MORICEAU, J. MENDONÇA, C.; **Afetos e experiência estética: Uma abordagem possível,** COMUNICAÇÃO E SENSIBILIDADE. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2016.

MOTTA, T. **Estrangeiros dobram em Minas de 2010 a 2016.** O Tempo, 24/10/2018. Disponível em: <<<https://www.otempo.com.br/economia/estrangeiros-dobram-em-minas-de-2010-a-2016-1.2058882>>> Acessado em: 03/06/2020.

OLIVEIRA, N. **Casa de Apoio começa a receber haitianos.** O Tempo, 21/10/2015. Disponível em: <<<https://www.otempo.com.br/cidades/casa-de-apoio-comeca-a-receber-haitianos-1.1144944>>>. Acessado em: 05/12/2020.

PESSOA, S. C. **Imaginários sociodiscursivos sobre a deficiência: experiência e partilhas.** Belo Horizonte: PPGCOM, 2018.

ROCHA, R. **Regularização é demorada.** O Tempo, 08/06/2015. Disponível em: <<<https://www.otempo.com.br/cidades/regularizacao-e-demorada-1.1107129/procurada-empresaria-que-usava-laudos-fraudados-para-obter-isencao-em-icms-1.2208059>>>. Acessado em: 05/12/2020.

SAYAD, A.; **A imigração: ou os paradoxos da alteridade.** Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1998.

SIDNEY, A, S. **Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil,** 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-34-01-00099.pdf>>

SILVA, S. A. **Brazil, a new Eldorado for immigrants? The case of Haitians and the immigration policy.** Urbanities, v. 3, n. 2, p. 03-18, novembro de 2013.

SPINOZA, B. **Ética.** 3 ED. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TÉLÉMAQUE, J. **Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações.** Monografia para conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

THERIER, D. **Imigração de mulheres haitianas em Belo Horizonte/Brasil: identidades femininas, relatos de si e autonomia,** 2017, Acessado em: 20/12/2020. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/5927>>.

Vini manjé yon ti tè avec mwen. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H676CmBisYw&ab_channel=MelitaEstime>> Acessado em: 12/12/2020.

ANEXO

1- Link da rede social (Facebook)

https://www.facebook.com/permalink.phpstory_fbid=1836771103283304&id=100008512965289

2- Link dados do programa Pec- G

<http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php>

3- “*pratik tè an Ayiti*” (prática da terra no Haiti), Vídeo e comentários Melina Estime

«<https://www.youtube.com/watch?v=H676CmBisYw%3E%3E>. Acessado em 12/12/2020»

4- O Tempo



Fonte: «<https://www.otempo.com.br/economia/estrangeiros-dobram-em-minas-de-2010-a-2016-1.2058882>»

Em 2010, um terremoto atingiu a capital do Haiti, Porto Príncipe, devastando o país. Cerca de 230 mil pessoas morreram e mais de 1 milhão ficaram desabrigadas, o que levou a um êxodo nos anos seguintes. “Deixamos muita coisa para trás para viver um sonho aqui. Se as pessoas puderem nos conhecer melhor, vamos nos sentir mais pertencentes”, afirma o haitiano Phanel Georges, 33. Professor de francês, ele mora em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, desde 2014.

Um levantamento inédito, feito por pesquisadores da PUC Minas e do Observatório das Migrações Internacionais do Estado de Minas Gerais, traçou o perfil dos imigrantes que residem em Minas Gerais. O

“Atlas da Migração Internacional de Minas Gerais” visa oferecer à sociedade e às autoridades públicas ferramentas que possam contribuir para o aprimoramento de políticas que têm como público-alvo os imigrantes internacionais.

O mapa está disponível a partir desta quarta-feira (24) no site da universidade. O documento – que levou seis meses para ser concluído – contém informações públicas declaradas pelos imigrantes à Polícia Federal – como idade, sexo, local de residência, país de nascimento e ocupação.

Os dados, referentes aos anos de 2010 a 2016, mostram que o número de estrangeiros registrados em Minas mais do que dobrou nesse período – de 4.725 para 10.622. Entre as nacionalidades que lideram o ranking estão Haiti (3.241), Colômbia (1.997) e Itália (1.822). Quanto à faixa etária predominante, os homens de 25 a 29 anos permanecem à frente. Entre as mulheres, o perfil majoritário passou de 25 a 29 anos para entre 20 e 24 anos.

“Esses e outros dados podem ser acessados pelo governo estadual ou qualquer município do Estado para promover iniciativas que beneficiem essas pessoas”, diz o geógrafo Duval Fernandes, professor da PUC Minas.

Segundo o pesquisador, o atlas ainda pode ser usado no sistema educacional para conhecimento geográfico e no combate à xenofobia. “Professores e educadores podem trabalhar a cidadania dos estudantes, familiarizando-os com os imigrantes e permitindo o conhecimento mútuo. Com isso, vem o aprendizado da realidade do outro, da sua cultura e das suas tradições. Afinal, você não teme aquilo que você conhece”, argumenta.

O geógrafo afirma que o projeto é permanente. “Faremos atualizações constantes, incorporando informações de outras fontes que tratam da migração internacional em Minas Gerais. Esperamos até dezembro adicionar as informações sobre o mercado de trabalho”, pontua. Brasília. A procuradora geral da República, Raquel Dodge, defendeu o fortalecimento de um marco regulatório para que as leis de proteção aos migrantes sejam postas em prática no Brasil. Saindo em defesa dos venezuelanos, Dodge afirmou que a Constituição já estabelece direitos aos migrantes em serviços como saúde, educação e vacinação.

Dodge abriu a palestra “Proteção aos Direitos de Venezuelanas e venezuelanos – Por uma Acolhida Humanitária na América Latina”. O evento foi organizado pela Escola Superior do Ministério Público da União, em São Paulo, nesta terça-feira (23).

“É preciso examinar também se estamos estabelecendo condições para que os migrantes tenham confiança de que aqui encontrarão o apoio de que necessitam. E nisso estamos falando de solidariedade, de disposição humanitária, de marco regulatório claro e preciso. E neste ponto é preciso enfatizar que no Brasil vivemos e confiamos nisso, sobre um governo de leis. Leis claras e respeitadas”, disse.

Dodge fez referência ao aniversário de 30 anos da Constituição e de 70 anos da declaração dos direitos humanos. Ela ainda ressaltou avanços importantes na legislação sobre o tema, como a recente lei de imigração.

Guerras e perseguições têm pautado processo imigratório

O processo de imigração internacional está relacionado, principalmente ao deslocamento forçado por guerras, perseguições políticas, tragédias naturais e miséria. Dos 65,3 milhões de refugiados no mundo, o

Brasil responde por 0,016% deles (10.418), de acordo com a Agência das Nações Unidas para Refugiados (Acnur).

Duas das nações que têm sofrido muito com a evasão são a Síria e a Venezuela. Em Minas Gerais, a estimativa é que haja, atualmente, cerca de 200 sírios e 150 venezuelanos. Desses, 130 e 100, respectivamente, estão em Belo Horizonte. “Não existem dados oficiais quanto à presença desses imigrantes. Baseamo-nos no registro feito pelos programas de acolhimento do Estado e do município. É difícil determinar um número se essas pessoas estão em situação de visto tem

Imigrantes haitianos sofrem com xenofobia no trabalho

Imigrantes haitianos sofrem com xenofobia no trabalho

Frases racistas e agressões são comuns contra estrangeiros; maioria não denuncia por medo

Por ALINE DINIZ | ESPECIAL PARA O TEMPO
12/12/16 - 02h00



Fonte: «<https://www.otempo.com.br/cidades/imigrantes-haitianos-sofrem-com-xenofobia-no-trabalho-1.1410725>»

Ofensas racistas e preconceitos são comuns no cotidiano dos haitianos que trabalham em empresas de Belo Horizonte e região metropolitana da capital. É o que mostrou uma pesquisa realizada pelo programa Cidade e Alteridade da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), divulgada no fim do mês passado.

A equipe de pesquisadores ouviu 110 dos cerca de 5.000 haitianos que moram na região metropolitana de BH e constatou que 60% dos homens entrevistados e 100% das mulheres sofrem xenofobia e outras formas de preconceito no local de trabalho. A primeira fase do estudo foi feita entre fevereiro e outubro, para investigar o tema “Inserção Laboral de Haitianos e Bolivianos”.

Na opinião dos imigrantes, a situação ocorre porque eles vieram de um país pobre e percorrem o Brasil em busca de emprego. Por causa da dificuldade com o idioma, os entrevistados têm dificuldades em detalhar por quais cidades já passaram.

Anivain Pierre Paul, 34, está há cinco anos no país e, desde então, tem sofrido com a xenofobia calado. “Já me chamaram de burro, chifrudo e macaco. Há duas semanas, um ajudante de pedreiro da empresa quis que eu lhe desse a pá que usava para retirar a areia do caminhão. Eu disse que não. Só porque sou haitiano, ele me deu um empurrão. Não fiz nada. Se fosse no meu país, eu poderia ter brigado, mas aqui preciso trabalhar. Só chorei”, lamentou. O imigrante nunca reclamou da situação. “Se eu relatar, vão inventar que eu não gosto de trabalhar”, desabafou.

Outro haitiano, de 34 anos, que falou sob anonimato, está há três anos no Brasil. Ele tem adotado a resiliência para suportar a discriminação. “São poucos brasileiros que valorizam o estrangeiro, muitos não têm educação. Eu aceito a humilhação para crescer e, por isso, não respondo. Meu sentimento é de não ficar mais no Brasil”, revelou.

O caribenho revelou ainda que percebe um tratamento diferente para outros estrangeiros. “Se for americano ou francês, é muito diferente. Os brasileiros acham que nós (haitianos) não temos capacidade”, relatou.

Análise. O advogado e historiador Gilberto da Silva Pereira concorda que a tolerância do brasileiro com estrangeiros é seletiva, já que, durante anos, a imigração europeia foi incentivada no país. “O Brasil sempre foi receptivo com europeus. Já os haitianos e os bolivianos são vistos como mão de obra mais barata”, disse.

Segundo a pesquisadora Giselle Corrêa, uma das responsáveis pelo estudo, os imigrantes levam um choque porque nunca sofreram com racismo em seu país. “Eles ficam muito surpresos, porque, no Haiti, a maioria da população é negra”, analisou.

Para a professora de direito internacional da Universidade Fumec e do Centro Universitário UNA Luciana Diniz, a discriminação tem relação com o desconhecimento do brasileiro. “Eles não sabem de onde vêm essas pessoas. Em tempos de crise, os brasileiros pensam que eles (haitianos) vão retirar seus empregos”, explicou. Luciana ressalta, porém, que a discriminação contra imigrantes é um fenômeno mundial. “Brasileiros também passam por preconceito em outros locais. Em todo lugar é assim, infelizmente”, concluiu. (Com Letícia Fontes/Especial para O TEMPO)

Terremoto

Motivo. A saída de haitianos de sua pátria de origem se intensificou após o terremoto que aconteceu no dia 12 de janeiro de 2010. O abalo sísmico matou mais de 150 mil pessoas e devastou o país, um dos mais pobres do mundo.

Justiça pode ser acionada por estrangeiros que forem vítimas

Os haitianos que passam por situações de preconceito podem procurar a Justiça para relatar o crime. A maioria desses imigrantes está em dia com a documentação exigida pelas autoridades brasileiras.

Segundo a professora de direito internacional da universidade Fumec e do Centro Una Luciana Diniz, os estrangeiros podem, inclusive, requisitar ajuda da Defensoria Pública caso não tenham condições de pagar um advogado. Um entrave é que a maioria dos haitianos não conhece a legislação brasileira.

O vice-reitor da faculdade de direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Aziz Tuffi Saliba, informou que, no caso de racismo, a vítima pode chamar, inclusive, a Polícia Militar para relatar o ocorrido. Depois, o boletim de ocorrência segue para investigação da Polícia Civil. “Cada caso precisa ser analisado pontualmente, mas o racismo é um crime”, explicou Saliba. (AD)

SAIBA MAIS

Números. A Secretaria de Estado de Direitos Humanos informou que não existe um dado preciso de quantos haitianos estão hoje em Minas Gerais e que a produção de dados sobre imigrantes em tempo real é um desafio, uma vez que a migração pressupõe deslocamentos.

Raio X. A secretaria informou que está firmando um convênio com o governo federal para a realização de um diagnóstico sobre migrantes e refugiados em Minas Gerais, a partir de uma metodologia que permita evidenciar dados mais precisos em relação à situação dos imigrantes e aos fluxos migratórios envolvendo o Estado. O diagnóstico deve ser iniciado no ano que vem.

Financiamento. A pesquisa precisa de financiamento para iniciar a próxima etapa. Os pesquisadores buscam apoio de órgãos do governo e agências que fomentam estudos. O plano é relatar as conclusões com haitianos e bolivianos e debater direitos trabalhistas com empregadores.

Ajuda. Os imigrantes que precisam de orientações de todos os tipos podem procurar a Casa de Direitos Humanos, na avenida Amazonas, 558, no centro da capital. Há também a Casa de Apoio ao Imigrante e Refugiado, em Esmeraldas, na região metropolitana da capital, que recebe imigrantes e os ajuda a encontrar emprego. A casa precisa de ajuda financeira, já que muitos dos imigrantes não têm como ajudar nas despesas. Os interessados em contribuir podem entrar em contato, pelo WhatsApp, com o coordenador do projeto, Luís Cláudio Corsini. O número é 99196-9884.

Minas acolhe imigrantes de países latinos

Minas acolhe imigrantes de países latinos

Haitianos já trazem suas famílias, mas exploração da mão de obra impede vida melhor

Por JÁDER REZENDE
18/11/13 - 03h00



Fonte: «<https://www.otempo.com.br/minas-acolhe-imigrantes-de-paises-latinos-1.747692>»

O terremoto no Haiti em 2010 provocou uma fuga sem precedentes naquele país. Na primeira onda, em 2011, a predominância era de homens urbanos e considerável parte se estabeleceu na Grande BH, atraída pelos parques industriais, comércio informal e construção civil. Na segunda onda, em 2012, vieram os trabalhadores rurais, que se concentraram, em sua maioria, no Sul de Minas, onde muitos atuam até hoje em lavouras.

Agora surge a terceira onda, que traz, em escala ainda maior, mulheres e crianças, ao mesmo tempo em que desponta a primeira geração de brasileiros-haitianos. Em todas as fases, no entanto, imperam a exploração de mão de obra irregular.

Depois dos haitianos, as etnias predominantes que buscam um lugar ao sol na Grande BH são formadas por bolivianos, argentinos, paraguaios e chineses. A colônia de haitianos, de acordo com a ONG Amigos do Haiti, chega a 3.000 indivíduos e se concentra no município de Contagem.

É onde vive com a família o tradutor Mackenson Vieux, 30, que veio tentar a sorte no Brasil e divide as despesas da casa alugada (e prestes a ser vendida) com oito conterrâneos.

A enfermeira Minouche Daguerre, 33, mulher de Mackenson, veio em seguida, e há 11 meses o casal teve seu primeiro filho, Alvin, que nasceu sob as benesses do SUS na Maternidade Sofia Feldman, em Belo Horizonte. “Se fosse no Haiti seria uma fortuna”, diz Mackenson, ao elogiar o “atendimento de Primeiro Mundo” dispensado à mulher e ao filho.

O haitiano cruzou a fronteira do Brasil com o Acre e logo foi arrematado por um representante de uma empresa de engenharia de Contagem. Mas o sonho de uma vida melhor, revela, foi frustrado. O salário de R\$ 1.150, afirma Mackenson, mal dá para o sustento da família. “Tento enviar dinheiro para o Haiti para ajudar minha irmã e uma filha adotiva, mas só consigo separar cerca de US\$ 300 a cada três meses”, lamenta.

Minouche conta que chegou a conseguir emprego em Contagem, onde trabalhou por um ano, mas foi demitida quando estava no oitavo mês de gestação. A saída, diz ela, será buscar asilo nos Estados Unidos, onde mora um irmão que entrou ilegalmente naquele país pela fronteira do México. “Talvez por lá possa ajudar quem ficou para trás”, sonha.

Para entender e tentar buscar soluções para esse impasse foi criada uma verdadeira força-tarefa formada por integrantes de 14 instituições do poder público e da sociedade civil organizada, que já identificou situações de exploração de mão de obra análogas ao trabalho escravo, sobretudo entre populações vindas do Haiti com a expectativa de conseguirem trabalho e moradia no Brasil. O grupo acredita que a situação se agrave com a proximidade da Copa do Mundo.

Parte desses imigrantes chega ao Brasil pelo Estado do Acre, municípios de Brasileia e Epitacolândia e, pelo Amazonas, via Tabatinga.

Nas respectivas fronteiras, a Polícia Federal e a Secretaria de Justiça e Direitos Humanos viabilizam carteira de trabalho e visto para os imigrantes, e ainda mantêm um cadastro de empresas consideradas confiáveis para tentar minimizar o tráfico de pessoas e a utilização da força de trabalho, principalmente entre os haitianos.

Casa de Apoio começa a receber haitianos

Empresário vendeu sua casa em Belo Horizonte e comprou um hotel desativado em Esmeraldas com o objetivo de abrigar imigrantes e refugiados; o espaço tem 40 quartos e deve atender até 160 estrangeiros

Por NATÁLIA OLIVEIRA
21/10/15 - 11h31



Fonte: <<https://www.otempo.com.br/cidades/casa-de-apoio-comeca-a-receber-haitianos-1.1144944>>

Casa de Apoio começa a receber haitianos

A vida de nove haitianos refugiados em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, começou a mudar nesta semana. Desde domingo (18), eles foram abrigados na Casa de Apoio ao Imigrante e Refugiado, em Esmeraldas, na região metropolitana da capital, e começaram neste segunda-feira (19) o treinamento para trabalhar em uma empresa do setor alimentício em Contagem. São oito homens e uma mulher abrigados.

A casa é fruto de um trabalho social do empresário Cláudio Corsini, 39, e do missionário Carlos Eduardo Braga Menezes, 35, em que eles estão fazendo parcerias com empresas privadas. O empresário vendeu sua casa em Belo Horizonte e comprou um hotel desativado em Esmeraldas com o objetivo de abrigar imigrantes e refugiados. O espaço tem 40 quartos e deve atender até 160 estrangeiros.

“A gente chega no Brasil e tem que correr atrás, se a gente tem um lugar tranquilo para morar e uma ajuda para conseguir emprego a gente tem condições de fazer nossa vida aqui. Está sendo muito difícil para muitos haitianos desempregados”, considera Wesley Lazaire, 35, haitiano que já está sendo ajudado pelo projeto.

Muito mais que abrigo e ajuda com emprego, os oito haitianos que já chegaram ao local vão receber também alimentação, auxílio na saúde, na educação, na aprendizagem de português e na regularização de documentos. Os haitianos que já estão instalados no prédio vão ajudar a pagar conta de água e luz com os salários que vão receber nos novos empregos. Essa ajuda é bem menor do que o que eles costumam pagar “Estamos começando pelos que estão em maior vulnerabilidade, a intenção é que na semana que vem cheguem mais estrangeiros. Alguns deles devem vir até de outros Estados isso porque descobrimos que eles estão morando embaixo de um viaduto na cidade em condições bem mais precárias que os que estão em Minas”, explicou Corsini.

Permeado por uma extensa área verde, a casa tem diversas áreas comuns, uma cozinha com capacidade para preparar refeições para cerca de 100 pessoas e uma piscina. A ideia do projeto é que alguns dos imigrantes e refugiados possam trabalhar até mesmo na cozinha da casa ou na limpeza das áreas comuns.

De acordo com Corsini, a casa já recebeu doações de alimentos de igrejas e de uma força-tarefa organizada pela sociedade civil para ajudar os imigrantes e refugiados. Além disso, em breve, estudantes de direito devem começar a ajudar os estrangeiros com a documentação e todo processo de legalização no Brasil.

Regularização é demorada

Em agosto, governo criou comitê para avaliar situação dos imigrantes em MG

Por RAFAEL ROCHA | ESPECIAL PARA O TEMPO
08/09/15 - 03:00



Fonte: «<https://www.otempo.com.br/cidades/regularizacao-e-demorada-1.1107129/procurada-empresaria-que-usava-laudos-fraudados-para-obter-isencao-em-icms-1.2208059>. »

Regularização é demorada

Além de terem sido atingidos pela crise econômica, os haitianos que vivem no Brasil também sofrem com uma fila gigantesca no Ministério da Justiça para conseguir ter sua situação regularizada no país. Entidades que atuam na defesa dos imigrantes reclamam da demora do governo federal em avaliar a solicitação de refúgio feita pelos imigrantes que entram pela fronteira, principalmente com o Acre. Atualmente, cerca de 34 mil pedidos estão parados no Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), órgão vinculado ao ministério.

São casos de pessoas que já estão em terras brasileiras, mas cuja documentação não foi formalizada pela burocracia. A informação foi dada pelo Centro Zanmi, que presta assistência aos imigrantes, e confirmada pelo demógrafo e professor da PUC Minas Duval Fernandes, que estuda a imigração haitiana no Brasil. O Ministério da Justiça também confirma a demora, mas diz que está passando por reestruturações para agilizar o processo. O órgão informa ainda que, como os haitianos não são considerados refugiados, os pedidos também aguardam validação do Conselho Nacional de Imigração.

Sem a aprovação do refúgio, um haitiano não consegue emitir seu Registro Nacional de Estrangeiro (RNE), documento de identidade necessário para quem deseja trazer a família ao Brasil. Além da solicitação de refúgio, demandada por haitianos que entram no Brasil por terra, os pedidos de visto humanitário, feitos na embaixada brasileira no Haiti, também sofrem com a demanda elevada. “Em junho foram 680 vistos, mas a partir de outubro esse número deve subir para 2.000”, informa o professor.

Não bastassem tantas dificuldades, os haitianos que vivem no Brasil ainda se dizem vítimas de racismo e xenofobia – preconceito contra estrangeiros. O pedagogo Phanel Georges reclama da forma como alguns

brasileiros tratam os haitianos. “O tratamento em alguns empregos é bem diferente. O povo acha que não vamos fazer um trabalho de qualidade. Tem xenofobia, e isso atrapalha nosso desenvolvimento”, diz ele, morador do bairro Petrolândia, em Contagem, na região metropolitana da capital.

Discriminação. A avaliação é a mesma do psicólogo Bruno Petrocchi, que trabalha no Centro de Referência de Assistência Social (Cras) do bairro São Francisco, em Esmeraldas. “Eles têm autoestima baixa, algo motivado pelo histórico de pobreza do país deles, e também pela discriminação por causa da raça negra. Além de racismo, as crianças são vítimas de bullying na escola”, afirma Nalu de Paula, voluntária do Cento Zanmi. “Chama a atenção o nível de imaturidade relacional, carência afetiva e social apresentado pelos imigrantes”, completa Petrocchi.

A Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Participação Social e Cidadania disse que criou, no mês passado, o Comitê Estadual de Atenção ao Migrante, Refugiado e Apátridas, Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas e Erradicação do Trabalho Escravo (Comitrate). “A maior reivindicação deles é aprender nossa língua. Vamos procurar aumentar a rapidez desse aprendizado”, informou o secretário Nilmário Miranda. ‘É triste ver um homem chorar de fome’

Com quase todos os cômodos da casa lotados de mantimentos e roupas, a residência da enfermeira aposentada Maria Luiza da Silva, 65, pode ser confundida com um depósito de ajuda a imigrantes. Ao chegarem ao imóvel, no bairro Petrolândia, em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, os haitianos sabem que ali vão encontrar a “mãe”, como chamam carinhosamente Maria Luiza.

“Já fiquei das 7h às 21h aqui só atendendo quem precisava”, diz a enfermeira em meio a pacotes de arroz, feijão e papel higiênico. Sempre ao lado, a enfermeira conta com a ajuda da mãe e braço direito, a aposentada Almerita Domingos, 86. Boa de conversa, Maria Luiza chegou a convencer um padre a doar o dízimo de um mês inteiro para ajudar os imigrantes.

Segundo Maria Luiza, 90% dos haitianos que batem a sua porta chegam com anemia, o que ela tenta combater dando a eles farinha enriquecida. “Costumo levá-los ao posto de saúde, e esse diagnóstico é comum”, conta. A enfermeira afirma que, como muitos ficaram desempregados nos últimos meses, o quadro piorou. “É muito triste ver um homem chorar de fome”, diz.

BH, minha nova casa